

Macau 澳門

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

ÁGUA RECICLADA ESTREIA-SE EM MACAU

Macau inicia nova fase na sua política
de gestão de recursos com disponibilização
de água reciclada para fins não potáveis



ENTREVISTA

**Presidente do IPIM
quer mais investimento,
melhores convenções**

HENGQIN

**Centro aponta para
países de língua
portuguesa e espanhola**



LITERATURA

**Recordar
a Macau de
Camilo Pessanha**



ESTOU AQUI
Helena Almeida

PRESENÇA E RESSONÂNCIA

24/01 — 26/04 2026



Museo Helga de Alvear, Cáceres

ORGANIZAÇÃO



澳門特別行政區政府文化局
INSTITUTO CULTURAL do Governo da Região Administrativa Especial de Macau

IMPLEMENTAÇÃO



CO-ORGANIZAÇÃO



CURADOR PRINCIPAL

Delfim Sardo

ARTISTAS CONVIDADOS PARA A SECÇÃO RESSONÂNCIA

Macau

Angel, Chan On Kei

Peng Yun

Wong Weng lo

Interior da China

Gao Fuyan

Min Han

Sun Xiaoyu

www.MAM.gov.mo

Museu de Arte de Macau

Avenida Xian Xing Hai, Macau. 10h00 – 19h00 (última admissão às 18h30).
Encerra às Segundas-feiras, aberto nos dias feriados. Entrada livre.

藝博館
MAM





PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social do Governo da Região Administrativa Especial de Macau
Avenida da Praia Grande, n.º 762 a 804, Edifício China Plaza, 15.º andar, Macau

TEL. (+853) 2833 2886 | **FAX** (+853) 2835 5426
info@gcs.gov.mo | www.gcs.gov.mo

DIRECTOR

Wong Lok I

DIRECTORA EXECUTIVA

Amélia Leong

EDITORES EXECUTIVOS

Ana Costa Macedo, Daniel Wong

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

TEAM Publicações e Consultoria Lda.
Avenida da Praia Grande, n.º 763,
Edifício Lun Pong, 9.º andar B, Macau

TEL. (+853) 2835 3934 | **FAX** (+853) 2835 3934
revistamacau@teampublishing.com.mo
www.teampublishing.com.mo

EDITOR

Tiago Azevedo

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Emanuel Graça

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

Katrina Wong

TIRAGEM

750 exemplares

IMPRESSÃO

Tipografia Welfare, Macau

ISSN

0871-004X

Escaneie o nosso código QR e siga-nos nas redes sociais:



FACEBOOK



INSTAGRAM



X

App da Revista Macau disponível em:



Website:



www.revistamacau.com.mo



SUSTENTABILIDADE

DE RESÍDUO A RECURSO: A NOVA VIDA DA ÁGUA

Já há água reciclada a correr nas canalizações de Macau – por agora, só no complexo de habitação pública de Seac Pai Van e no campus da Universidade de Macau. No entanto, o plano é que este recurso possa, até 2035, suprir cerca de 10 por cento das necessidades de água da cidade **8**



Criado hub em Hengqin para empresas chinesas e de mercados de língua portuguesa e espanhola

Novo Centro de Serviços Económicos e Comerciais entre a China e os Países de Língua Portuguesa/Espanhola apresenta entre os trunfos um fundo de mil milhões de renminbi **18**



ENTREVISTA

Países de língua portuguesa, convenções e investimento na agenda do IPIM

Presidente do Conselho de Administração do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento (IPIM), Che Weng Keong, traça linhas de acção para o organismo **34**

No encalço de Camilo Pessanha

No centenário da morte do autor de “Clepsydra”, a Revista Macau busca o poeta pelas ruas e sítios da cidade onde a sua memória persiste **46**

A universalidade de Helena Almeida

Museu de Arte acolhe primeira grande retrospectiva na Ásia dedicada ao trabalho da artista portuguesa **54**



No caminho da excelência

O ténis de mesa em Macau vive actualmente um dos períodos mais estimulantes da sua história **68**



OUTROS TEMAS

Pousada de São Tiago quer ser marco de turismo histórico **24**

China e Brasil procuram aprofundar relação com “Ano Cultural” **28**

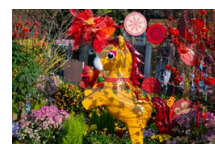
MingYuan: sabores da China em Maputo **42**

Edifício sede do BNU, um século de relevância patrimonial e social **60**

Descobrir o teatro de sombras de Sichuan **66**

FOTOGALERIA

As mil e uma cores do Cavalo de Fogo **74**



+MACAU

Rui Cunha e a cidade que se fez sua **78**

O bacalhau à moda de Macau de Cristiano Tavares **83**

Roteiro **86**

POLÍTICA



O Chefe do Executivo, Sam Hou Fai (dir.), recebe a nova comissária do MNE na RAEM, Bian Lixin (esq.)

Bian Lixin nomeada como comissária do Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Popular da China na RAEM

Bian Lixin é a nova comissária do Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE) da República Popular da China na Região Administrativa Especial de Macau (RAEM). A responsável foi nomeada no final de Janeiro, sucedendo no posto a Liu Xianfa.

Poucos dias após a sua chegada à cidade, Bian Lixin reuniu-se, na Sede do Governo, com o Chefe do Executivo da RAEM, Sam Hou Fai. Os dois trocaram opiniões sobre os assuntos externos de Macau e o sucesso da implementação do princípio “um país, dois sistemas”.

Durante o encontro, que decorreu no início de Fevereiro, Sam Hou Fai salientou o papel que o Commissariado do Ministério dos Negócios Estrangeiros tem desempenhado na RAEM, prestando um forte apoio à cidade e ajudando-a a responder a vários desafios internos e externos.

Com 59 anos, Bian Lixin era anteriormente directora-geral do Departamento de Pessoal do Ministério dos Negócios Estrangeiros. No passado, desempenhou as funções de vice-cônsul-geral da China em Los Angeles, nos Estados Unidos da América. ■

ASSUNTOS SOCIAIS

Governo destaca importância da comunidade macaense

O Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) está empenhado em continuar a dar importância e apoio à comunidade macaense. A garantia foi dada pelo Chefe do Executivo, Sam Hou Fai, durante um encontro, em Fevereiro, com representantes da comunidade.

Sam Hou Fai desafiou os macaenses a participarem activamente na integração entre Macau e Hengqin e na construção da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, aproveitando a nova conjuntura de desenvolvimento da RAEM. O Chefe do Executivo relevou, em particular, o papel da comunidade nas áreas do intercâmbio cultural, dos serviços sociais, do direito, da educação e da restauração.

O mesmo responsável sublinhou que, no processo de integração e serviço de Macau na conjuntura do desenvolvimento do País, a comunidade macaense desempenha um importante papel através das suas vantagens únicas ao nível da língua, da cultura, da gastronomia, do profissionalismo e da interligação com o mundo. ■



Encontro entre o Chefe do Executivo e representantes da comunidade macaense

INVESTIMENTO

Fundo de Orientação Governamental para promover diversificação económica

O Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) anunciou planos para a criação, ainda este ano, de uma nova ferramenta de promoção da diversificação adequada da economia: o Fundo de Orientação Governamental. Entre as metas do fundo estão impulsionar a elevação da qualidade e a modernização de sectores considerados prioritários, apoiar o emprego e promover o desenvolvimento de quadros qualificados em Macau.

As autoridades locais prevêem injectar inicialmente no fundo

um montante de 11 mil milhões de patacas. Estima-se que a dimensão do Fundo de Orientação Governamental seja de 20 mil milhões de patacas, incluindo contributos de capitais privados.

O fundo será supervisionado pelo Chefe do Executivo e contará com uma entidade gestora governamental especificamente responsável pela gestão corrente. Paralelamente, será constituído um conselho de orientação, composto por dirigentes do Governo, profissionais, académicos e representantes de áreas consideradas relevantes. ■

© CHENG KAM LA



FRASE



“Macau encontra-se numa **fase crucial** de aceleração da **diversificação adequada da economia**”

Tai Kin Ip

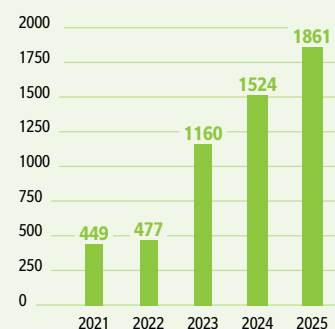
Secretário para a Economia e Finanças

GRÁFICO

Destino de sucesso para convenções e exposições

Convenções e exposições

Número de eventos



FONTE: DSEC

Macau registou um total de 1861 convenções e exposições em 2025, um novo recorde. Esses eventos atraíram 1,47 milhões de participantes e visitantes, mais 10,7 por cento do que em 2024. ■

NÚMERO

103,8 milhões



Número de transacções através de pagamentos móveis realizadas em Macau no quarto trimestre de 2025, tendo o valor médio por transacção sido de 85,4 patacas. ■

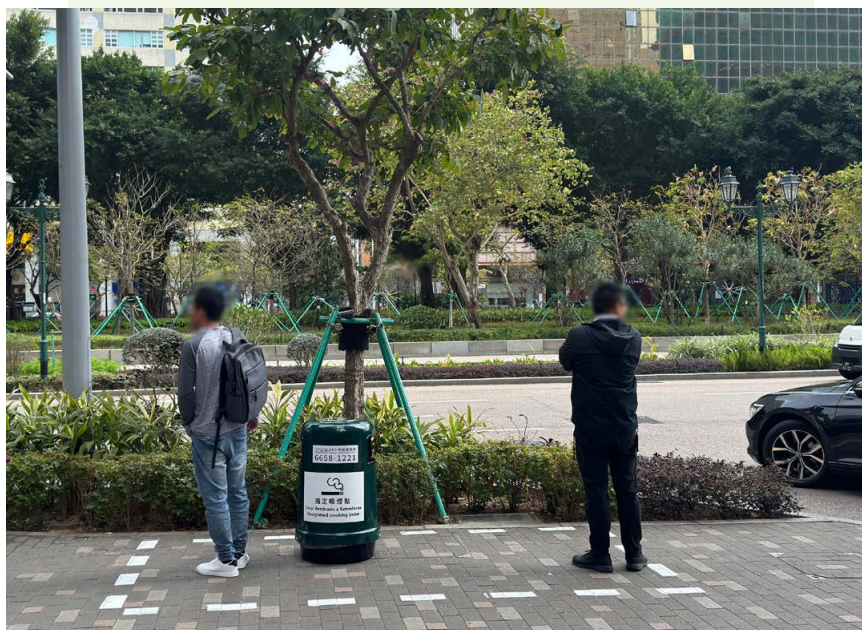


Apoiar a linha da frente

Durante os dias de celebração do Ano Novo Chinês, o Chefe do Executivo, Sam Hou Fai, fez questão de visitar as instalações de vários serviços essenciais, além de diversos bairros da cidade. Nas suas deslocações, Sam Hou

Fai agradeceu ao pessoal da linha da frente pelo seu trabalho, sublinhando a importância desse contributo para o funcionamento eficiente da cidade ao longo do período festivo.

■ CRÉDITO: GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL



Proibido fumar na rua

Os Serviços de Saúde estão a testar, a título experimental, uma “área de proibição de fumar” nas ruas circundantes ao Parque Dr. Carlos D’Assumpção. Nesta zona, é agora proibido puxar do cigarro na via pública, excepto em locais designados. De acordo com os Serviços de Saúde, os resultados deste teste poderão servir de referência para futuras alterações à legislação de controlo do tabagismo.

■ CRÉDITO: SERVIÇOS DE SAÚDE



Esforço reconhecido

Decorreu em Fevereiro a “Cerimónia de Elogio aos Atletas e Treinadores de Macau 2025”, com a presença da Secretária para os Assuntos Sociais e Cultura, O Lam. Foram distinguidos com prémios pecuniários pelo Fundo do Desporto um total de 115 atletas, bem como 25 treinadores, treinadores de formação juvenil e pessoal de apoio técnico, premiando os resultados obtidos em diversas competições.

■ CRÉDITO: INSTITUTO DO DESPORTO

ÁGUA RECICLADA, UM RECURSO VERDE PARA O QUOTIDIANO

Texto **Emanuel Graça**

Desde o dia 1 de Março de 2026 que, pela primeira vez, a água reciclada passou a integrar a rede pública de abastecimento de Macau, marcando um avanço no aproveitamento dos recursos hídricos. Por agora, o sistema serve o complexo de habitação pública de Seac Pai Van e o campus da Universidade de Macau, estando prevista a sua expansão gradual a outras zonas da cidade

A cor roxa tem um objectivo: permitir uma identificação clara. Dentro daquelas tubagens corre água, sim, mas não água potável, cujos tubos são usualmente de cor branca, cinza prateada ou latão.

O uso do roxo é o padrão internacional para canalização ligada a sistemas de água reciclada e agora já faz parte do quotidiano da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM). Com a chegada de Março, as tubagens – roxas, lá está – de água reciclada do complexo de habitação pública de Seac Pai Van e do campus da Universidade de Macau passaram a ser abastecidas com este tipo de recurso hídrico, para fins de descargas de autoclismo e rega de espaços verdes.

A água reciclada refere-se a águas residuais domésticas tratadas profundamente

de forma a poderem ser reaproveitadas exclusivamente para utilização em fins não potáveis. O respectivo abastecimento é feito em condutas independentes das que transportam a água potável.

Os projectos ligados à água reciclada pretendem contribuir para a reutilização dos recursos hídricos e a redução do consumo de água bruta. Visam igualmente o reforço da estabilidade do sistema de abastecimento de água de Macau e o aumento da capacidade de salvaguardar a sua segurança.

A água reciclada deve ser incolor e inodora. Em Macau, a Sociedade de Abastecimento de Águas de Macau, S.A. – também conhecida por Macao Water – realiza testes diários a esta água e divulga publicamente os respectivos resultados, sendo garantidas a segurança pública e a higiene, sublinha a Direcção



As tubagens onde é transportada a água reciclada distinguem-se pela sua cor roxa



A água reciclada pode ser usada em descargas de autoclismo

dos Serviços de Assuntos Marítimos e de Água (DSAMA), a entidade governamental encarregue de supervisionar o projecto de adopção de água reciclada na cidade.

EXPANSÃO JÁ NOS PLANOS

A primeira fase da Estação de Água Reciclada de Coloane entrou em funcionamento na RAEM no dia 1 de Março de 2026. Tendo em conta que a matéria-prima para a produção de água reciclada é o produto das estações de tratamento de águas residuais (ETAR) da cidade, a primeira fase da Estação de Água Reciclada de Coloane foi construída junto da ETAR naquela parte da RAEM.

Por agora, a capacidade de abastecimento da primeira fase da estação de água reciclada é de 2500 metros cúbicos por dia. Os trabalhos de elaboração dos planos para a segunda fase da Estação de Água Reciclada de Coloane serão iniciados em 2026. Com a conclusão da segunda fase, a capacidade passará para 15 mil metros cúbicos por dia, estando previsto que o sistema de abastecimento de água reci-

clada passe a abranger também os lotes junto da Avenida Wai Long, na Taipa, e o Cotai. A data concreta do início do abastecimento será determinada conforme o andamento das obras de beneficiação da ETAR de Coloane.

Para o futuro, está prevista a construção de uma outra estação de água reciclada, desta feita na Ilha Artificial da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau, cujo planeamento também será iniciado em 2026. A sua capacidade será de 25 mil metros cúbicos por dia, assegurando o abastecimento de água reciclada às Zonas A, B, C, D e E dos Novos Aterros Urbanos e à habitação para alojamento temporário do lote P da Areia Preta. A data concreta do início do fornecimento será determinada em função do andamento da construção da ETAR da Ilha Artificial da Ponte.

No caso da Zona A dos Novos Aterros Urbanos, a rede de abastecimento de água reciclada está já a ser assentada em simultâneo com os respectivos arruamentos.

Os planos visam um desenvolvimento gradual do sistema, mas com a meta de,

Onde já há água reciclada?

Habitação pública de Seac Pai Van

- Edifício Koi Nga
- Edifício Lok Kuan
- Edifício Ip Heng
- Escola Oficial de Seac Pai Van
- Centro de Actividades Pedagógicas de Línguas
- Centro de Actividades do Ensino Técnico-Profissional
- Complexo Comunitário de Seac Pai Van
- Edifício de Serviços Sociais e de Saúde de Seac Pai Van

Campus da Universidade de Macau

- Universidade de Macau
- Posto Operacional do Corpo de Bombeiros da Ilha de Hengqin
- Posto do Corpo de Polícia de Segurança Pública do Novo Campus da Universidade de Macau

até 2030, o consumo de água reciclada representar 5 por cento do consumo total de água de Macau, ultrapassando os 10 por cento até 2035.

EM SINTONIA COM O PAÍS

A adopção da utilização da água reciclada em Macau surge como uma das iniciativas incluídas nas “Linhas de Acção Governativa para o Ano de 2026”, com diversos projectos associados integrados no plano de trabalhos do Governo da RAEM. Tal segue a política nacional a este respeito, que tem como prioridades a conservação de água, a segurança do abastecimento e o reforço da utilização de fontes de água não convencionais.

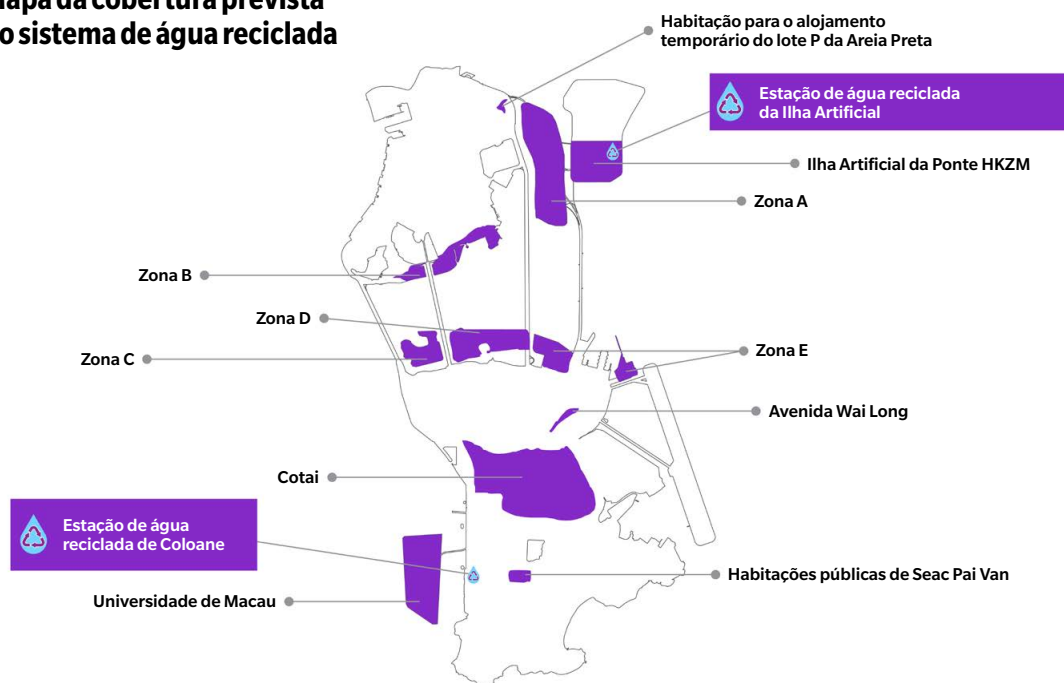
No Interior da China, diversas províncias e municípios têm vindo a desenvolver e implementar com sucesso projectos de aproveitamento de fontes de água não convencionais, como é o caso das cidades

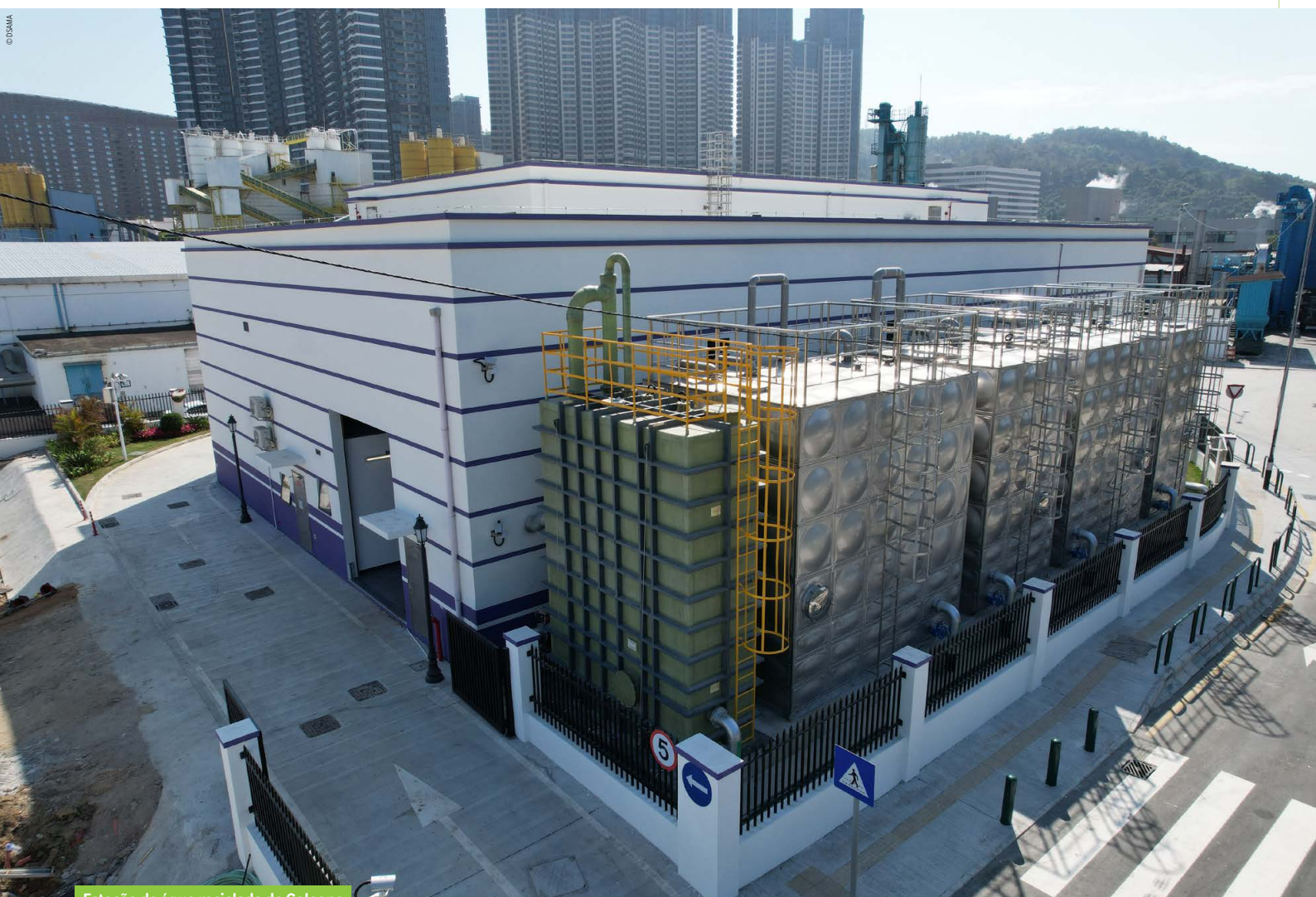
de Pequim ou Shenzhen. Hong Kong é outro exemplo de adopção deste tipo de iniciativas.

No plano de segurança da água na Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, datado de Dezembro de 2020, definem-se como metas aumentar a exploração de água de fontes não convencionais e incorporar estas fontes na alocação unificada de recursos de água. É também referida a necessidade de acelerar a renovação e construção de instalações de esgotos urbanos e reciclagem de água, dando prioridade ao uso de água reciclada em zonas verdes urbanas. O objectivo é que, até 2035, o uso de água de fontes não convencionais possa representar mais de 10 por cento do abastecimento total de água na Grande Baía.

Os planos de desenvolvimento de um sistema de água reciclada em Macau começaram, de resto, a ser preparados há mais de uma década. A iniciativa

Mapa da cobertura prevista do sistema de água reciclada





Estação de água reciclada de Coloane

está também mencionada no “Segundo Plano Quinquenal de Desenvolvimento Socioeconómico da Região Administrativa Especial de Macau (2021-2025)”. No documento, é mencionada a promoção da recolha, reciclagem e reuso de resíduos, incluindo de águas residuais.

Para concretizar a utilização da água reciclada, o Governo da RAEM promulgou, em Agosto do ano passado, o “Regulamento técnico de abastecimento e de drenagem de águas”, que inclui as “Disposições técnicas sobre sistema de distribuição pública de água reciclada”, as “Disposições técnicas sobre sistema pre-

dial de distribuição de água reciclada” e as “Regras referentes aos critérios e fiscalização de qualidade de água reciclada”. Estes instrumentos normativos estabelecem os requisitos técnicos aplicáveis à concepção, instalação, identificação, teste e qualidade da água dos sistemas de abastecimento de água reciclada.

Olhando para o futuro, o objectivo passa por criar maior valor no que toca à água reciclada, promovendo o desenvolvimento sustentável da RAEM. A meta governamental a longo prazo é construir uma cidade de Macau mais orientada para a poupança de água. ■

“O Governo continuará a **expandir a aplicação da água reciclada**”

Texto **Cherry Chan**

A directora dos Serviços de Assuntos Marítimos e de Água, Susana Wong Soi Man, sublinha a importância de apostar na utilização de água reciclada em Macau, face ao aumento previsto da procura por água bruta. A responsável acrescenta que as autoridades têm em curso estudos procurando alargar o leque de situações em que este tipo de recurso pode ser usado.

Quais foram as principais razões para a introdução de um sistema de água reciclada em Macau?

O consumo de água em Macau continua a aumentar, com o volume de água bruta fornecida pelo Interior da China à cidade a atingir aproximadamente 103 milhões de metros cúbicos em 2025. Isso representa um aumento de 79,4 por cento em comparação com o volume fornecido na altura do estabelecimento da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM).

O desenvolvimento de um sistema de água reciclada representa uma iniciativa política fundamental do Governo para promover a reciclagem dos recursos hídricos e salvaguardar a segurança do abastecimento de água. A sua adopção constitui uma medida significativa no âmbito da utilização eficiente da água e da protecção ambiental, transformando resíduos em recursos valiosos e servindo como um passo crucial para construir uma cidade mais orientada para a poupança de água.

Qual é a importância estratégica desta iniciativa?

Macau depende actualmente do Interior da China para 98 por cento do seu abastecimento de água bruta. Com os fenómenos meteorológicos extremos a tornarem-se cada vez mais frequentes, aliados à crescente procura por recursos hídricos devido ao desenvolvimento económico, têm surgido desafios ao fornecimento de água à RAEM. Por conseguinte, para garantir a segurança

e a estabilidade do seu abastecimento, Macau não deve apenas contar com o apoio substancial do País, mas deve também implementar activamente medidas para diversificar as fontes de acesso a água e promover eficiência no consumo, a fim de enfrentar os problemas ligados à escassez deste recurso e elevada procura.

Que benefícios ambientais se podem esperar da utilização de água reciclada?

Com o início do abastecimento de água reciclada e a subsequente expansão do seu âmbito de fornecimento e aplicações, prevemos que, até 2030, a utilização de água reciclada atinja até 14 mil metros cúbicos por dia, representando 5 por cento do consumo total de água em Macau. Até 2035, prevê-se que o uso de água reciclada atinja 28 mil metros cúbicos, representando 10 por cento do consumo total de água da cidade. Isso reduzirá a dependência de fontes de água bruta e aumentará a resiliência do sistema de abastecimento de água.

Por que razão as habitações públicas de Seac Pai Van e o campus de Hengqin da Universidade de Macau foram seleccionados como locais-piloto para o uso de água reciclada?

O abastecimento de água reciclada requer um sistema de tubagem dupla, no qual tubagens separadas fornecem água reciclada e água potável aos utilizadores. Devido à falta de espaço e às condições no terreno, não tem sido possível instalar esse tipo de condutas nas zonas mais antigas da RAEM. Apenas os edifícios localizados em novas zonas possuem as condições necessárias para a instalação de tubagens de água potável e água reciclada.

As habitações públicas de Seac Pai Van e o campus de Hengqin da Universidade de Macau foram as duas primeiras grandes áreas de desenvolvimento

“Prevemos que, até 2030, a utilização de água reciclada atinja até 14 mil metros cúbicos por dia, representando 5 por cento do consumo total de água em Macau”

SUSANA WONG SOI MAN

Directora dos Serviços de Assuntos Marítimos e de Água



urbano público desde o lançamento de planos para o desenvolvimento de um sistema de água reciclada, o que possibilitou criar aí as condições para a instalação do sistema de tubagem dupla. A rede de tubagem que liga a Estação de Água Reciclada de Coloane a Seac Pai Van e à Universidade de Macau foi concluída em 2024.

De que forma é que as experiências destes dois locais vão servir de base para futuros planos de expansão do sistema?

A experiência adquirida na aplicação pioneira do sistema de água reciclada a estas duas zonas – abrangendo tecnologia, dados, coordenação e

publicidade – vai fornecer evidências reais altamente valiosas para a sua expansão para outras áreas. Além disso, a implementação bem-sucedida nestes dois locais irá incutir confiança nos residentes no que toca à adopção do uso de água reciclada, facilitando implementações futuras e melhorando o nosso trabalho.

Que utilizações estão previstas para a água reciclada?

Actualmente, a água reciclada é utilizada para descargas de autoclismo e para a irrigação de espaços verdes. Olhando para o futuro, temos em curso um programa de investigação que visa expandir as aplicações da água reciclada, explorando o seu uso no âmbito de elementos paisagísticos – tais como lagos artificiais e fontes – e dos sistemas de refrigeração utilizados pelas grandes empresas de entretenimento e lazer da cidade. O objectivo é conservar ainda mais os preciosos recursos de água doce e melhorar a segurança do abastecimento à RAEM.

No que toca à qualidade e segurança, a que normas está sujeita a água reciclada em Macau?

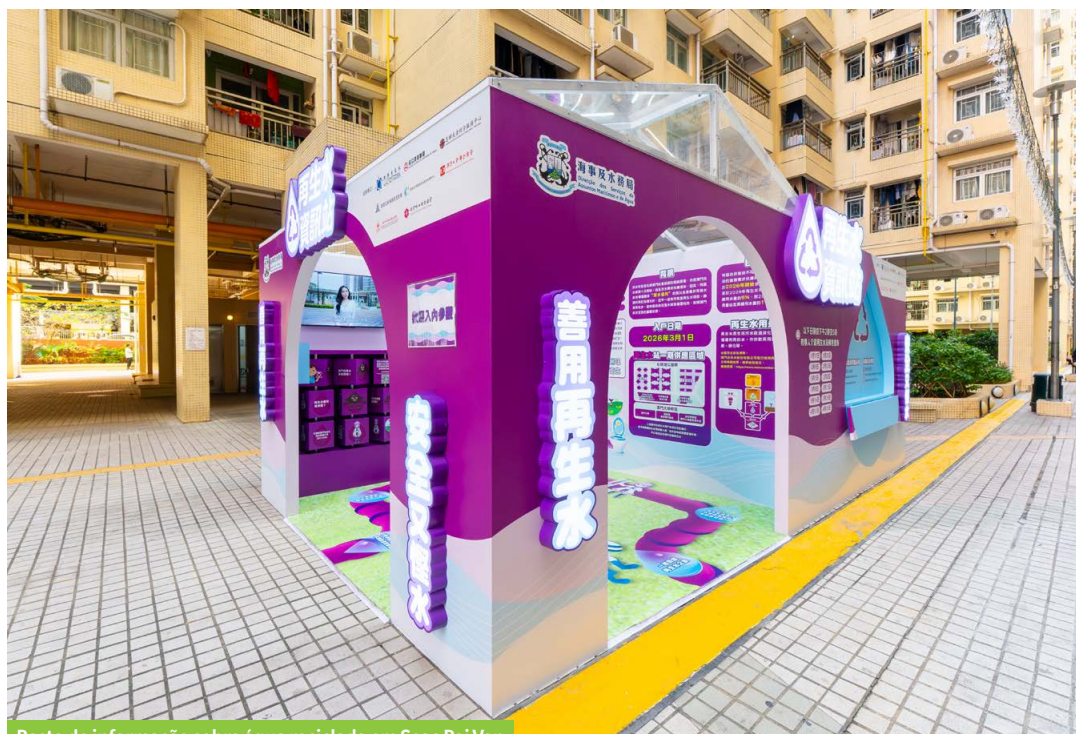
As normas de qualidade da água reciclada em Macau são definidas com base nas normas nacionais, garantindo

a coerência com os requisitos do País. Essas normas abrangem parâmetros como indicadores microbiológicos e de desinfecção, para assegurar que a água cumpre os requisitos estipulados de higiene e segurança. Os departamentos governamentais relevantes e a empresa de fornecimento de água realizam inspecções de acordo com protocolos estabelecidos. Existem instrumentos de monitorização implantados ao longo de toda a operação para providenciar vigilância em tempo real da qualidade da água, garantindo a sua respectiva consistência e segurança.

Quanto se espera economizar anualmente em recursos hídricos com a adopção da água reciclada em Seac Pai Van e na Universidade de Macau?

Estima-se que Macau poupará aproximadamente 600 mil metros cúbicos de recursos de água doce anualmente. Este valor é calculado com base no consumo actual de água para descargas sanitárias e rega nas duas áreas em causa e equivale a cerca de 0,7 por cento do consumo anual de água na cidade.

Com os avanços tecnológicos e a melhoria gradual das infra-estruturas, o Governo continuará a expandir a aplicação da água reciclada e a considerar a extensão



Posto de informação sobre água reciclada em Seac Pai Van

da sua utilização para além das descargas sanitárias e irrigação de espaços verdes. Prevê-se que o consumo de água reciclada aumente no futuro, ajudando a reduzir a procura por água bruta, a melhorar a estabilidade geral do abastecimento e, simultaneamente, a promover a utilização sustentável dos recursos hídricos em Macau.

Uma vez que se trata do primeiro caso de aplicação de água reciclada na RAEM, que campanhas promocionais foram realizadas?

A água reciclada é um conceito novo para os residentes de Macau. Nos últimos anos, a Direcção dos Serviços de Assuntos Marítimos e de Água tem promovido activamente noções ligadas à água reciclada através de diversos canais, incluindo eventos online e offline, programas escolares de educação para a conservação de água, uma página electrónica dedicada à água reciclada, conteúdos em redes sociais e divulgação noticiosa.

Em preparação para o fornecimento de água reciclada às habitações públicas de Seac Pai Van e à Universidade de Macau, reforçámos os nossos esforços promocionais desde Dezembro de 2025, alargando os meios de divulgação à televisão, rádio, websites, plataformas

de redes sociais, cartazes, autocarros, paragens de autocarro, aplicações móveis e questionários online. Dada a significativa população idosa em Seac Pai Van, utilizámos o serviço postal para garantir que folhetos informativos fossem entregues nas caixas de correio de todas as famílias. Também colaborámos com a companhia de fornecimento de água para promover informações sobre o uso da água reciclada através de espaços publicitários nas contas de água.

Além disso, criámos estações de informação dedicadas à água reciclada nas habitações públicas de Seac Pai Van e na Universidade de Macau. Estas estações fornecem informações sobre a água reciclada, nomeadamente através de exposições interactivas e serviços de atendimento no local, oferecendo aos residentes – especialmente aos idosos de Seac Pai Van – um apoio acessível, atencioso e presencial.

Também coordenámos proactivamente com a Universidade de Macau várias iniciativas promocionais no campus, utilizando canais físicos e digitais para garantir que todos os estudantes, funcionários e membros do corpo docente recebessem informações sobre água reciclada. ■



A rega de espaços verdes no campus da Universidade de Macau vai passar a ser feita com água reciclada

VER
VÍDEO
AQUI



Macao Water garante água reciclada de qualidade

Texto **Cherry Chan**

Fotografia **Lei Heong leong**

Saída de comemorar o seu 90.º aniversário no ano passado, a Sociedade de Abastecimento de Águas de Macau, S.A. – mais conhecida por Macao Water – abraça agora um novo desafio: gerir o sistema de água reciclada da cidade. De acordo com Jacky Lei Chi Tou, director-geral adjunto da empresa, mesmo que esta forma de água não seja destinada ao consumo humano, o objectivo passa por assegurar elevados padrões de qualidade.

A Macao Water, de capitais privados, tem a concessão do abastecimento de água potável à Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) até 2030. A isso, soma-se agora a área da água reciclada. Como explica Jacky Lei, a empresa é responsável pelo processamento da água proveniente das estações de tratamento de águas residuais – recai sobre si a operação da Estação de Água Reciclada de Coloane –, pelo posterior bombeamento e entrega aos consumidores e, finalmente, pela facturação.

Os clientes da Macao Water podem utilizar água reciclada sem necessidade de cumprir outras formalidades, desde que em edifícios já ligados à rede. No que toca às tarifas, o uso de água reciclada é pago, mas beneficia de um valor mais baixo do que a água potável: a tarifa de água reciclada corresponde a 85 por cento da tarifa de água potável, segundo estipulado por ordem executiva.

Tarifas de utilização de água reciclada

Tipo de utente	Taxa por m3 consumido (patacas)
Consumo de água residencial	3,81
Consumo de água geral não residencial	5,13
Consumo de água especial	6,59

O valor total a pagar pela utilização de água reciclada é calculado por tipo – consumo residencial, não residencial ou especial –, seguindo o mecanismo utilizado para a água potável. No caso do consumo de água residencial, a tarifa da água reciclada não é calculada por escalões de consumo, mas apenas de acordo com o primeiro escalão da tarifa de utilização de água potável.

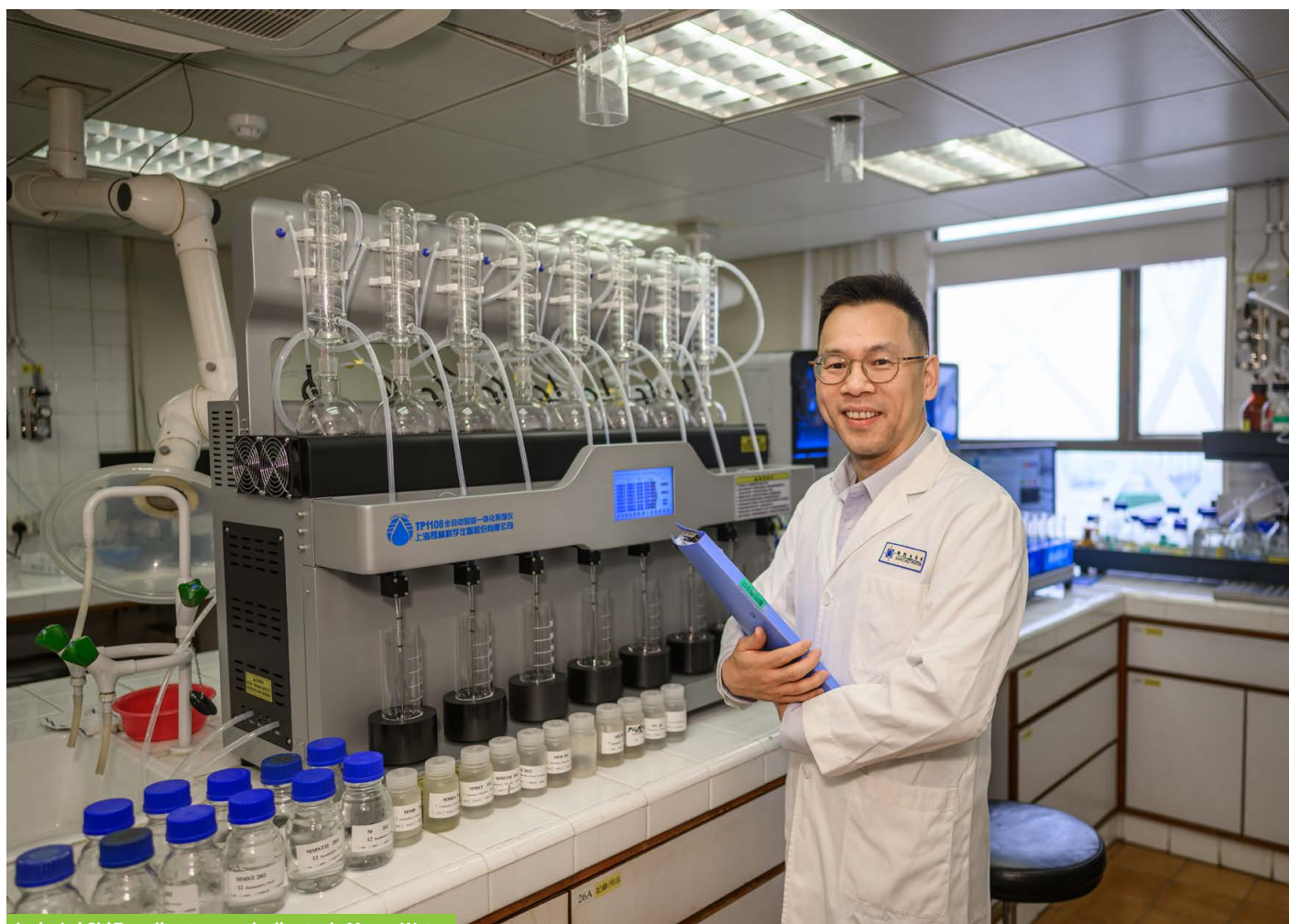
Em cada factura emitida pela Macao Water, serão discriminados o volume e o custo do consumo de água potável e de água reciclada pelos clientes elegíveis. O utente terá apenas de efectuar um único pagamento, no valor conjunto total.

Padrões de qualidade

O critério de qualidade da água reciclada em Macau tem como referência os padrões em vigor no Interior da China, nomeadamente a norma GB/T 18920-2020. Para assegurar a conformidade com estes níveis, são realizados testes diários à água reciclada saída da estação de Coloane.

Por exemplo, estão definidos valores para a turbidez, qualidade que se relaciona com a perda de clareza por parte da água devido à presença de partículas em suspensão. A turbidez é tipicamente expressa em NTU e, no caso da água reciclada em Macau, deve ser igual ou inferior a 5 NTU. Além disso, não podem ser detectados vestígios da bactéria *Escherichia coli* (E. coli), o principal indicador de contaminação fecal em água.

A desinfecção da água reciclada é um dos passos finais antes da sua disponibilização ao público. Os critérios de qualidade adoptados pela RAEM estipulam um valor de concentração de cloro residual igual ou superior a 1.0 miligramas por litro como indicador de higiene e para assegurar a existência de uma barreira sanitária adequada. Para o pH, é estipulado um intervalo entre 6 e 9.



Jacky Lei Chi Tou, director-geral adjunto da Macao Water

De acordo com Jacky Lei, os tratamentos aplicados à água para reciclagem não são uma réplica daqueles utilizados em relação à água potável. No entanto, refere o responsável, há partes da experiência adquirida pela Macao Water no processamento da água para consumo humano que podem ser aplicadas ao sistema de água reciclada. Um exemplo é a automação de processos.

“A operação toma como referência a água potável: monitorizamos o processo de produção e todas as diferentes etapas através de sistemas automatizados, tudo com acompanhamento através de análises detalhadas”, diz.

Com a água reciclada já a correr nas tubagens roxas do complexo de habitação pública de Seac Pai Van e no campus da Universidade de Macau, Jacky Lei explica que estas

operações-piloto, de pequena escala, vão permitir à Macao Water ganhar competências na gestão deste tipo de sistemas.

“Estas duas áreas funcionam como uma experiência. Quando conseguirmos operar ao nível desta escala, na fase seguinte, quando expandirmos as operações, saberemos como proceder”, garante.

O processo de aprendizagem, de resto, tem sido contínuo. Jacky Lei refere que, ao longo da implementação da primeira fase do sistema, têm vindo a ser realizadas por parte da Macao Water revisões da respectiva eficácia operacional, bem como ajustes para garantir a preparação para o futuro. “O Governo já tem um plano muito abrangente para o abastecimento de água em Macau”, sublinha o executivo da Macao Water. ■

CENTRO EM HENGQIN QUER LIGAR CHINA A PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA E ESPAÑHOLA



O centro possui uma área de 250 mil metros quadrados, distribuídos por nove modernas torres

O novo Centro de Serviços Económicos e Comerciais entre a China e os Países de Língua Portuguesa/Espanhola quer provar que “um mais um” pode resultar em três. Aproveitando o sistema jurídico de Macau e a pujança industrial de Guangdong, o centro pretende acelerar a internacionalização das empresas chinesas para os países de língua portuguesa e espanhola e vice-versa. No seu arsenal, conta com um fundo de mil milhões de renminbi

No coração de Hengqin, onde modernas torres de vidro e aço servem de traves-mestras para um novo paradigma de cooperação entre Macau e o Interior da China, ergue-se o Centro de Serviços Económicos e Comerciais entre a China e os Países de Língua Portuguesa/Espanhola (CECPS), cuja operação arrancou na segunda metade do ano passado. No interior deste complexo de quase 250 mil metros quadrados, distribuídos por nove torres, procura-se contribuir para a materialização da estratégia “Macau + Hengqin”.

O centro nasceu com o propósito de aprofundar as relações

comerciais entre a China e os países de língua portuguesa e espanhola, oferecendo uma plataforma de serviços integrados “one-stop”. Devido à sua localização na Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin, o CECPS beneficia de um conjunto de políticas especiais, únicas no Interior da China, visando aproveitar as vantagens disponibilizadas pela província de Guangdong e pela Região Administrativa Especial de Macau (RAEM).

O CECPS destina-se a empresas chinesas que pretendam expandir-se para os países de língua portuguesa e espanhola, bem como a companhias desses países que procurem entrar na China. Em ambos os casos, o objectivo é assegurar às empresas apoiadas uma maior eficiência no seu processo de expansão, reduzindo o risco e menorizando os custos.

A estrutura de funcionamento do CECPS distingue-se pelo modelo de “orientação governamental e operação de mercado”. Ng In Cheong, directora adjunta dos Serviços de Assuntos Jurídicos da Zona de Cooperação e uma das responsáveis pelo centro, explica que esta filosofia é vital para a estratégia seguida pelo CECPS.

“Sob o contexto governamental, podemos utilizar os nossos recursos para contactar governos no Interior da China e no estrangeiro, bem como associações comerciais e consulados”, afirma a responsável. Esta chancela oficial pode acelerar processos complexos, como a fa-

cilitação de vistos de negócios ou a articulação com embaixadas, exemplifica.

Ng In Cheong esclarece que o CECPS funciona em complementaridade com o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum de Macau), com sede na RAEM. Enquanto o Fórum de Macau, assente no seu Secretariado Permanente, é uma organização de cariz governamental baseada em relações diplomáticas de alto nível entre as nações participantes, o CECPS foca-se no apoio directo e individualizado ao sector privado, diz.

“O Fórum de Macau não trata de consultas específicas para empresas individuais. O nosso centro oferece um serviço ‘pés no chão’; se uma empresa tem um pedido concreto, nós fornecemos assistência personalizada”, sublinha a responsável.

EFEITO MULTIPLICADOR

A vantagem estratégica do CECPS, segundo os seus responsáveis, reside no aproveitamento e maximização das diferentes políticas e realidades providenciadas pela RAEM e Hengqin. Enquanto Macau faculta a sua herança cultural e linguística, bem como um sistema jurídico similar ao dos países de língua portuguesa, Hengqin proporciona acesso ao mercado de Guangdong e a uma infra-estrutura industrial robusta.

“A união de Macau e Hengqin não é apenas ‘1+1=2’; pode ser ‘1+1=3’ – ou mais”, afirma Ng

In Cheong. O aproveitamento destas sinergias permite que as empresas utilizem a RAEM como porto franco, ao mesmo tempo que usufruem dos incentivos fiscais disponibilizados por Hengqin, que incluem uma taxa reduzida de 15 por cento para o imposto sobre o rendimento de pessoas colectivas e singulares, aplicável a sectores considerados prioritários. Essa taxa está abaixo do valor padrão de 25 por cento aplicável no resto do Interior da China.

O CECPS proporciona um suporte físico excepcional às empresas apoiadas. O complexo dis-



“O nosso centro oferece um serviço ‘pés no chão’; se uma empresa tem um pedido concreto, nós fornecemos assistência personalizada”

NG IN CHEONG

Directora adjunta dos Serviços de Assuntos Jurídicos da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin

põe de escritórios de classe 5A (o padrão mais elevado no Interior da China), além de centros de convenções, apartamentos de qualidade internacional e até infra-estruturas de lazer como ginásios e piscinas exteriores.

As empresas que se estabelecem no centro podem beneficiar de subsídios de arrendamento significativos, facultados pela Zona de Cooperação: de acordo com uma política que entrou em vigor em Janeiro deste ano e com duração até ao final de 2028, os apoios podem ascender até 80 renminbi por metro quadrado de espaço de escritório.

Além das infra-estruturas, o CECPS actua como uma plataforma de serviços especializados. Através de uma rede que integra mais de 50 instituições profissionais, o centro providencia consultoria jurídica, contabilística, fiscal e ao nível dos recursos humanos, além de serviços de tradução e interpretação. Este “pacote” de apoio visa reduzir drasticamente os custos e riscos de entrada para as empresas da China que pretendam apostar nos mercados dos países de língua portuguesa e espanhola, bem como para companhias dessas nações que desejem expandir-se para solo chinês. “Criámos um ecossistema onde a empresa pode ter residência e operações e prosperar num único local”, sublinha Ng In Cheong.

Entre os parceiros, está a PortugalFoods – Associação para a Internacionalização e Inovação Agroalimentar, plataforma empresarial ligada ao sector agroali-

mentar português. O grupo e o CECPS assinaram um protocolo de colaboração em Outubro do ano passado, quando elementos da PortugalFoods se deslocaram às instalações do centro.

O CECPS tem sido alvo de visita por diversas delegações empresariais de países de língua portuguesa: por exemplo, no último trimestre de 2025, 30 representantes de 24 empresas tecnológicas, instituições de ensino superior, incubadoras e associações empresariais do Brasil e de Portugal estiveram no local, no âmbito de uma visita de estudo organizada pela Direcção dos Serviços de Economia e Desenvolvimento Tecnológico da RAEM.

PONTES DE CAPITAL E TALENTO

Um dos pilares estratégicos do trabalho do CECPS é a construção de uma base de dados de recursos humanos qualificados, a qual já conta com os contactos de mais de 600 profissionais bilingues em chinês e português ou espanhol. Este ano, o centro pretende continuar a focar-se na capacitação prática de quadros, através de parcerias com universidades de Macau e do Interior da China.

“Queremos dar aos estudantes formação em operações reais”, revela a directora adjunta Ng In Cheong, acrescentando que o centro está em fase de negociações para viabilizar oportunidades de estágio em empresas nacionais de renome como as tecnológicas Beijing ByteDance Technology Co. Ltd., responsável pela rede social de partilha de ví-



O CECPS pretende capitalizar as vantagens oferecidas pela Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin

deos curtos TikTok, e Meituan, uma das principais plataformas electrónicas de comércio e serviços de consumo no Interior da China. O objectivo é permitir que estudantes universitários participem directamente nas operações destas empresas, potenciando as suas futuras carreiras.

Actualmente, o centro já conta com cinco portadores de Bilhete de Identidade de Residente de Macau na sua equipa, com a entrada de um sexto elemento prevista para breve. Além disso, acolhe dois estagiários de universidades de Macau.

Para lá do capital humano, o CECPS dispõe de um potente motor de financiamento empresarial: o Fundo de Desenvolvimento

Económico e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa/Espanhola, com uma dotação inicial de mil milhões de renminbi. Este fundo destina-se a apoiar projectos em sectores estratégicos como a saúde e a produção industrial avançada.

Um exemplo do trabalho levado a cabo pelo centro prende-se com o apoio disponibilizado à TowardPi (Beijing) Medical Technology Ltd., uma empresa de dispositivos médicos oftalmológicos de ponta, nascida numa incubadora de negócios ligada à Universidade de Tsinghua, na capital chinesa. Com a ajuda do CECPS, a TowardPi Medical conseguiu progredir na implementação de uma base em Portugal,

gerindo com eficácia todo o processo desde a escolha do local até ao recrutamento de recursos humanos, além do cumprimento das regras de conformidade com as normas europeias.

Para este ano, o centro tem prevista a organização de missões empresariais ao Brasil, Espanha e México, com especial enfoque nas áreas tecnológicas.

SIMPLIFICAÇÃO DE FORMALIDADES

No ecossistema proposto pelo CECPS, a sua eficácia operacional depende de parceiros que compreendam as nuances dos mercados dos países de língua portuguesa e espanhola. Um desses parceiros é o IEST Group,

fundado em São Paulo em 2012 e que, desde então, já apoiou mais de 400 companhias, em especial empresas chinesas, na estruturação, expansão e consolidação das suas operações no Brasil.

Tian Bin, director executivo do IEST Group e contabilista certificado no Brasil, destaca que a força da empresa de serviços de consultoria de negócios reside na sua escala e na especialização dos seus quadros. “Temos uma equipa no Brasil com cerca de 40 profissionais bilingues que falam português e chinês, além de mais de 200 colaboradores locais. Actualmente, em todo o Brasil, somos provavelmente a única empresa com esta escala e capaz de oferecer este nível de serviço”, afirma.

Entre os clientes do grupo estão empresas de topo no Interior

da China, como as tecnológicas Alibaba, ByteDance, Kuaishou e JD.com, além de conglomerados estatais como a CRRC, China Railway, China Unicom e China Mobile. A parceria entre o CECPS e o IEST Group visa também permitir ao centro aceder a esta rede de elevado valor.

Para Tian Bin, a parceria do IEST Group com o centro traz benefícios à consultora brasileira. “Como somos uma empresa nascida no Brasil, as empresas na China viam-nos por vezes com alguma preocupação ou desconfiança devido à distância física e ao desconhecimento do mercado brasileiro. A parceria com o CECPS dá-nos mais credibilidade; quando as empresas vêem que somos parceiros do centro, sentem que somos confiáveis.”

A complexidade do mercado brasileiro exige um elevado nível de especialização técnica, considera Tian Bin. “O sistema tributário do Brasil é talvez o mais complexo do mundo”, exemplifica. “Muitas vezes, a dificuldade de comunicação e as diferenças culturais tornam a ‘aterragem’ das empresas chinesas muito penosa. Nós funcionamos como facilitadores desse processo, garantindo que a execução seja eficiente.”

A colaboração com o CECPS já resultou num caso de sucesso: uma empresa que hesitava em entrar no mercado do Brasil devido à complexidade de procedimentos associada ao país conseguiu, após consultoria conjunta proporcionada pelo centro e pelo IEST Group, assegurar a abertura da sua filial em solo brasileiro em apenas dois meses.



“Se o fizéssemos sozinhos, o nosso trabalho seria limitado. Mas com os recursos e o apoio governamental do centro, podemos fazer muito mais. O cliente sente-se seguro para nos confiar projectos de grande escala”, conclui Tian Bin.

CONECTAR START-UPS À GRANDE BAÍA

O CECPS pretende também funcionar como um acelerador para start-ups tecnológicas de países de língua portuguesa e espa-



“Muitas vezes, a dificuldade de comunicação e as diferenças culturais tornam a ‘aterragem’ das empresas chinesas no Brasil muito penosa. Nós funcionamos como facilitadores desse processo”

TIAN BIN

Director executivo da consultora IEST Group

nhola que procurem entrada no mercado da Grande Baía. A SleepUp Tecnologia em Saúde Ltda. é um exemplo: a start-up brasileira escolheu o binómio Macau-Hengqin como porta de entrada para a China.

Especializada no diagnóstico e tratamento de distúrbios do sono através de uma plataforma digital e dispositivos vestíveis – também conhecidos como “wearables” –, a empresa já operava na Europa antes de abordar o mercado chinês. Renata Redondo Bonaldi, directora executiva da SleepUp, encontrou no CECPS o “lugar perfeito” para a expansão do negócio, com base na disponibilidade de infra-estruturas integradas e facilidade de comunicação, sem barreiras linguísticas.

“O CECPS chamou-me a atenção porque me pareceu bastante completo. A receptividade e a velocidade de execução foram excelentes, porque consegui em dois dias abrir a empresa”, revela Renata Redondo Bonaldi. Esta eficiência permitiu que regressasse ao Brasil já com a documentação necessária para gerir a operação remotamente durante a fase inicial.

Para a SleepUp, o CECPS funciona como uma plataforma centralizadora de serviços – desde a consultoria jurídica e tributária até ao apoio na obtenção de vistos. Além das facilidades administrativas, a executiva destaca o valor estratégico de a SleepUp estar inserida num hub que projecta a empresa para novos horizontes. “A região tem



“O CECPS chamou-me a atenção porque me pareceu bastante completo. A receptividade e a velocidade de execução foram excelentes”

RENATA REDONDO BONALDI

Directora executiva da start-up brasileira SleepUp

ganhado bastante visibilidade fora da China, em países como o Brasil, Portugal e o Reino Unido”, afirma.

A trajetória de entrada no Interior da China da start-up brasileira pode servir de modelo para outras empresas de países de língua portuguesa e espanhola que vêem o mercado chinês como distante ou de difícil acesso. “Tenho esse compromisso de explicar e incentivar outras empresas a fazerem este movimento de internacionalização”, diz Renata Redondo Bonaldi, cujos planos incluem uma equipa alargada em Hengqin e aproveitar os incentivos facultados pela Zona de Cooperação. ■

VER
VÍDEO
AQUI



O REACORDAR DA POUSADA DE SÃO TIAGO

Texto **Vitória Man Sok Wa**

Fotografia **Cheong Kam Ka**

Após uma temporada de silêncio, as muralhas da Pousada de São Tiago estão de novo a receber visitantes. A reabertura oficial do hotel-boutique deu-se no ano passado: entre os azulejos minuciosamente restaurados e as experiências gastronómicas, a gerência do espaço quer (re)inaugurar um novo capítulo no turismo patrimonial local



A Pousada fica localizada na Fortaleza de São Tiago da Barra, edificada no século XVII

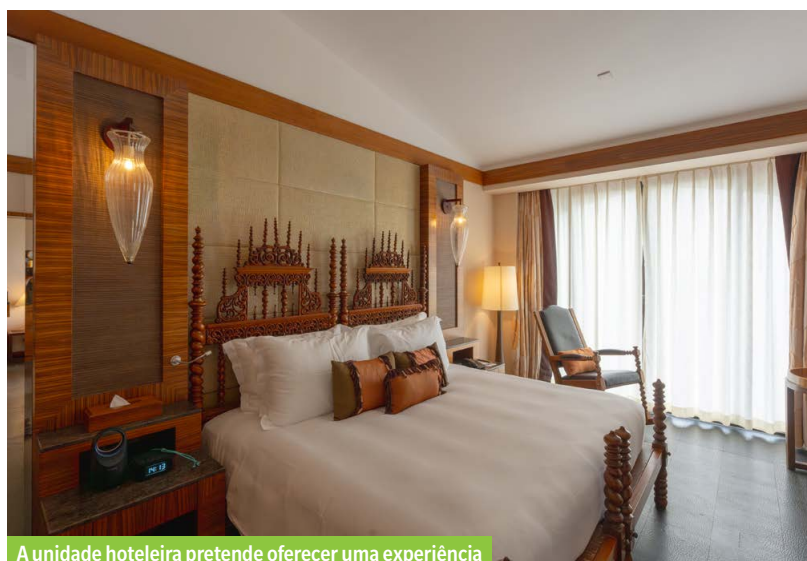
Localizada na zona da Barra, junto ao Templo de A-Má e ao Museu Marítimo, a Pousada de São Tiago ergue-se como testemunho vivo da história de Macau. Outrora fortaleza militar, o espaço procura de novo afirmar-se como hotel de charme, após um interregno que incluiu obras de renovação e um processo de reabertura que se concluiu no ano passado.

Numa altura em que a cidade procura diversificar a oferta turística, a gerência da Pousada de São Tiago diz à Revista Macau querer providenciar valor acrescentado aos visitantes: a aposta de longo prazo é que o espaço se afirme como marco incontornável do turismo histórico e cultural de Macau. Num mercado hoteleiro cada vez mais competitivo, a singularidade da unidade de cinco estrelas reside na sua verdadeira “aura histórica”, é defendido.

Acresce a isso a exclusividade do espaço, com apenas 12 suítes. “Aqui não há o bulício dos centros comerciais, nem a pressa das avenidas modernas; há, sim... um espaço que convida ao afastamento da agitação quotidiana e a mergulhar na contemplação da cultura, da memória e do descanso da alma”, afirma a gerência.

QUATRO SÉCULOS DE HISTÓRIA

O complexo militar que alberga hoje a Pousada de São Tiago foi construído em 1629, no local onde se encontrava anteriormente uma fortificação erigida em 1622. Situada no extremo sul



A unidade hoteleira pretende oferecer uma experiência de turismo histórico e cultural aos seus hóspedes

da península de Macau, no sopé da Colina da Barra, o mar ficava-lhe em frente: no século XX, este afastou-se, devido à implantação de um aterro, no qual seria edificado há menos de uma década o Centro Modal de Transportes da Barra, onde está integrada uma estação do Metro Ligeiro.

Dotada com 16 canhões, a Fortaleza de São Tiago da Barra

era uma das edificações militares mais importantes de Macau em termos estratégicos, pois controlava o acesso marítimo ao Porto Interior, formando uma importante barreira defensiva. Não por acaso, o seu comandante era nomeado directamente pelo Rei de Portugal, sendo a única fortaleza em Macau erigida por ordem régia.

No interior, além das instalações militares, destaca-se a Capela de São Tiago, construída em 1740. Ali repousa uma imagem do santo homónimo, patrono dos militares, envergando farda, espada e escudo em punho. A tradição oral acrescenta-lhe uma lenda: dizia-se que a estátua patrulhava a cidade durante a noite, regressando ao amanhecer, pois todas as manhãs as suas botas estavam enlameadas. Havia assim um soldado de serviço à imagem, para limpar-lhe a lama. Um dia, o militar terá faltado à incumbência e o castigo aplacou-se sobre ele, com a espada que o santo empunhava a cair-lhe na cabeça.

Com o passar do tempo, a fortificação foi gradualmente sendo

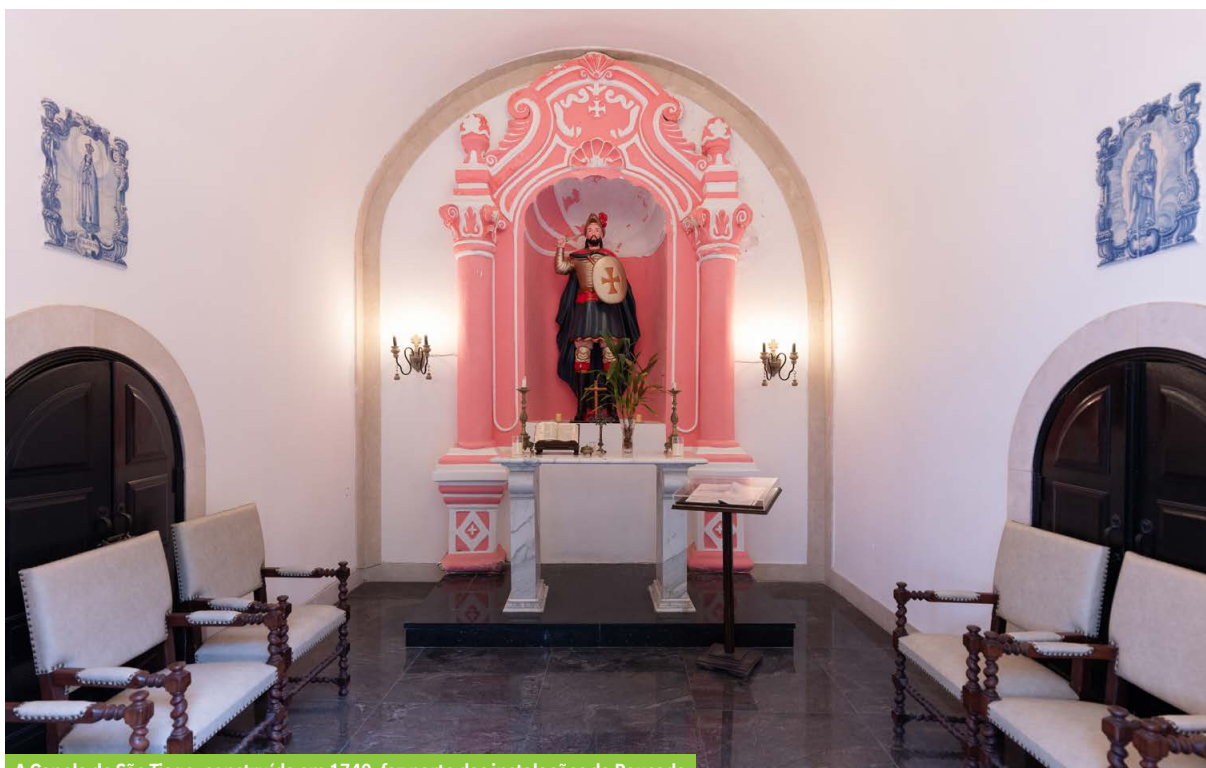
reduzida na sua dimensão, para dar lugar a arruamentos na zona da Barra. Em 1976, a Fortaleza de São Tiago deixou de ser utilizada para fins militares. Poucos anos depois, em 1981, conheceu nova vida: adaptada a hotel-boutique de gestão privada, tornou-se uma referência local no campo da hospitalidade. O projecto de reconversão foi então distinguido pela Pacific Asia Travel Association (PATA) como um caso exemplar de reutilização de um edifício histórico.

A propriedade passou para a alçada do império empresarial do magnata Stanley Ho Hung Sun em 2004. Mais tarde, ficou sob o controlo de Angela Leong On Kei, quarta consorte de Stanley Ho e actual proprietária do espaço.

Em 2017, após mais de três décadas de funcionamento, a Pousada de São Tiago encerrou temporariamente e foi depois alvo de um projecto de renovação. O silêncio prolongou-se até ao fim de 2023, quando voltou a operar, ainda que a título experimental. Finalmente, em Janeiro do ano passado, as portas abriram-se em definitivo.

PATRIMÓNIO VIVO, MISSÃO MODERNA

Segundo a gerência da Pousada de São Tiago, esta nova vida do espaço não se limita a devolver ao público um ícone patrimonial, mas vem antes acompanhada de uma estratégia, é dito em resposta escrita à Revista Macau: “Conservar a essência



A Capela de São Tiago, construída em 1740, faz parte das instalações da Pousada



Chef executivo Jonathan Dominguez, responsável pelo restaurante La Paloma

do património arquitectónico e, através de um design cuidado e de um serviço atento, conquistar o coração de uma nova geração de visitantes.”

A unidade ambiciona criar uma experiência inédita a nível local de turismo cultural, até porque não há em Macau qualquer outro edifício histórico do género reconvertido em hotel. “A Pousada preserva a autenticidade da sua arquitectura original, ao mesmo tempo que integra elementos de design contemporâneo, permitindo que os viajantes sintam a densidade da história, sem abdicar do conforto das comodidades modernas”, é sublinhado pela gerência.

Um dos objectivos é voltar a contar com os muitos clientes internacionais – maioritariamente oriundos de Hong Kong, Japão e Coreia do Sul – que ficavam alojados no espaço antes do encer-

ramento temporário em 2017.

A renovação da Pousada de São Tiago foi um processo complexo. A Fortaleza de São Tiago da Barra está classificada pelas autoridades da Região Administrativa Especial de Macau como monumento, pelo que as obras exigiram um delicado equilíbrio entre a protecção do património e a resposta às exigências crescentes de conforto por parte dos turistas contemporâneos.

Neste percurso, foi essencial a colaboração com as autoridades locais, em particular com o Departamento do Património Cultural do Instituto Cultural. “Muitos detalhes da obra só puderam avançar graças às recomendações técnicas de especialistas, assegurando que a autenticidade da fortaleza não fosse comprometida”, sublinha a gerência da unidade hoteleira.

SABORES A PASSADO E FUTURO

Se as muralhas contam histórias de batalhas passadas, na cozinha da Pousada trava-se hoje a batalha da criatividade gastronómica. À frente desse combate está o chef executivo Jonathan Dominguez, italiano com mais de 20 anos de experiência internacional – incluindo passagem por Portugal – e radicado em Macau há uma década. É a ele que cabe o comando culinário, com uma filosofia que resume o espírito da Pousada: “Honrar a herança do passado, guiando cada criação para a promessa do futuro.”

A seu cargo está o La Paloma, restaurante que cruza a herança portuguesa e influências macaenses com sabores mediterrâ-

nicos, sobretudo italianos, como o faz notar o forno exterior para confecção de pizzas artesanais. “Nunca confie em alguém que não gosta de pizza”, brinca Jonathan Dominguez, citando o avô.

O património gastronómico que o “La Paloma” construiu em Macau ao longo das últimas décadas não é esquecido. O chef recuperou a famosa “paella”, considerada por muitos o prato mais emblemático do restaurante antes de a Pousada ter encerrado em 2017. “A tradição dá-nos identidade; a inovação dá-nos direcção”, explica.

Para lá da cozinha, o chef diz gostar de desempenhar o papel de cicerone, particularmente a clientes que regressam, guiados pelas suas memórias do local. “Quase todos os visitantes locais trazem uma recordação de infância ligada a São Tiago – refeições em família, risos, momentos de felicidade. Saber que a cozinha que hoje criamos se inscreve nessa memória colectiva é algo que me inspira diariamente.”

Como anteriormente, a atmosfera serena da Pousada de São Tiago continua a ser procurada para a celebração de casamentos. “Quando um casal escolhe este espaço para o seu dia mais importante, inscreve o seu amor numa história que já dura há séculos. É como se o casamento se tornasse parte de algo eterno. Imagina poder dizer às novas gerações: ‘A tua trisavó casou aqui, neste jardim da Pousada de São Tiago.’ Só de pensar nisso, sinto arrepios de emoção”, diz o chef Jonathan Dominguez. ■

CULTURA APROXIMA CHINA E BRASIL

Texto **Viviana Chan**

Através do “Ano Cultural China-Brasil”, a decorrer ao longo de 2026 e marcado por intercâmbios académicos, festivais de cinema, iniciativas literárias e programas institucionais, os dois países procuram aprofundar o relacionamento bilateral. Especialistas ouvidos pela Revista Macau destacam o papel da iniciativa na consolidação da confiança mútua e na construção de uma parceria mais sustentável entre a China e o Brasil

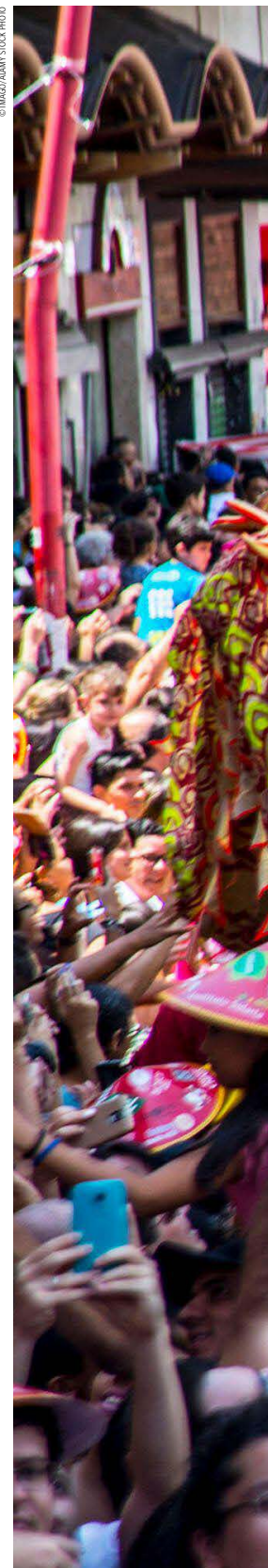
J á arrancou oficialmente o “Ano Cultural e Turístico China-Brasil 2026”, iniciativa promovida por ambos os países ao mais alto nível. Através de um programa diverso, as autoridades das duas nações esperam que a cooperação bilateral nos domínios da cultura, do turismo e do intercâmbio entre povos ganhe novo dinamismo.

A ideia de designar 2026 como “Ano Cultural e Turístico China-Brasil” – também conhecido por “Ano da Cultura e Turismo China-Brasil” ou “Ano Cultural

China-Brasil” – surgiu na sequência do 50.º aniversário do estabelecimento de relações diplomáticas entre a República Popular da China e o Brasil, assinalado em 2024, num contexto em que a parceria bilateral evoluiu para uma “comunidade de futuro compartilhado Brasil-China por um mundo mais justo e um planeta mais sustentável”. A iniciativa prevê a realização de um vasto leque de actividades promovidas por cada um dos países.

Especialistas e observadores ouvidos pela Revista Macau sublinham a impor-

© IMAGO/AMMY STOCK PHOTO





Celebrações do Ano Novo Chinês na cidade brasileira de São Paulo

tância crescente da diplomacia cultural no aprofundamento das relações entre as duas nações. Isto para acompanhar as áreas do comércio e do investimento: a China é o principal parceiro comercial do Brasil desde 2009 e uma das maiores fontes de investimento estrangeiro directo no país.

PARA LÁ DA COOPERAÇÃO TRADICIONAL

Segundo Pedro Steenhagen, analista atento às relações sino-brasileiras, o aprofundamento dos contactos entre os dois países tem contribuído para mudanças positivas na percepção mútua ao nível das respectivas sociedades. “A diplomacia cultural ocupa um lugar de crescente relevância no ecossistema mais amplo do relacionamento entre Brasil e China”, diz o director de desenvolvimento e coordenador do grupo de trabalho sobre as relações China-Brasil e a lusofonia no “think tank” brasileiro Observa China.

Pedro Steenhagen considera que, apesar dos múltiplos acordos nas áreas do comércio, da tecnologia e das infra-estruturas assinados durante as visitas oficiais do Presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva, à China, em 2023 e 2025, e do Presidente chinês, Xi Jinping, ao Brasil, em 2024, a interacção entre as duas sociedades continua a ser relativamente insuficiente. Nesse sentido, defende que “a diplomacia cultural é uma excelente ferramenta para actuar precisamente onde a cooperação considerada mais tradicional e estruturada – ou seja, aquela que envolve áreas como o comércio, os investimentos, as infra-estruturas, a ciência e a tecnologia – encontra os seus limites”.

Para o analista, o “Ano Cultural China-Brasil” deve ser entendido menos como uma iniciativa isolada e mais como um marco de maturação da relação bilateral. “Ele não necessariamente sinaliza a entrada da cooperação bilateral numa nova

fase”, afirma; antes “contribui substancialmente e dá continuidade para a solidificação da fase em que os dois países já se encontram”.

Apesar da distância geográfica, Pedro Steenhagen reconhece sinais de aproximação simbólica ao longo dos últimos anos entre as duas sociedades. “A sensação é que a distância imaginada entre o Brasil e a China começou a diminuir”.

Na sua opinião, o programa do “Ano Cultural China-Brasil” reflecte “a diversificação de áreas e, no bom sentido, o aumento da complexidade” da parceria, tornando-a “mais multisectorial e socialmente enraizada”. Trata-se, segundo afirma, de uma oportunidade para os dois países ampliarem o conhecimento mútuo por meio de eventos culturais variados e do incentivo ao fluxo de visitantes.

Do ponto de vista institucional, o analista salienta os planos para que o “Ano Cultural China-Brasil” inclua a promoção de intercâmbios académicos e artísticos, a valorização dos patrimónios culturais e naturais, o fortalecimento da cooperação cinematográfica e o estabelecimento de rotas turísticas integradas. Contudo, sublinha, “o desafio é tirar tudo do papel”.

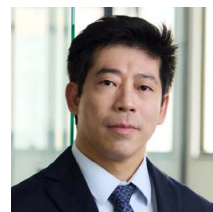
Para Pedro Steenhagen, o sucesso do “Ano Cultural China-Brasil” não deve ser medido apenas pelos resultados tangíveis obtidos em 2026, mas também pela capacidade da iniciativa de “estabelecer as bases para trocas mais profundas nos



“A diplomacia cultural ocupa um lugar de crescente relevância no ecossistema mais amplo do relacionamento entre Brasil e China”

PEDRO STEENHAGEN

Coordenador do grupo de trabalho sobre as relações China-Brasil no “think tank” brasileiro Observa China



“O principal legado esperado do ‘Ano Cultural China-Brasil’ é a consolidação de redes permanentes”

THOMAS LAW

Fundador e presidente do Instituto Sociocultural Brasil-China (Ibrachina)

anos seguintes”. Como áreas com maior potencial de cooperação estruturada, destaca a educação, as indústrias criativas, a tradução e circulação de obras literárias e o turismo cultural e sustentável, além do desporto, em especial o futebol.

Aqui, refere Pedro Steenhagen, pode entrar Macau, com papel estratégico enquanto elo entre o Brasil e a China no âmbito da lusofonia e para lá dela. “Eu torço fervorosamente, e espero contribuir activamente, para que os olhos brasileiros, dos governos aos indivíduos, se abram mais para todas as potencialidades de Macau”, diz.

CONSTRUIR PARA O FUTURO

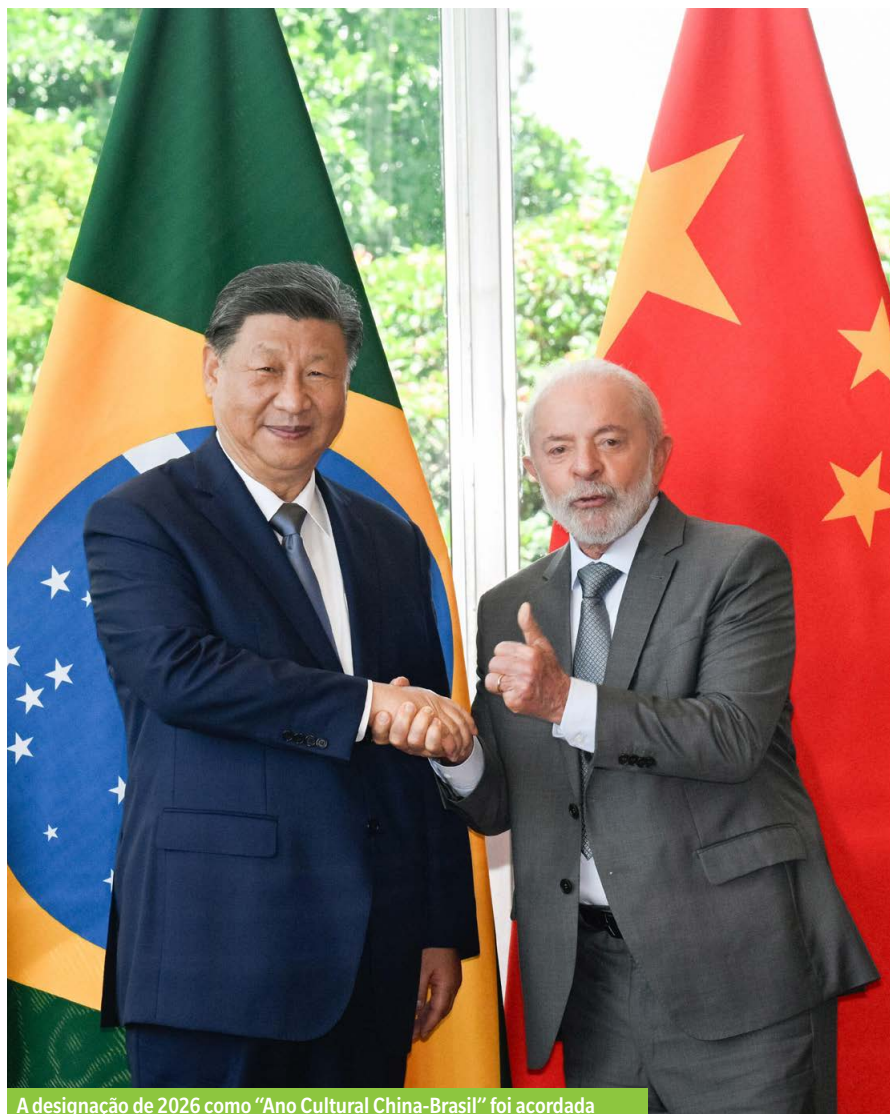
“O principal legado esperado é a consolidação de redes permanentes de cooperação cultural e institucional.” É assim que Thomas Law, fundador e presidente do Instituto Sociocultural Brasil-China (Ibrachina), sintetiza o impacto que antevê do “Ano Cultural China-Brasil”.

Com sede na cidade brasileira de São Paulo, o Ibrachina apresenta como missão promover o intercâmbio sociocultural entre os dois países. Nos últimos anos, a instituição tem organizado uma série de iniciativas voltadas para o reforço do diálogo bilateral, através do ensino da língua chinesa, da promoção artística e de actividades culturais.

Na perspectiva de Thomas Law, o “Ano Cultural China-Brasil” representa “um passo qualitativo na relação bilateral, ao colocar a cultura no centro do diálogo entre os dois países”. Mais do que uma agenda comemorativa, afirma, trata-se

de um reconhecimento de que a aproximação cultural é fundamental para consolidar uma parceria estratégica de longo prazo. “Esta iniciativa permite aprofundar o conhecimento recíproco entre as sociedades chinesa e brasileira”, contribuindo para relações “mais sólidas, equilibradas e sustentáveis, para além do campo estritamente económico”, diz.

No âmbito do “Ano Cultural China-Brasil”, o Ibrachina está a desenvolver, em conjunto com a Secretaria Municipal de



A designação de 2026 como “Ano Cultural China-Brasil” foi acordada em 2024 pelos Presidentes Xi Jinping (esq.) e Luiz Inácio Lula da Silva (dir.)

Cultura e Economia Criativa da Prefeitura de São Paulo e a São Paulo Turismo – a empresa oficial de turismo e eventos da cidade –, um plano plurianual de actividades. O acordo estabelece uma agenda orientada para o intercâmbio cultural, artístico e institucional entre os dois países. Segundo Thomas Law, a proposta “vai além de eventos pontuais e busca estruturar uma programação integrada”, incluindo exposições, espectáculos, concertos, actividades educativas, acções em museus e ocupação de espaços públicos.

A título de exemplo, o responsável menciona um recente espectáculo de música tradicional chinesa realizado na Praça das Artes, em São Paulo, nas vésperas das celebrações do Ano Novo Chinês. A iniciativa levou ao espaço instrumentos tradicionais chineses como a pipa e o guzheng, numa apresentação executada por docentes do Conservatório de Música da China.

Thomas Law destaca que São Paulo “reúne características únicas” para promover o diálogo intercultural. A inclusão do Ano Novo Chinês no calendário oficial de eventos da cidade reforça, segundo afirma, o papel da metrópole como ponte entre as culturas chinesa e brasileira.

Olhando para lá de 2026, o também empresário reitera que, “se bem estruturado, o ‘Ano Cultural China-Brasil’ poderá marcar o início de uma nova etapa” nas relações culturais sino-brasileiras. Isso pode originar um círculo virtuoso: “Iniciativas culturais bem estruturadas ajudam a construir um ambiente mais favorável à cooperação económica”, ao promoverem a compreensão mútua e a confiança, refere.

CALENDÁRIO INTENSO

No quadro do “Ano Cultural China-Brasil”, a China tem vindo a promover diversas iniciativas a nível doméstico destinadas à divulgação da cultura brasileira, com especial destaque para o cinema, a lite-

ratura e as actividades culturais urbanas. Entre o final de Janeiro e o início de Fevereiro, Pequim acolheu a mostra de cinema “Amazónia: Uma Floresta na Tela”, que apresentou sete filmes abordando temas relacionados com a ecologia, a sociedade e a diversidade cultural da floresta amazónica brasileira.

Paralelamente, foi organizada na capital chinesa a série “Diálogo da Literatura Contemporânea China-Brasil”, que reuniu escritores dos dois países. No sector empresarial, marcas como a cadeia chinesa de cafés Luckin Coffee lançaram campanhas promocionais temáticas inspiradas na cultura do Brasil.

Em sentido inverso, o Museu Nacional da República, na ca-



“O actual ‘Ano Cultural’ reflecte inovação e aprofundamento tanto nos métodos como nos objectivos de cooperação”

SOFIA HOU XIAOYING

Investigadora do Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Estudos Internacionais de Xi’an



O intercâmbio musical é um dos destaques no âmbito do “Ano Cultural China-Brasil”

pital brasileira, Brasília, recebeu, em Fevereiro, um evento organizado pelo China Media Group para celebrar o Ano Novo Chinês. A iniciativa, que contou com a presença do embaixador chinês no Brasil e de representantes oficiais brasileiros, incluiu a tradicional dança do dragão, apresentações de wushu, um workshop de roupas tradicionais e uma oficina de caligrafia chinesa.

Para a investigadora Sofia Hou Xiaoying, da Faculdade de Estudos Europeus e do Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Estudos Internacionais de Xi'an, estes eventos ajudam a uma mudança estrutural na cooperação bilateral. "O actual 'Ano Cultural' reflecte inovação e aprofundamento tanto nos métodos como nos objectivos de cooperação", evidenciando a transição de um modelo baseado em projectos isolados para uma abordagem mais sistemática e integrada, defende a académica. Sofia Hou destaca, no caso do turismo – outra das vertentes a promover no âmbito do "Ano Cultural China-Brasil" –, a criação de rotas turísticas integradas e o desenvolvimento de novos segmentos, como o turismo desportivo, inserindo gradualmente a cooperação bilateral em quadros mais amplos.

Quanto às modalidades de implementação, destaca projectos, como a iniciativa "Ligar Culturas: Brasil-China", que recorrem a plataformas digitais para aproximar o público chinês da realidade brasileira.

REDUZIR ASSIMETRIAS

"A China e o Brasil já têm uma relação muito densa no comércio, investimentos e coordenação em fóruns diversos; o ponto frágil costuma ser a assimetria de conhecimento mútuo", afirma Alexandre Coelho, docente de Relações Internacionais ligado à Fundação Armando Alvares Penteado, no Brasil. Na sua perspectiva, isso favorece a formação de estereótipos.

Segundo o académico, a parceria China-Brasil possui conteúdo estratégico em campos tradicionais, mas necessita de um "tecido social" capaz de sustentar a relação. Nesse contexto, cultura, educação, turismo e media funcionam como pilares de legitimidade e estabilidade, nota.

"Quando a relação é percebida apenas como 'minério, soja e tecnologia', ela fica politicamente vulnerável" e pode enfrentar resistência ao nível da opinião pública, do parlamento ou dos governos subnacionais, observa Alexandre Coelho. Para o académico, os intercâmbios culturais ampliam a compreensão entre os vários actores sociais.

"A cultura é um canal de 'public diplomacy' [diplomacia pública]: não substitui poder material, mas reduz custo reputacional", explica, acrescentando que a diplomacia cultural ajuda a mitigar percepções externas desfavoráveis.

No plano institucional, Alexandre Coelho salienta que, ao contrário da diplomacia presidencial ou ministerial, mais concentrada nos governos centrais, a cooperação cultural beneficia de maior capilaridade. "A agenda cultural 'desce' para o nível estadual, das cidades, universidades, museus, festivais, escolas", afirma, permitindo a formação de redes interinstitucionais mais duradouras e menos dependentes da volatilidade política.

Na sua opinião, o "Ano Cultural China-Brasil" pode, assim, representar uma fase de aprofundamento societal da parceria. No entanto, adverte que o impacto da iniciativa dependerá das raízes que deixar. "Um 'Ano' só se torna numa 'nova fase' se produzir instituições permanentes", frisa. ■



"A cultura é um canal de 'public diplomacy' [diplomacia pública]: não substitui poder material, mas reduz custo reputacional"

ALEXANDRE COELHO

Docente de Relações Internacionais ligado à Fundação Armando Alvares Penteado

IPIM NA SENDA DO NOVO CICLO ECONÓMICO DE MACAU

Texto **Cherry Chan** e **Tiago Azevedo**

Pouco mais de seis meses após assumir a presidência do Conselho de Administração do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento (IPIM), **Che Weng Keong** traça um panorama ambicioso para o futuro. Da diversificação industrial à integração regional, passando pelo reforço da cooperação entre a China e os países de língua portuguesa e pela internacionalização da indústria das convenções e exposições, o IPIM aposta em consolidar o papel de Macau como plataforma estratégica

Quais são actualmente as prioridades e os objectivos para o IPIM?

O IPIM tem três funções principais: atrair investimentos; promover a indústria de convenções e exposições; e promover a cooperação, o intercâmbio e o comércio entre a China e os países de língua portuguesa (PLP).

Em termos de atracção de investimentos, o novo executivo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) adoptou várias medidas importantes para acelerar os esforços de diversificação adequada da economia. Tais esforços incluem a criação do Parque Industrial de Investigação e Desenvolvimento das Ciências e Tecnologias de Macau (Parque das Ciências e Tecnologias) e a criação do fundo governamental para as indústrias e do fundo de orientação [para a transformação dos resultados científicos e tecnológicos]. A criação do Parque das Ciências e Tecnologias é uma tarefa crucial para o IPIM, incluindo a

atracção de investimentos em indústrias emergentes, como a saúde, as tecnologias digitais e o sector aeroespacial.

Em termos de convenções e exposições [MICE, na sigla em inglês], Macau é uma cidade que tem recebido inúmeros elogios. No entanto, a questão fundamental para o futuro é como é que esta indústria poderá capacitar outros sectores e a comunidade. Alcançar uma maior internacionalização e profissionalização são também tarefas importantes para nós.

Em termos de cooperação entre a China e os países de língua portuguesa, temos colaborado nas áreas da cultura, sociedade e tecnologia. Olhando para o futuro, temos de pensar como podemos apoiar as empresas do Interior da China na sua internacionalização para estes mercados, enquanto impulsionamos as indústrias locais – incluindo as dos sectores das finanças, contabilidade e direito – para participarem em actividades comerciais.



招商投資促進局

Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento
and Investment Promotion Institute



Che Weng Keong assumiu a presidência do IPI em Julho de 2025

O IPI tem realizado várias actividades no Interior da China para ajudar as empresas na expansão para os países de língua portuguesa. Que tipo de apoio é que estas empresas – especificamente as da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau – procuram?

As empresas do Interior da China desenvolveram capacidades consideráveis em termos de dimensão e a expansão é um passo crucial para o seu futuro. No entanto, devido à barreira linguística e à falta de familiaridade com sistemas jurídicos e fiscais, as empresas da Grande Baía enfrentaram anteriormente desafios na expansão para mercados de língua portuguesa.

Portanto, pretendemos prestar serviços às empresas que procuram expandir tanto para o mercado chinês como para os países de língua portuguesa através de uma “abordagem conjunta” de “serviços + actividades”.

Nos últimos anos, tem-se verificado um aumento no número de empresas do Interior da China,

dos países de língua portuguesa e de Macau que recorrem a este serviço. Notavelmente, o número de empresas brasileiras que tem utilizado o serviço tem crescido significativamente. O número de projectos de cooperação facilitados através deste serviço também aumentou, com as colaborações envolvendo o mercado brasileiro a apresentarem o crescimento mais pronunciado.

Desde a sua criação até ao final de 2025, o serviço “Conduta do Comércio China-PLP” prestou, cumulativamente, apoio a 1709 projectos de 944 empresas do Interior da China, dos países de língua portuguesa e de Macau.

Em 2025, este serviço prestou apoio a 320 projectos de mais de 190 empresas do Interior da China, dos países de língua portuguesa e de Macau, um aumento de quase 12 por cento em comparação com 2024. Projectos relacionados com o Brasil aumentaram de 51, em 2024, para 74, no ano passado, um crescimento de quase 45 por cento.

O IPI também facilitou a implementação de vá-

rios projectos através de uma abordagem abrangente, incluindo o incentivo às principais empresas de materiais de construção e mobiliário da lista das 500 maiores empresas da China a estabelecerem fábricas em países de língua portuguesa, bem como apoiando empresas de cereais e óleos, classificadas entre as dez maiores do país, a adquirirem produtos agrícolas a granel.

Além de organizarmos algumas exposições emblemáticas, também participámos em sessões de bolsas de contactos e organizámos visitas de delegações de empresários do Interior da China e de Macau a Angola, Brasil, Portugal, Guiné Equatorial e Timor-Leste.

Quais os esforços adicionais que têm sido feitos para aprofundar a cooperação entre a China e os países de língua portuguesa?

Estabelecemos equipas dedicadas em países de língua portuguesa, não só para ajudar as empresas do Interior da China a identificar canais de distribuição, mas também para encontrarem produtos alimentares especializados de alta qualidade ou oportunidades de investimento.

Por outro lado, além de operarmos uma plataforma dedicada à informação sobre produtos alimentares e serviços, também colaboramos com várias plataformas do Interior da China para estabelecer sinergias, nomeadamente o Centro de Serviços Económicos e Comerciais entre a China e os Países de Língua Portuguesa/Espanhola, localizado na Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin (Zona de Cooperação).

Paralelamente, algumas das províncias do Interior da China, incluindo Guangdong, Jiangsu e Zhejiang, estabeleceram plataformas de colaboração e assinaram acordos de cooperação, permitindo-nos estabelecer ligações precisas com as suas empresas.

Qual a importância de Macau neste contexto?

Deixe-me dar um exemplo para referência: digamos que uma empresa do Interior da China quer estabelecer uma parceria com uma empresa brasileira. Se o acordo estiver redigido em chinês, a empresa brasileira terá reservas; mas se for escrito

em português, a parte chinesa também terá reservas. Ao utilizarem determinados serviços ou instituições em Macau, que funciona como uma ponte para os sistemas jurídicos dos países de língua portuguesa, as empresas do Interior da China têm mais garantias sobre o quadro jurídico que Macau proporciona para as suas operações. Na verdade, Macau desempenha um papel muito relevante na cooperação comercial entre a China e os países de língua portuguesa, envolvendo serviços jurídicos e financeiros, entre outros.

Como é que a Zona de Cooperação e a Grande Baía podem criar mais oportunidades para empresas do exterior e que papel pode Macau desempenhar?

Em primeiro lugar, operamos numa relação complementar. As empresas do Interior da China precisam de expandir para o exterior e procuramos prestar apoio através das plataformas que estabelecemos no estrangeiro.

Macau possui vantagens históricas únicas. Desde a transferência de administração, Macau tem-se desenvolvido como “um centro, uma plataforma e uma base” – especificamente, como uma plataforma entre a China e os países de língua portuguesa. Os laços estreitos que cultivámos com as nações de língua portuguesa têm um valor significativo para as entidades do Interior da China.

Em 2026, iremos envolver esforços para que empresas de Macau e da Zona de Cooperação participem em sessões de intercâmbio com nações de língua portuguesa e espanhola. Isto irá centrar-se particularmente na expansão para os mercados de Angola, Brasil, Moçambique, Portugal e Timor-Leste. Simultaneamente, iremos dar resposta às necessidades de expansão

“Macau desempenha um papel muito relevante na cooperação comercial entre a China e os países de língua portuguesa”

para o exterior das empresas chinesas, nomeadamente de províncias como Guangdong, Jiangsu e Zhejiang.

Temos como objectivo estabelecer equipas profissionais de consultoria em promoção de investimentos através de modelos de colaboração em projectos específicos. Aproveitando recursos como o Centro de Serviços Económicos e Comerciais entre a China e os Países de Língua Portuguesa/Espanhola na Zona de Cooperação, prestaremos às empresas serviços abrangentes de apoio antes da entrada em determinados mercados.

O IPIPM organizou em Dezembro de 2025 o evento “Vamos Desfrutar” em Guangzhou, visando promover produtos dos países de língua portuguesa. Qual foi o feedback e que outras cidades do Interior da China serão abrangidas por esta iniciativa?

O evento “Vamos Desfrutar” tem sido uma iniciativa altamente eficaz e envolvente para a promoção de produtos, sendo o nosso objectivo apresentar produtos de alta qualidade dos países de língua portuguesa aos consumidores de Macau e do Interior da China. Até à data, esta iniciativa já se realizou



O IPIPM coordena uma plataforma para promover produtos alimentares dos países de língua portuguesa

em 12 locais, atraindo um total de 299 empresas e mais de 350.000 visitantes.

O evento tem sido tradicionalmente realizado em Macau, mas já chegou a Hengqin e teve a sua estreia em Dezembro de 2025 em Guangzhou, uma das quatro principais cidades da Grande Baía. Os expositores que participaram no evento em Guangzhou ficaram, em termos gerais, satisfeitos, referindo que ajudou a promover os produtos dos países de língua portuguesa junto do público local, permitindo também estabelecer ligações com entidades da Grande Baía. Em 2026, planeamos realizar um evento semelhante em Zhongshan.

O IPIM e o Gabinete de Apoio ao Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa foram objecto de fusão em Julho de 2024. De que forma é que isso contribuiu para melhorar a eficiência dos serviços?

O nosso compromisso para com os serviços que prestamos permanece o mesmo. Como organização internacional estabelecida em Macau pelo Ministério do Comércio da China, o Fórum de Macau tem um duplo significado: em primeiro lugar, servir os esforços diplomáticos e de cooperação externa do País; e, em segundo lugar, o facto de Macau acolher esta organização traz inúmeras oportunidades para a cidade através da realização de vários eventos e sessões de intercâmbio.

O IPIM sempre se manteve fiel à missão de ajudar o Secretariado Permanente do Fórum de Macau na realização dos seus objectivos.

O corrente ano será desafiante, uma vez que a 7.ª Conferência Ministerial do Fórum de Macau terá lugar em 2027. Os nossos colegas estão, por isso, empenhados em ajudar o Secretariado Permanente a avançar com os trabalhos relevantes.

Como é que o Serviço “One-Stop” ao Investidor tem sido optimizado ao longo dos anos para ajudar a atrair mais investidores para Macau?

O Serviço “One-Stop” ao Investidor está disponível para todas as empresas que visam o mercado de Macau. Ao longo dos anos, temos vindo a aperfeiçoar este serviço continuamente – por exemplo, no segun-

do trimestre de 2025, concluímos reestruturações internas, reduzindo significativamente o tempo necessário para a constituição de uma empresa em Macau.

Temos de estar alinhados com a estratégia do Governo da RAEM para uma diversificação económica moderada, particularmente nos sectores da tecnologia e da “big health”. Os nossos colegas estão a aprofundar os seus conhecimentos em torno das políticas relevantes, bem como no que toca a iniciativas de integração regional – incluindo com Hengqin –, reforçando assim as nossas capacidades profissionais.

Quantos projectos foram apoiados em 2025 pelo Serviço “One-Stop” ao Investidor do IPIM?

O Serviço “One-Stop” ao Investidor está em estreita consonância com a estratégia governamental “1+4” para a diversificação económica moderada. Entre os 343 novos projectos de investimento recebidos ao longo de 2025, mais de metade envolveu as indústrias abrangidas pela estratégia “1+4”. Notavelmente, 27 desses projectos eram apoiados por empresas cotadas em bolsa ou empresas líderes de mercado, representando um aumento anual de mais de 90 por cento.

Tem-se notado um maior interesse por parte de empresas ligadas aos sectores da “big health”, tecnologia e finanças?

Em comparação com 2024, o número de planos de investimento de empresas dos sectores tecnológico e financeiro aumentou 20 por cento em 2025, indicando que há um maior interesse em Macau por parte destas empresas.

No geral, as três exposições realizadas em 2025 – a 2.ª Exposição Económica e Comercial China-Países de Língua Portuguesa (Macau), a 30.ª Feira Internacional de Macau e a Exposição de Franquia de Macau 2025 – registaram a assinatura de 13 acordos de cooperação, entre os quais alguns que envolveram empresas na lista da Fortune Global 500, empresas tecnológicas líderes de mercado e fundos de investimento.

Estes passos ajudarão a impulsionar a expansão de indústrias-chave para Macau, incluindo o sector da “big health”, indústrias de alta tecnologia e fi-

nanças modernas. Por outro lado, permitirá cultivar recursos empresariais de elevada qualidade para o Parque das Ciências e Tecnologias, ajudando a formar um ecossistema industrial mais abrangente.

O novo Governo da RAEM tem vindo a avançar diligentemente com projectos relevantes para o futuro da região, incluindo a criação do Parque das Ciências e Tecnologias, o estabelecimento do fundo para as indústrias e fundo de orientação, sendo que 2026 marca também a 3.ª edição dos “Programas de Captação de Quadros Qualificados da RAEM”.

Em conjunto com os esforços promocionais realizados pelo IPIM ao longo dos últimos anos, é evidente que um número crescente de empresas do

Interior da China está a adquirir um conhecimento aprofundado sobre Macau e as vantagens que a região oferece.

Macau é consistentemente reconhecida como um destino MICE de excelência. Como é que o IPIM está a aperfeiçoar as suas medidas para atrair mais eventos?

Macau recebeu inúmeros elogios de publicações de renome no sector MICE e estas conquistas são o resultado de esforços conjuntos da comunidade e do Governo. Macau tem algumas das melhores infra-estruturas e serviços de apoio ao sector, o que resultou em avanços bastante positivos.



Várias actividades, em Macau e no exterior, procuram aprofundar a cooperação entre a China e os países de língua portuguesa

Em 2025, Macau acolheu 1861 eventos MICE, um aumento de 22,1 por cento face a 2024, os quais atraíram mais de 1,4 milhões de participantes e visitantes, um crescimento homólogo de 10,7 por cento. As receitas geradas pelos eventos MICE cifraram-se em cerca de 6,28 mil milhões de patacas em 2025, um aumento de 16,4 por cento face a 2024. Simultaneamente, a despesa per capita dos visitantes que participaram em eventos MICE em Macau no ano passado atingiu as 4572 patacas, um valor superior a 2024.

Porém, dada a dimensão de Macau, não podemos continuar a perseguir o crescimento em termos de quantidade de eventos MICE, mas sim em termos de qualidade. Isso inclui o objectivo de receber mais exposições internacionais, ampliando o perfil internacional de Macau, procurando também impulsionar o desenvolvimento de outros sectores.

A nossa meta é receber eventos mais especializados, que irão, eventualmente, fomentar indústrias novas e emergentes. Um exemplo disso ocorreu no ano passado, quando acolhemos a 18.ª Convenção Mundial dos Empresários Chineses. Empresários chineses de elite de todo o mundo estiveram em Macau, o que foi uma grande ajuda aos nossos esforços de promoção.

Quais são as vantagens do modelo “Um Evento, Dois Locais” em termos de promoção de Macau como destino internacional de MICE?

O nosso objectivo é colaborar com Hengqin para explorar abordagens, medidas ou estratégias para promover uma única exposição em duas cidades ou uma única convenção em dois locais. Através da coordenação com entidades da Zona de Cooperação e de Zhuhai, procuramos estabelecer um modelo distinto que integre a plataforma de convenções e exposições de Macau no âmbito da colaboração com a Zona de Cooperação e no contexto de desenvolvimento da Grande Baía.

“Não podemos continuar a perseguir o crescimento em termos de quantidade de eventos MICE, mas sim em termos de qualidade”

Ao mesmo tempo que se expande a escala e a influência dos eventos, esta abordagem também visa integrar as redes internacionais e as vantagens de Macau como porto franco com as cadeias industriais da Grande Baía. Isto elevará o posicionamento de Macau para um destino MICE insubstituível que liga a China aos mercados globais, particularmente aos países de língua portuguesa.

Tomemos como exemplo a primeira Exposição Global de Máquinas e Produtos Electrónicos de

Inteligência Artificial em 2025, realizada conjuntamente em Macau e Zhuhai. O evento reuniu mais de 1200 empresas participantes, numa área de exposição combinada de 70.000 metros quadrados em ambos os locais, tendo facilitado mais de 4200 sessões de intercâmbio entre fornecedores e potenciais compradores.

O “ICCA Asia Pacific Business Events Development Forum & Asia Pacific Business Events Youth Challenge 2026” será realizado em Macau pela primeira vez. Qual é a importância deste duplo evento?

A International Congress and Convention Association (ICCA) é

a organização líder mundial no sector de reuniões internacionais, contando com mais de 1100 membros de quase 100 países. A candidatura bem-sucedida da indústria de Macau para acolher o “ICCA Asia Pacific Business Events Development Forum & Asia Pacific Business Events Youth Challenge 2026” demonstra plenamente o reconhecimento e a afirmação da indústria MICE de Macau. Além disso, este evento reunirá em Macau os líderes globais do sector, o que elevará ainda mais o perfil internacional da cidade, podendo contribuir para atrair mais eventos para Macau. Impulsionada pelo reconhecimento internacional e pelo talento local excepcional, Macau está a afirmar-se progressivamente como um destino MICE regional de referência. ■

Coleccione Selos
de Macau

澳門郵票收藏

Collect
Macao's Stamps

08/04/2026

澳門炮台 Fortalezas de Macau Fortresses in Macao



集郵微信QRcode



快分享到朋友圈
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491

電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo

傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603

網址 Website: <https://philately.ctt.gov.mo>



澳門郵電 CTT
Correios e Telecomunicações de Macau



A CHINA À DISTÂNCIA DE UM PRATO

Texto **Jaime Álvaro**

Em Maputo, o perfume do gengibre e do alho salteado mistura-se com o calor húmido da cidade, atraindo curiosos e habituais para um destino onde cada prato é uma viagem. O MingYuan, um dos mais antigos restaurantes chineses na capital moçambicana, guarda nas suas mesas histórias de encontros e descobertas. Mais do que um espaço para comer, o estabelecimento é um ponto de partida: um lugar onde o paladar serve de intérprete entre dois mundos e onde cada refeição se transforma num diálogo cultural

O crescimento da comunidade chinesa em Moçambique, especialmente na capital, Maputo, trouxe consigo novas cores, aromas e sabores. Entre as muitas expressões dessa presença, os restaurantes chineses surgiram como pontes culturais, convidando moçambicanos e estrangeiros a descobrirem um mundo de tradição e sabor. Ainda que muitos tenham fechado ao longo dos anos, alguns resistem e, entre eles, o MingYuan é considerado um ícone.

Não há números oficiais sobre quantos restaurantes chineses existem actualmente na capital

moçambicana. Uns contam cinco, outros sete. Mas, mesmo que fossem dez, não dariam conta da vastidão, diversidade e riqueza da gastronomia chinesa.

Se, no início, os restaurantes chineses em Maputo nasciam sobretudo para matar as saudades dos conterrâneos, actualmente o exotismo dos aromas e o encanto dos sabores conquistam também os locais. Além de acompanhar o aumento da comunidade chinesa na capital moçambicana, o fenómeno revela um apetite cada vez mais aberto às experiências que unem duas culturas à mesa.

Localizado na Avenida Mao Tsé-Tung, rua que homenageia

um dos fundadores da República Popular da China, o MingYuan é o reflexo de toda uma cultura milenar.

“É um dos primeiros restaurantes em Maputo. Surgiu na década de 1990 e acompanhou o crescimento da cidade”, contou o proprietário, Deng Tianning, em português fluente. Vivendo há mais de 30 anos em Moçambique – mais de metade da sua vida –, Deng Tianning é a alma por trás da casa que se tornou uma referência em Maputo.

Sob a liderança de um autêntico chef chinês, o MingYuan oferece uma experiência genuína. O cardápio é uma verdadeira via-



O restaurante MingYuan abriu portas há mais de 30 anos

gem gastronómica pela China: um mosaico de sabores, cores e aromas que convidam o paladar à descoberta.

“Aqui [no restaurante] preparamos os pratos mais populares da culinária chinesa, como o pato à Pequim, o porco agri-doce e os dumplings”, explica o proprietário.

Os dumplings, segundo Deng Tianning, “são bastante consumidos durante as celebrações do Ano Novo Chinês”. Feitos com massa fina recheada de carne ou vegetais, podem ser fervidos, cozidos a vapor ou fritos — e já conquistaram os clientes moçambicanos. “O macarrão e o

arroz, frito ou refogado, são outros pratos favoritos dos nossos clientes”, acrescenta.

Para Deng Tianning, o MingYuan “é uma janela que aproxima as pessoas da experiência de ir até à China sem sair de Maputo”.

ENTRE O TALENTO E CRIATIVIDADE

No comando da cozinha está o chef Zang Wu, que, com a sua perícia, lidera há uma década uma equipa que inclui cozinheiros moçambicanos. “Tentamos sempre inovar em termos dos pratos que servimos aos nossos clientes, sejam nossos compatriotas ou

moçambicanos, mas sem deixar de manter a essência da nossa rica culinária”, afirma.

Zang Wu, natural da província de Guangdong – considerada um dos principais centros gastronómicos da China –, combina ingredientes nobres e técnicas refinadas para criar pratos que encantam todos os sentidos. No seu cardápio, brilham clássicos como a carne de porco à moda de Sichuan, o chao min e o frango Kung Pao, às vezes reinventados com ingredientes moçambicanos, como a castanha de caju.

O menu, servido ao estilo familiar, apresenta uma variedade de pratos das diversas regiões

da China, do suave ao agri-doce, com toques aromáticos e cores vibrantes. Há opções para todos os gostos: carnes grelhadas, pratos vegetarianos, marisco e massas, naquela que é uma verdadeira celebração da confeitaria oriental.

Sob o olhar atento e criativo do chef Zang Wu, o cardápio também ganha vida com uma seleção irresistível de sobremesas que cruzam fronteiras e contam histórias. São pequenas obras-primas: das suaves bolinhas de

arroz glutinoso recheadas com pasta de feijão aos delicados dim sum doces, cada prato é pensado como uma viagem sensorial que desperta curiosidade e conquista paladares.

“Todos os produtos utilizados



Deng Tianning à mesa com clientes do restaurante

no restaurante são frescos e preparados diariamente de modo a garantir a qualidade e o sabor dos pratos”, sublinha o mestre dos tachos.

Mas o espaço também se sabe adaptar aos gostos locais

e à mudança do tempo, conta o chef. “Inicialmente, servíamos apenas porco agridoce, mas para dar resposta à procura que aqui existe, o prato foi adaptado. Actualmente, podemos substituir a carne de porco por outros ingredientes, como vitela ou frango”, explica.

PONTO DE ENCONTRO

Na partilha de um prato, nasce mais do que uma refeição, brota um entendimento mútuo. A cozinha torna-se uma linguagem sem fronteiras, capaz de traduzir o respeito, a curiosidade e a amizade entre povos, como atestam alguns dos clientes habituais do MingYuan.

Para estes comensais, é à mesa que se constroem pontes invisíveis, onde cada sabor carrega um pouco da história de quem o prepara e de quem o prova. Nesse sentido, cada refeição servida no MingYuan é também um gesto de diplomacia cultural: uma celebração da convivência e da

empatia entre Moçambique e a China.

“Estar neste restaurante é quase como estar na China. A decoração do lugar lembra-me muito o país asiático. Desde que tomei coragem de provar a comida chinesa, tornei-me fã”, conta Marcela Alfredo, importadora de produtos chineses para Moçambique.

Outro cliente fiel, Américo António, frequenta o local há mais de um ano e não tem dúvidas: “Se as pessoas procuram uma experiência gastronómica chinesa, o MingYuan é um lugar perfeito.”

“A China fica perto pela comida que aqui é servida [...] é como ter a experiência completa, viajando sem sair do lugar”, refere Sarita Macamo, outra cliente habitual e residente em Maputo.

No MingYuan, a experiência vai além do sabor, começando nos próprios gestos: os fai chi (pauzinhos) substituem os talheres e cada refeição transforma-se num ritual de respeito e imersão cultural.

“Aprender a comer com os pauzinhos é a parte mais interessante da experiência. Comer estas comidas típicas com um garfo ou uma colher é totalmente diferente”, explica Alberto Ndove, um dos clientes que diz ter aprendido a apreciar as tradições chinesas à refeição.

Entre o mandarim e o português, o que realmente se entende é o sabor. À mesa, as palavras tornam-se desnecessárias, pois os pratos falam por si, traduzindo emoções e celebrando a diversidade. ■

“O MingYuan é uma janela que aproxima as pessoas da experiência de ir até à China sem sair de Maputo”

DENG TIANNING

Proprietário do MingYuan





EM BUSCA DE PESSANHA

Texto **João F. O. Botas***

O nome de Camilo Pessanha ainda ecoa pelas ruas de Macau, passado um século sobre a sua morte. Naquele que é um possível roteiro dedicado ao poeta português, a Revista Macau revisita os locais da cidade ligados ao autor de "Clepsydra" e nome maior do simbolismo luso, que aqui viveu a partir de 1894 e até ao seu falecimento, em Março de 1926

Quando Camilo Pessanha desembarcou em Macau, em 1894, tinha 26 anos e um destino algo incerto. Trazia consigo pouco mais do que a promessa de um emprego no sector do ensino. A cidade tornar-se-ia o seu lar definitivo e, paradoxalmente, o lugar onde se afastaria lentamente do mundo literário português que o viria a consagrar.

Após a chegada ao Oriente, e até à sua morte, Pessanha voltou a Portugal apenas quatro vezes, para usufruir de períodos de licença, particularmente por causa de doenças.

Camilo de Almeida Pessanha nasceu em Coimbra, no centro de Portugal, a 7 de Setembro de 1867, filho ilegítimo de Francisco António de Almeida Pessanha, então estudante de Direito, e de Maria do Espírito Santo Duarte Nunes Pereira, sua criada, natural da Beira Alta. Ainda criança sofreu uma paralisia hemifacial que lhe causou um ligeiro estrabismo no olho direito. Por essa razão, colocava-se de perfil quando fotografado.

Frequentou o Colégio de Lamego – cidade para onde a mãe se mudara pouco depois de o pai ter sido nomeado juiz nos Açores – e, aos 17 anos, foi aprovado nos exames finais no Liceu Central de Coimbra, garantindo o acesso à universidade em 1884, ano em que foi, enfim, perfilhado. Formou-se em Direito em 1891, estando longe de ser um aluno brilhante.

NOVA VIDA A ORIENTE

Após uma curta carreira ligada às leis em Portugal, Pessanha foi nomeado professor de Filosofia no Liceu de Macau. Posteriormente, desempenharia na cidade também profissões ligadas ao Direito, incluindo advogado, conservador e juiz. No ensino, seria ainda responsável por outras disciplinas, incluindo História, Economia Política, Direito Comercial e História da China.

O autor que, em Portugal, chegou a conviver com nomes como Eugénio de Castro e António Nobre – que ulteriormente inaugurariam novos caminhos na poesia portuguesa –, acabaria por granjear a admiração de novas gerações de poetas seus contem-

porâneos, a começar por Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro. Isto apesar das décadas numa espécie de quase-silêncio criativo, interrompido apenas por cartas, traduções e raros poemas.

Pessanha nunca constituiu família nos moldes convencionais, embora tenha tido uma relação com uma mulher chinesa, muitas vezes identificada como sua concubina. Desta, teve João Manuel, único filho reconhecido pelo poeta.

O consumo de ópio, prática relativamente difundida entre europeus no Oriente, contribuiu para o progressivo afastamento de Pessanha da vida pública. Apesar do seu silêncio editorial, a reputação do poeta crescia em Portugal, onde os seus poemas circulavam entre amigos e admiradores. A recusa em organizar e publicar a sua própria obra contribuía para a aura de mistério que o rodeava.

Foi apenas em 1920, graças à iniciativa da escritora Ana de Castro Osório e do seu filho João de Castro Osório – também ele poeta e homem das artes –, que a única colectânea de Pessanha, “Clepsidra”, viu a luz do dia. O livro, publicado quando o poeta já vivia há mais de duas décadas em Macau, foi preparado durante a sua última estadia em Portugal, entre 1915 e 1916, e tornou-se uma das obras fundamentais da poesia portuguesa moderna.

Ironicamente, seria Ana de Castro Osório – considerada por alguns especialistas literários como a razão pela qual Pessanha decide inicialmente vir para Macau, após uma proposta de casamento rejeitada em termos amistosos – que lhe garantiria a eternidade no mundo das letras. Uma versão revista de “Clepsidra” seria publicada por João de Castro Osório em 1969, após outras em 1945 e 1956.

A 3 de Março de 1926, dois dias após a morte de Pessanha em Macau, a notícia chega a Portugal. O Diário de Lisboa refere-se-lhe como a morte do “mais bizarro, o mais complexo, o mais extraordinário temperamento lírico do seu tempo”, um nome “sagrado para os raros que o conheciam”.

** Jornalista, autor de vários livros sobre a história de Macau e criador do blogue Macau Antigo (macauantigo.blogspot.com)*

1 Largo de Santo Agostinho

As instalações do antigo Convento de Santo Agostinho, na origem do nome do largo adjacente, onde se mantém a Igreja de Santo Agostinho, foram das primeiras paragens recorrentes de Camilo Pessanha em Macau. Foi aí que ficou inicialmente sediado o Liceu de Macau, sendo Pessanha professor e autor do regulamento da instituição.

Após um breve período de advocacia em Óbidos, ainda em Portugal, Pessanha rumou a Macau para ser docente no novo liceu. Foi um dos professores seleccionados através de concurso aberto em Agosto de 1893 pela Secretaria do Ministério da Marinha e Ultramar. Desembarcou, assim, em Macau a 10 de Abril de 1894.

Numa carta dirigida ao pai, datada de Maio, pouco após a chegada, declara: “Quase estou animado a escrever sobre coisas do Oriente. A vida, por aqui, é cheia de impressões novas cada dia, ou eu me finjo que é, em um delírio artificial de

grandezas, que me serviu de coragem para partir, e ainda me vai servindo para não esmorecer de todo.”

Em Setembro de 1894, começam as aulas. Pessanha lecciona Filosofia e exerce o cargo de secretário do Liceu de Macau.

2 Praia Grande

Uma das poucas fotografias de Camilo Pessanha tiradas em Macau mostra-o, como quase sempre, de perfil, no Hotel Hing Kee. Estamos em 1895, e tem a seu lado, entre outros, o também escritor português Wenceslau de Moraes – que considerava Pessanha “uma inteligência da mais fina ténpera, literato subtilíssimo, embora pouco produtor (por circunstâncias diversas)”.

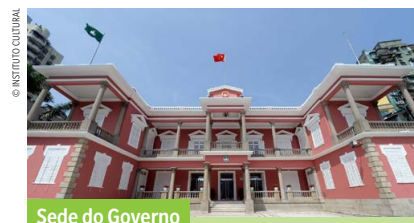
Localizado junto ao cruzamento das actuais avenidas da Praia Grande e de Almeida Ribeiro, o Hotel Hing Kee, já demolido, foi a primeira morada de Pessanha em Macau. Pagava 40 patacas por mês por quarto e refeições, excluindo o vinho, como relata

numa outra carta enviada ao pai.

Na imagem que temos de Pessanha na fotografia, o seu rosto esquivo é marcado por barbas negras e um olhar distante. Teve desde sempre uma saúde débil, sublinhada pela instabilidade psíquica – que atribuía, em cartas que escreveu, a origem genética – e pela fragilidade física, com o amigo Alberto Osório de Castro a descrevê-lo como “esqueleto ambulante, só com os nervos a viver”.

Nos boletins médicos da época, é diagnosticado com “astenia geral” e “anemia” ou, como o próprio descreveu, “uma abulia sem remédio”.

Diz Pessanha: “Nada verdadeiramente para mim tem realidade no mundo, por onde tenho passado como um sonâmbulo”, uma “vida demente, sem intuitos, nem disciplina, nem utilidade, com largos períodos de embrutecimento apático e intermitentes agitações de furor desconexo, entre visões, delirantes – fantasmas de outras raças e de outras idades”.



Ainda entre as ligações à Praia Grande, destaca-se, em 1915, a exposição de parte da riquíssima colecção de arte chinesa de Pessanha no Palácio do Governo, sito naquela artéria e actualmente denominado de Sede do Governo. É Pessanha quem organiza a mostra, escolhendo 125 peças, uma centena das quais apresentada no respectivo catálogo. Esta colecção é depois oferecida ao Estado Português, seguindo-se uma outra, de 60 peças, doada em 1926, ainda em vida, ao Museu Machado de Castro, em Coimbra.

Parte do espólio coleccionado por Pessanha acaba vendido pouco tempo depois da morte do poeta, naquela que foi a sua última residência, também na Praia Grande. O edifício – já inexistente – ficava no número 75.

Na edição de 10 de Junho de 1926 do jornal “O Combate”, é publicado o seguinte anúncio: “Na casa onde faleceu o Dr. Camilo Pessanha (Praia Grande, 75) es-

tão em exposição, para venda, os objectos chineses por ele coleccionados durante a sua vida. As pessoas e os seus amigos e admiradores que desejem adquirir alguns desses objectos, poderão ali dirigir-se a seu filho, todos os dias das 11 às 19 horas.”

3 Hospital de São Rafael

No tempo de Pessanha, o edifício que alberga actualmente o Consulado Geral de Portugal em Macau e Hong Kong funcionava como Hospital de São Rafael, sendo a actual Rua Pedro Nolasco da Silva conhecida então como Rua do Hospital. Nessa artéria, estava o escritório de Pessanha enquanto advogado. Isso o comprovam as edições de 20 e 27 de Dezembro de 1913 do Boletim Oficial, onde é publicado um raro anúncio em português e chinês dos advogados Camilo Pessanha e Luiz Nolasco.

Sublinhando a ligação do poeta ao local, no jardim do consulado de Portugal está, desde o final de 2016, um mural com o retrato de

Pessanha, da autoria do artista plástico português Alexandre Farto, mais conhecido por Vhils.

4 Clube Militar

Fundado em 1870, o Grémio Militar – actual Clube Militar de Macau – foi palco de palestras proferidas por Camilo Pessanha. A 28 de Maio de 1910, abordou aí a temática da estética chinesa, numa sessão que durou duas horas, a qual seria publicada sob a forma de ensaio no jornal “A Verdade” a 2 de Junho desse ano. A 13 de Março de 1915, profere uma outra palestra no mesmo local, esta dedicada à literatura chinesa.

5 Hotel Boa Vista

No hotel Boa Vista – actual Residência Oficial do Cônsul de Portugal em Macau e Hong Kong –, Pessanha não só foi hóspede e comensal, como também foi professor. Isto porque as instalações serviram, entre 1917 e 1923, como “casa” ao Liceu de Macau.



Consulado Geral de Portugal em Macau e Hong Kong



No Verão de 1912, o amigo Alberto Osório de Castro visita Pessanha em Macau e o hotel surge nas descrições que faz o visitante. “O Camilo fumava a longos haustos caladamente, e reanimava-se pouco a pouco como se o tocara vara de condão. Ficou outro, cheio de vida, de alegria expansiva. Rapidamente se vestiu e viemos ambos almoçar com minha mulher ao Hotel da Boa Vista de que também era comensal. Voltámos a sua casa todos os três, ainda na animação esfuziante, na euforia física que lhe dera o ópio da manhã; e fomos mostrando, uma por uma, as suas inumeráveis maravilhas, que enchiam salas e corredores, desde os painéis enroláveis dos séculos XV a XVII, às pinturas... da China; as porcelanas de inestimável valor, as delicadíssimas e frágeis preciosidades de jade, de ágata, de cristal de rocha lapidado, de alabastro, de prata, de charão, de marfim, de ébano, de nácar, de sândalo.”

O ópio causava em Pessanha, segundo o próprio, um “delírio lúcido, característico, dizem, da intoxicação pelos hipnóticos, em que, sem se perder a consciência da situação em que se está, se evoca no espírito com absoluta fidelidade e perfeita nitidez, uma outra situação, em outro lugar ou em outro tempo, como se se vivessem simultaneamente duas vidas, muito distantes uma da outra”.

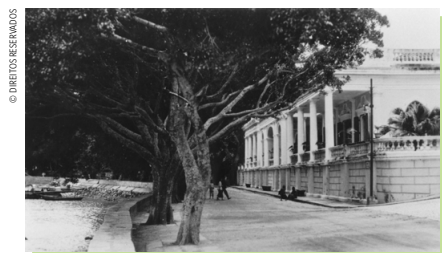
6 Jardim e Gruta de Camões

O maior testemunho pessoal de Pessanha sobre Macau está nas cartas que escreveu, mas também na comunicação que dedicou ao grande poeta português Luís de Camões numa conferência em 1924, posteriormente publicada no jornal “A Pátria” nesse ano.

“Em Macau é fácil à imaginação exaltada pela nostalgia, em alguma nesga de pinhal, menos frequentada pela população chinesa, abstrair da visão dos prédios chineses, dos pagodes chine-

ses, das sepulturas chinesas, das misteriosas inscrições chinesas, destacando a cada canto em retângulos de papel vermelho, das águas amarelas do rio e da rada, onde deslizam as lentas embarcações chinesas de forma extravagante, com as suas velas de esteira fantasmáticas, e criar-se, em certas épocas do ano e a certas horas do dia, a ilusão de terra portuguesa”, salienta.

Na sua intervenção, Pessanha defende que “seria verdadeira loucura” negar que tenha sido escrita ou concebida em Macau uma parte considerável da obra poética de Camões. “Há-de ser verdade intuitiva, superior a todas as investigações históricas, que o maior génio da raça lusitana sofreu, amou, meditou, em Macau, aqui tendo composto, em grande parte, o seu poema imortal.” É também nessa palestra que Pessanha se refere à Gruta de Camões como “lugar sobre todos prestigioso, dedicado ao culto” ao poeta épico português.



Antigo Grémio Militar (em cima), actual Clube Militar (em baixo)



Antigo Hotel Boa Vista (em cima), actual residência do cônsul de Portugal em Macau (em baixo)



Gruta de Camões



Sede do Instituto Cultural



Antigo Mercado do Tarrafeiro

É junto à gruta que Pessanha, em Junho de 1920, se deixa fotografar com os restantes fundadores do efémero Instituto de Macau, criado com demais ilustres intelectuais locais da época, entre eles Manuel da Silva Mendes e José Vicente Jorge.

7 Tap Seac

No edifício que alberga actualmente a sede do Instituto Cultural, viveu Camilo Pessanha os seus últimos momentos como professor do Liceu de Macau: a instituição mudara-se para esse novo local em 1924.

Ao lado, fica actualmente a Biblioteca Central, onde pode ser consultada a primeira edição da “Clepsydra” em língua chinesa – tradução de Chen Yong Yi – publicada em 1997 pelo Instituto Cultural. Já os livros outrora pertencentes à vasta e rica biblioteca de Pessanha, que o próprio deixa em testamento – redigido em 1921 – à então Repartição do Expediente Sínico, estão

hoje na histórica Biblioteca do Leal Senado.

A facilitar o reconhecimento das obras outrora pertença de Pessanha está o “ex-libris” pessoal do poeta. Feito num tradicional carimbo chinês de formato quadrangular com caracteres arcaicos, a vermelho e em três colunas, apresenta a representação fonética chinesa do nome “Pessanha” seguida da expressão “Ramos entrelaçados de flores de ameixoeira”.

8 Antigo Mercado do Tarrafeiro

Num tempo em que a poesia chinesa era ainda praticamente ignorada no Ocidente, Camilo Pessanha foi dos primeiros ocidentais a procurar “descodificar” estes textos de enorme complexidade. Um dos alvos da sua atenção foi um manuscrito com poemas chineses da dinastia Ming (1368-1644): a tarefa demorou seis anos a estar concluída, “tirando dêsse esforço (em boa

verdade se diga) horas de um tão suave prazer espiritual que dele o não esperava tamanho”, dirá. O resultado será publicado sucessivamente no jornal local “O Progresso” em 1910, sob o título “Oito Elegias Chinesas”.

Não se sabe ao certo que domínio da língua chinesa escrita possuía Camilo Pessanha – há autores que referem um conhecimento de cerca de 3500 caracteres –, mas, pelo menos, teria alguma capacidade de ler. “Imperfeitas noções de simples estudioso amador, adquiridas ao acaso das horas vagas”, segundo o próprio. Por isso, na tradução, contará com a ajuda do seu amigo José Vicente Jorge, mais habilitado em língua chinesa.

O manuscrito alvo de tradução fora comprado, segundo Pessanha, “pelo preço vil de duas patacas, em uma casa de prego, ali ao Tarrafeiro”.

O topónimo “Tarrafeiro” em Macau data de, pelo menos, meados do século XIX e ainda

Roteiro evocativo de Camilo Pessanha





Campa de Camilo Pessanha



Rua de Camilo Pessanha



Estátua no Jardim das Artes

hoje existe – estará relacionado com as artes de pesca com tarrafa, um tipo de rede. Durante os tempos de Pessanha, está activo o Mercado do Tarrafeiro, localizado na confluência da Rua de Cinco de Outubro com a Rua do Guimarães, junto ao Porto Interior.

9 Cemitério de São Miguel Arcanjo

Camilo Pessanha morreu em casa, às 8 da manhã de 1 de Março de 1926, vítima de tuberculose pulmonar e outras complicações ligadas ao consumo de ópio. Um dia após a morte, é publicado no jornal “The Hong Kong Telegraph” um obituário, identificando-o como um “distinto advogado e professor”.

Falecido aos 58 anos, teve um funeral simples, não religioso, sem música nem coroas, como solicitado em testamento: o caixão foi transportado num armão militar, coberto pela bandeira portuguesa. Foi enterrado às 17

horas de 2 de Março no Cemitério de São Miguel Arcanjo, onde ainda hoje se encontra a sua sepultura.

Entre a multidão presente no funeral, contaram-se o governador Maia de Magalhães e o reitor do liceu, Borges Delgado, que o descreveu como um “espírito altamente filosófico e amplamente liberal, alma aberta a todas as dores e infortúnios, encarava a vida desprendidamente, sem os preconceitos vãos que por aí pululavam, a contaminar tudo e todos”.

Na mesma sepultura, modesta, estão ainda o filho e a nora. Na vertical, uma lápide colocada posteriormente inclui fotografias dos três.

10 Rua de Camilo Pessanha

A 8 de Março de 1926, poucos dias após a morte de Pessanha, numa sessão do Leal Senado, o presidente, Luiz Gonzaga Nolasco da Silva, que fora aluno de Pessanha, propôs um voto de profundo pesar e que fosse dado

o seu nome a uma das vias públicas de Macau. Desta forma, a Rua do Mastro passou a chamar-se Rua de Camilo Pessanha.

Outras homenagens públicas se seguiriam. Na década de 1980, a efígie de Pessanha foi incluída numa emissão de notas com valor facial de 100 patacas.

11 Jardim das Artes

Desconhecida de muitos, Macau homenageou Camilo Pessanha também em estátua. Inaugurada em 1999 no Jardim das Artes, a obra, da autoria do arquitecto macaense Carlos Marreiros, retrata Pessanha a caminhar de bengala sobre a calçada à portuguesa: a estátua “saiu” do pedestal, que ficou atrás e onde pontua o seu fiel cão, Arminho.

Figura assim para a posteridade o poeta português numa cidade que, na sua excentricidade, definiu como “remoto exílio”, mas também “o mais remoto padrão da estupenda actividade portuguesa no Oriente”. ■

O CORPO COMO ARTE, SEGUNDO HELENA ALMEIDA



A exposição "Estou aqui – Helena Almeida: Presença e Ressonância" está patente até dia 26 de Abril

A obra da artista contemporânea portuguesa Helena Almeida, falecida em 2018, está em grande destaque no Museu de Arte de Macau, numa retrospectiva inédita na Ásia dedicada ao seu trabalho. Patentes estão alguns dos seus trabalhos mais icónicos, onde é explorada a relação entre arte e corpo

Na amplidão das salas do Museu de Arte de Macau (MAM), explora-se por estes dias a relação entre corpo e espaço e entre performatividade e auto-representação. A guiar os visitantes, está a obra de Helena Almeida (1934-2018), considerada uma das mais relevantes artistas portuguesas e europeias da sua geração.

Num percurso artístico que se iniciou na pintura abstracta durante os anos 1960 e se centrou posteriormente no uso da fotografia como forma de captar imagens de si mesma em trabalhos performativos, a artista usa o corpo para registar, ocupar e definir o espaço. Por vezes, nessas imagens, surge o seu colaborador e parceiro de vida, o escultor e arquitecto português Artur Rosa (1926-2020).

“Estou aqui – Helena Almeida: Presença e Ressonância” é a primeira exposição individual da artista na Ásia, sendo apresentada como uma das mais abrangentes retrospectivas do seu trabalho. Organizada por ordem cronológica, inclui as suas primeiras pinturas e prossegue com os trabalhos fotográficos performativos que marcaram a sua prática criativa, além de alguns vídeos.

Uma peculiaridade da mostra é que o percurso sugerido pela curadoria começa no terceiro piso do MAM. Os visitantes são depois convidados a percorrer as várias

salas até ao primeiro piso, acompanhando a vivência artística de Helena Almeida até aos seus últimos trabalhos: ao todo, estão patentes 42 conjuntos, num total de 190 obras originais.

A exposição é organizada pelo Instituto Cultural, em parceria com a Escola de Arte Intermédia da Academia de Arte da China, e realizada pelo MAM. Inaugurada em Janeiro, está patente ao público até 26 de Abril. A entrada é gratuita.

ARTISTA COMO NÓS

Em entrevista à Revista Macau, o curador principal, o português Delfim Sardo, conceituado estudioso de arte que conheceu a artista ainda em vida, afirma estar “muito satisfeito” com o formato da mostra. “A exposição cumpre completamente aquilo que nós tínhamos definido como objectivo: a apresentação do trabalho da Helena Almeida de uma forma ampla, indo desde peças mais recuadas do seu percurso até às últimas obras, correndo momentos essenciais do seu trabalho.”

Delfim Sardo afirma estar confiante que, num mundo crescentemente intercultural e multicultural, a obra de Helena Almeida seja capaz de suscitar interesse junto dos diferentes públicos que visitam o MAM,

**A minha obra
é o meu corpo,
o meu corpo
é a minha obra**

Helena Almeida



A mostra estende-se por três pisos do Museu de Arte

QUEM FOI HELENA ALMEIDA?

Helena Almeida nasceu em Lisboa, em Portugal, em 1934. Era filha do escultor português Leopoldo de Almeida, para quem pousava frequentemente, e cuja influência marcou o pensamento da artista sobre a forma, o espaço e, em particular, a relação entre a obra e o seu criador.

Estudou pintura na Escola de Belas-Artes de Lisboa. Após se licenciar em 1955, casou com o arquitecto e artista Artur Rosa (1926-2020), que se tornou no seu companheiro para a vida, também no campo da produção artística, onde foi o seu grande colaborador: em muitas das imagens em que Helena Almeida surge sozinha, é Artur Rosa quem está atrás da câmara, seguindo as suas instruções.

Depois de um período dedicado à família, a carreira artística de Helena Almeida ganhou novo impulso entre 1964 e 1965, quando uma bolsa de estudo lhe permitiu ir para Paris, em França. O contacto com o meio artístico

internacional e o impacto revolucionário das telas rasgadas do pintor e escultor argentino-italiano Lucio Fontana (1899-1968) levaram-na a decidir enveredar por uma prática procurando expandir e questionar os limites da arte.

A sua primeira exposição individual teve lugar em 1967 na afamada Galeria Buchholz, em Lisboa, assinalando o início da sua exploração artística experimental. As suas obras de então já revelavam a intenção de subverter o tradicional, apresentando o verso das telas ao público ou integrando-lhes objectos, criando peças tridimensionais de carácter escultórico.

Em 1969, começou a incorporar a sua própria imagem nos seus trabalhos, inaugurando a abordagem que se tornaria a sua imagem de marca: o corpo como sujeito e objecto. O seu trabalho passou a centrar-se progressivamente na fotografia a preto e branco, frequentemente sobreposta com

manchas pictóricas em azul, vermelho ou preto, combinadas com intervenções escultóricas ou performativas.

A partir da década de 1970, a sua reputação internacional consolidou-se. Destacam-se a presença na Bienal de São Paulo, no Brasil, em 1979, assim como na Bienal de Veneza, em Itália, em 1982 e em 2005, além da Bienal de Sydney, na Austrália, em 2004.

As obras de Helena Almeida integram as colecções de instituições de referência mundial ligadas à arte contemporânea, como a Tate Modern, em Londres, no Reino Unido, ou o Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, nos Estados Unidos. Em Portugal, o seu trabalho está representado nos espólios do Museu de Serralves, no Porto, ou da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, entre outros locais.

A artista morreu em Sintra, nos arredores de Lisboa, em 2018, aos 84 anos.



“Tela Rosa para Vestir”, 1969 (coleção da Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto, Portugal)

incluindo do Interior da China. “O trabalho de Helena Almeida tem uma tal universalidade que muito facilmente as pessoas compreendem as suas grandes temáticas”, diz. “Todos temos corpo, todos habitamos espaços, todos lidamos com o outro. Estas são questões que fazem parte da existência humana, seja aqui, seja noutro sítio qualquer. Portanto, é muito comunicável o trabalho de Helena Almeida.”

O curador principal reconhece que preparar uma mostra desta dimensão exigiu esforço, até porque as obras patentes vieram de diversas proveniências, incluindo de museus portugueses e de colecções privadas. “É a primeira vez que esta exposição é montada. Ela foi concebida para o espaço do MAM”, sublinha.

Nas palavras de Delfim Sardo, ainda que a mostra permita ver “um reflexo da afirmação das segundas vanguardas na arte portuguesa durante a década de 1970”, o trabalho de Helena Almeida “é tão original e idiossincrático que, embora participando dos movimentos artísticos do seu

tempo, tem especificidades que são únicas e que merecem ser vistas só por si”.

PROMOVER PARALELOS

Margarida Saraiva, co-curadora da exposição e representante do MAM, explica que, desde 2017, o museu tem vindo a desenvolver um programa dedicado à visibilidade das mulheres na arte. Embora a colecção do MAM já inclua criações de grandes artistas portuguesas – como Maria Helena Vieira da Silva (1908-1992), cuja obra é a mais antiga de uma mulher artista presente no acervo do museu –, a inexistência de trabalhos de Helena Almeida no espólio do MAM “é

particularmente significativa”, refere. “Esta exposição resulta, no fundo, da identificação dessa grande ausência.”

A co-curadora explica que a mostra se enquadra também numa nova filosofia para o MAM, procurando-se “produzir conteúdos originais” para o museu e estimular “um aprofundamento do diálogo entre a arte que trazemos cá, vinda de países europeus ou ocidentais, e a própria realidade local, não só de Macau, mas também do Interior da China”.

No seguimento desse diálogo intercultural, Margarida Saraiva revela que o MAM está a trabalhar numa outra retrospectiva de larga escala de uma artista portuguesa, desta feita Vieira da Silva, que será apresentada em diálogo com a obra da pintora chinesa Pan Yuliang

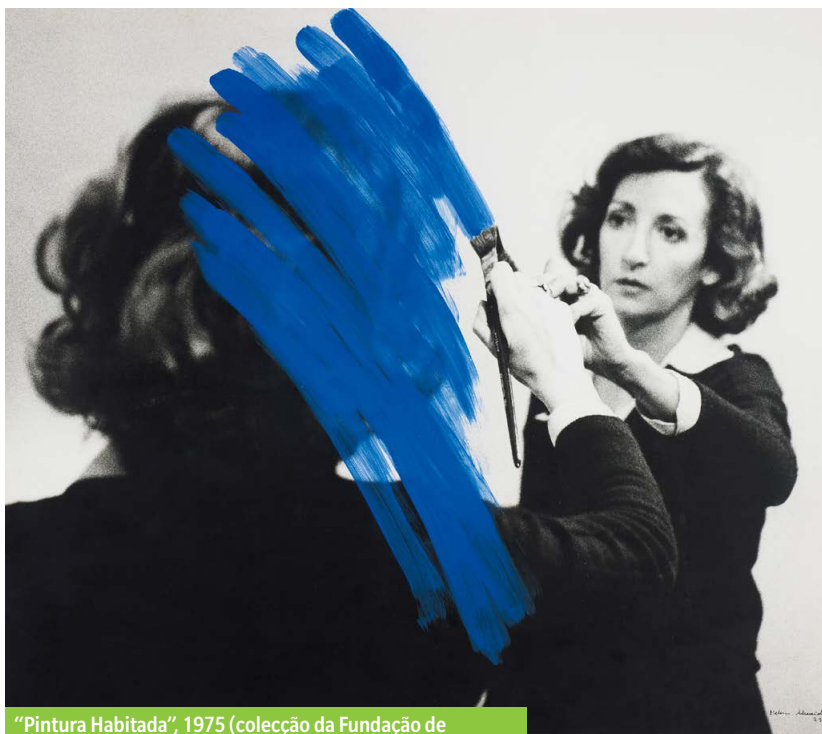


“O trabalho de Helena Almeida tem uma tal universalidade que muito facilmente as pessoas compreendem as suas grandes temáticas”

DELFIN SARDÓ
Curador principal



"Desenho Habitado", 1975 (coleção da Fundação Leal Rios, Lisboa, Portugal)



“Pintura Habitada”, 1975 (coleção da Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto, Portugal)

(1895-1977), sua contemporânea. “A ideia é criar paralelos”, sublinha a representante do museu.

Usando a obra de Helena Almeida como pretexto, foram encomendadas obras inéditas a três artistas contemporâneas de Macau – Pang Yun, Wong Weng Io e Angel Chan On Kei – e a outras três do Interior da China – Min Han, Gao Fuyan e Sun Xiaoyu. Os 14 conjuntos artísticos concebidos surgem na secção “Ressonância” da exposição.

O co-curador Song Zhen, artista e docente na Escola de Arte Intermédia da Academia de Arte da China, desempenhou um papel de relevo na preparação dessa parte da exposição. Segundo explica, as obras comissariadas dão continuidade à reflexão de Helena Almeida sobre a relação “entre corpo, espaço e identidade”.

As artistas não foram seleccionadas ao acaso, nota Song Zhen. No caso do trio proveniente do Interior da China, trata-se

de mulheres em cuja exploração artística anterior já eram visíveis ecos de aspectos também abordados por Helena Almeida. “Além disso, estavam disponíveis para novas explorações, para novos avanços nos seus percursos artísticos, o que valorizámos bastante.”

O co-curador refere o caso de Sun Xiaoyu. No vídeo que produziu para a exposição, decidiu incluir, pela primeira vez na sua obra, o próprio corpo, numa ressonância da prática artística desenvolvida por Helena Almeida.

Olhando para o conjunto da exposição, incluindo o contributo das artistas convidadas, Song Zhen afirma que “excedeu” as expectativas da equipa de curadores. “Esta exposição é, além de um tributo, também um diálogo.” ■



“Há a intenção de mudar um pouco a política do nosso museu, no sentido de produzir mais conteúdos originais e criar paralelos”

MARGARIDA SARAIVA

Co-curadora e representante do Museu de Arte de Macau



“Esta exposição é, além de um tributo, também um diálogo”

SONG ZHEN

Co-curador

EDIFÍCIO SEDE DO BNU: 100 ANOS A PULSAR NO CORAÇÃO DE MACAU

Texto **João F. O. Botas***

A icónica fachada cor-de-rosa na esquina da Avenida de Almeida Ribeiro com a Avenida da Praia Grande não passa despercebida a quem se prepara para entrar no Centro Histórico de Macau. O edifício sede do BNU – que hoje mescla o complexo original com um moderno prédio de escritórios – está a celebrar um século de existência



O edifício sede do BNU faz parte da lista de bens imóveis classificados de Macau

Desde a abertura da primeira agência em Macau do que é hoje o Banco Nacional Ultramarino, S.A. (BNU), a 20 de Setembro de 1902, que a construção de um edifício de raiz que servisse de sede local à instituição era uma aspiração. No entanto, tal só viria a ser realidade quase um quartel de século depois, materializando a importância do banco enquanto peça essencial no desenvolvimento económico da cidade, que não possuía então qualquer outra instituição bancária equiparável às existentes na vizinha Hong Kong.

O complexo que hoje recebe quem entra na Avenida de Almeida Ribeiro vindo da parte sul da península é uma metáfora da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM): reflecte a coexistência entre o moderno e o antigo, sendo um exemplo de sucesso de preservação de uma fachada histórica. O edifício original foi concluído em 1926, tendo sido alvo em 1997 de uma renovação profunda, que incluiu a construção em altura de um moderno prédio de escritórios, mas com a manutenção da fachada e colunatas da edificação inicial.

Pela sua relevância histórica e patrimonial, a sede do BNU faz parte da lista de bens imóveis classificados da RAEM, como “edifício de interesse arquitectónico”.

ENTRADA EM MACAU

A chegada do BNU a Macau no início do século XX confunde-se com as origens da moeda local, a pataca. O banco, fundado em Lisboa em 1864, estava já presente em Portugal e em diversos territórios sob administração portuguesa.

A 30 de Novembro de 1901, foi assinado um acordo entre o Estado português e o BNU, que levou à criação da filial de Macau no ano seguinte. Foi o primeiro e, durante várias décadas, único banco de cariz europeu na cidade.

Por esta altura, Macau não tinha moeda própria oficial. As trocas comerciais internas e externas realizavam-se em notas e moedas de prata e cobre chinesas e estrangeiras. Para alterar a situação, o BNU inicia, em 1905, a sua função como instituição emissora de notas em patacas, designação que se terá ido buscar à pataca mexicana, então muito popular como forma de pagamento no Extremo Oriente. As notas da primeira emissão, de 1906, tinham os valores de 1, 5, 10, 20, 50 e 100 patacas.

O BNU funcionou inicialmente no n.º 9 da Rua da Praia Grande (só “elevada” a avenida em 1994), próximo do Palácio do Governo. A agência seria transferida, em 1906, para o antigo Palácio das Repartições, igualmente na Rua da Praia Grande, no local onde está hoje o Edifício do Antigo Tribunal. Aí se manteria até à inauguração do edifício sede do banco.

DE HIPOTECA A SEDE

Lam Lin, Lam Ham Lin ou Lam Sin San: são várias designações para a mesma pessoa, um dos homens de negócios mais prósperos de Macau na transição do século XIX para o século XX. Entre os vários interesses comerciais que possuía, era proprietário de uma das maiores casas cambistas locais, a Si Fung, na Rua dos Mercadores. Era ainda dono de vários prédios e – importantemente – de um terreno localizado na Rua da Praia Grande, onde mandou construir em 1907 um prédio para habitação, que recebeu o n.º 67.

Reza a história que o vício do ópio foi a perdição do negociante, fazendo com que perdesse o controlo sobre a sua fortuna, nomeadamente sobre a actividade da casa cambista, onde alguns empregados terão desviado quantias avultadas. Os rumores depressa se espalharam pela cidade, dando aso a uma corrida aos depósitos por parte dos clientes. Com falta de liquidez,

a Si Fung foi encerrada e, por acção judicial, o outrora afluente empresário foi declarado falido em 1910.

Para liquidar parte das dívidas, Lam Lin vendeu propriedades e hipotecou o prédio n.º 67 da Rua da Praia Grande a favor da agência do BNU. Na sequência da sua morte, em Abril de 1920, e face à dificuldade dos herdeiros em assegurar os compromissos financeiros assumidos, foi determinada a expropriação de vários bens. Na listagem, estava incluído o edifício na Rua da Praia Grande, sendo mencionado nas “observações” da execução a expropriação de “parte do corpo principal da casa, quasi todo o jardim e outras dependências (...) com a área de 450 metros quadrados”.

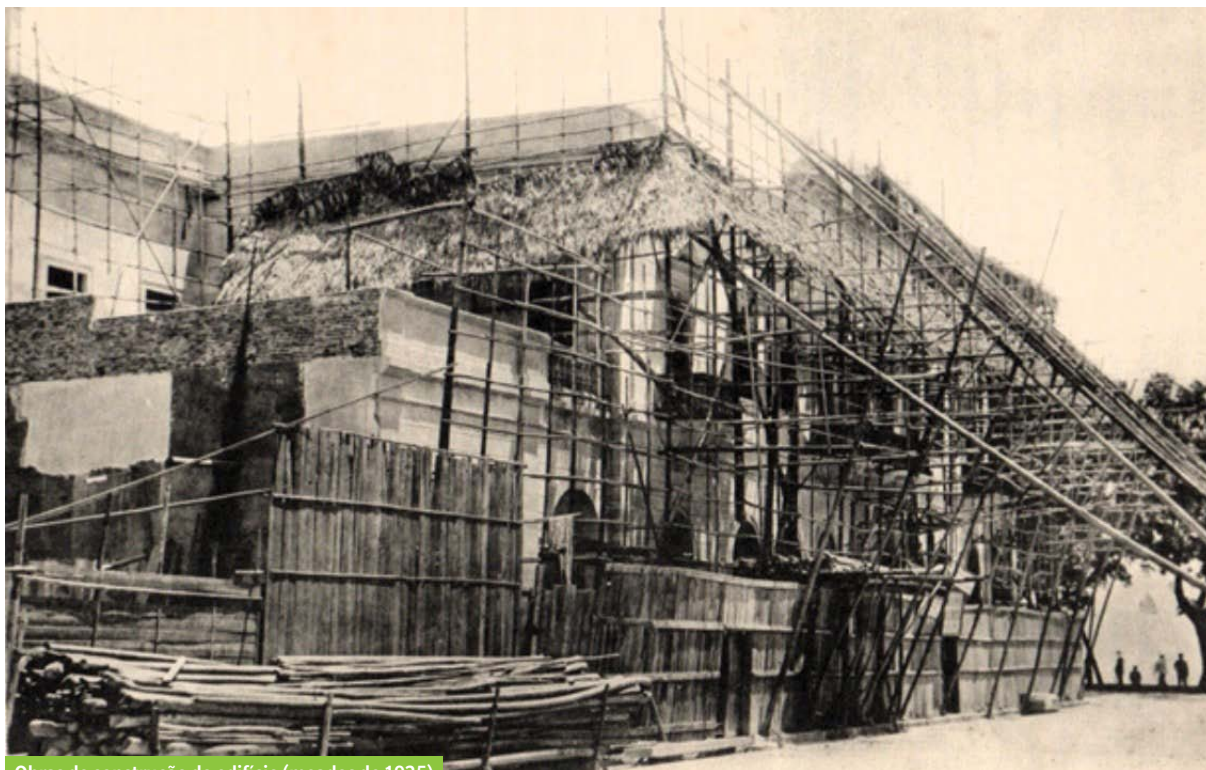
O imóvel passou a ser propriedade do BNU em 1923, sendo declarada extinta a dívida e cancelada a hipoteca. Em meados de 1924, o edificado existente no lo-

cal seria demolido para ali nascer a sede do banco.

LINHAS ARQUITECTÓNICAS

O edifício original da sede do BNU, que incluía a residência do respectivo gerente, foi projectado por Artur Rocha Schiappa Monteiro de Carvalho: militar de carreira, era formado em engenharia civil e viria, mais tarde, a ser director das Obras Públicas de Macau. Foi ainda projectista do Lar de Nossa Senhora da Misericórdia, outro complexo actualmente classificado como “edifício de interesse arquitectónico” pelas autoridades da RAEM.

As obras da sede do BNU ficaram a cargo do empreiteiro Ho-Loy, num contrato no valor de 130 mil patacas. A empreitada teve a supervisão de Manuel Monteiro Lopes, gerente do BNU de 1922 a 1927 e grande impulsionador do projecto.



Obras de construção do edifício (meados de 1925)

© DIREITOS RESERVADOS



O edifício sede do BNU é um exemplar de arquitectura neoclássica em Macau

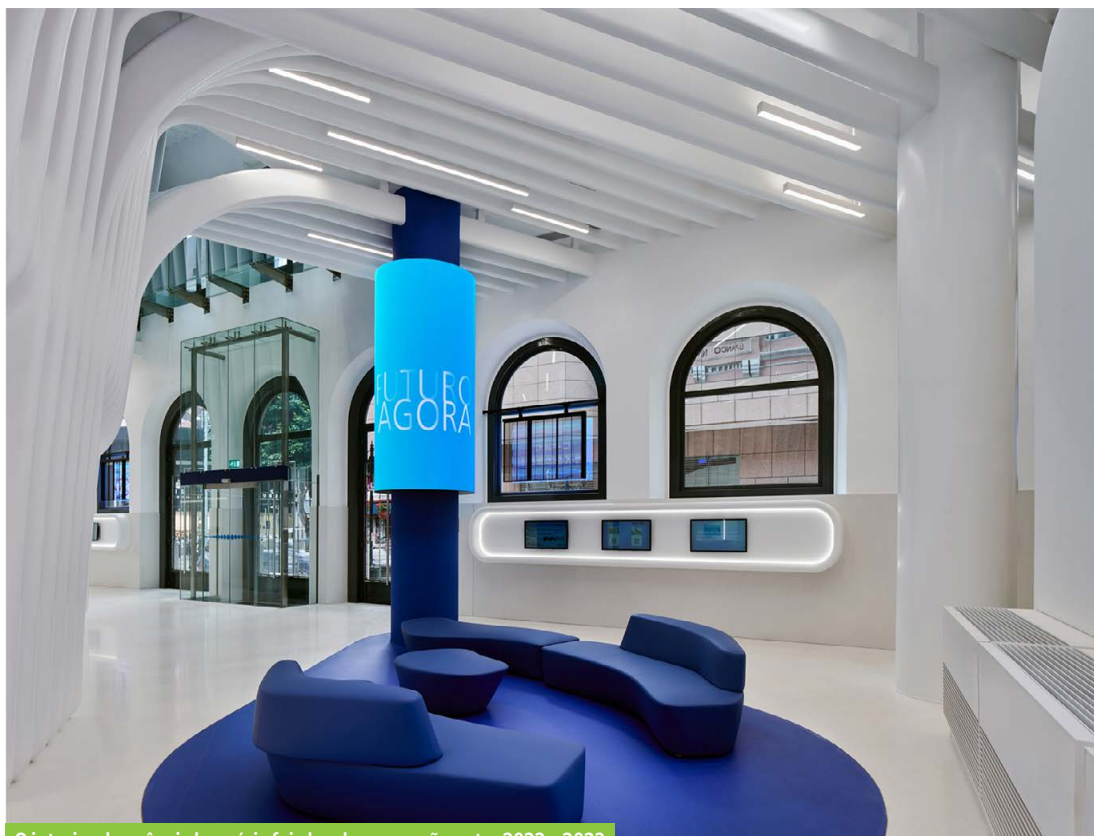
Exemplo da arquitectura neoclássica da década de 1920, o edifício de dois andares foi denominado na época como “Casa da Agência”, apresentando linhas sóbrias, com uma fachada imponente marcada por colunas e elementos decorativos que transmitiam solidez e confiança, características essenciais para uma instituição bancária da época.

As marcas do revivalismo clássico estão, por exemplo, nas vergas das grandes janelas, nos frontões triangulares e cornijas e nas grandes colunas redondas e balastradas em estilo romano. Um traço local do projecto foi a construção de arcadas ao longo do piso térreo, solução amplamente seguida em Macau para fazer face à chuva das monções.

O alçado principal estava virado para a recém-concluída Avenida de Almeida

Ribeiro, “com três portas que dão acesso ao rez-do-chão (...) e um portão que dá acesso a um pátio e comunicação para o primeiro andar e dependências”, pode ler-se em documento do registo predial. No relatório final da obra, datado de Janeiro de 1926, Schiappa Monteiro de Carvalho salienta a “satisfação de afirmar que todos os trabalhos executados no edifício (...) estão feitos com bons materiais e têm bom acabamento”.

Com uma localização excepcional, a sede do BNU em Macau depressa se tornou uma “âncora” entre as duas principais artérias da cidade em mudança, a Rua da Praia Grande e a Avenida de Almeida Ribeiro. Do outro lado da esquina – onde está hoje o Edifício Comercial Nam Tun –, erguia-se o New Macao Hotel, que rivalizava na oferta hoteleira do tipo



O interior da agência bancária foi alvo de renovação entre 2022 e 2023

ocidental com o Hotel Boa Vista (depois Hotel Bela Vista e actualmente Residência Oficial do Cônsul de Portugal em Macau e Hong Kong). Dois hotéis era mais do que oferta suficiente para uma pacata cidade que em 1926 tinha em circulação apenas 122 veículos motorizados, segundo registos oficiais.

INAUGURAÇÃO COM POMPA

Às 10h00 da manhã de 1 de Março de 1926, uma segunda-feira, a nata da sociedade local compareceu para a inauguração do edifício sede do BNU, numa cerimónia que contou com a presença do governador de Macau, Maia de Magalhães, do bispo D. José da Costa Nunes, “e tudo quanto Macau conta de mais distinto”, segundo notícia do jornal “A Pátria”, que acrescentava: “Impossível nos é, dar uma resenha dos nomes dos convidados, podendo afirmar que era quasi todo Macau.”

Ausente estava o poeta português Camilo Pessanha, que, em Macau, fora durante muitos anos advogado, juiz, professor do liceu e coleccionador de obras de arte. Duas horas antes, tinha morrido na sua residência, não longe da nova “casa” do BNU. Mas a notícia ainda não se espalhara e não ensombrou a inauguração.

Na altura, Macau estava em grande eferescência, com as obras do Porto Exterior a decorrerem a todo o vapor. Na imprensa da época, escrevia-se: “É grande e febril o movimento e azáfama do pessoal da companhia encarregada das obras (...). Não há dúvida e cremos não estar longe da verdade, se afirmarmos que antes de um ano o porto estará quasi concluído, se a actividade de agora se mantiver.”

O cinema sonoro era a grande novidade que atraía multidões ao Teatro Victoria, nas imediações da sede do BNU. Nos dias 1 e 2 de Março de 1926, tinha em exibição

várias películas com duas sessões, às 19h00 e às 21h30.

Na sua edição de dia 1 de Março de 1926, o jornal “A Pátria” informava: “Será hoje inaugurado o novo edifício da agência dêste banco em Macau (...) e o seu bom acabamento muito deve ao incansável gerente actual, Sr. Manuel Monteiro Lopes, que, com a sua pertinaz e assídua fiscalização, conseguiu alcançar o fim que tinha em vista, com o que muito se deve honrar. Fica, pois, aberto ao público desde hoje o novo e modelar edifício onde a referida agência passa a funcionar com a regularidade que sempre tem caracterizado tão acreditada instituição.”

O jornal voltaria ao tema a 3 de Março, com uma notícia publicada na primeira página: “Conforme estava anunciado, realizou-se, no dia 1 do corrente, a inauguração do belo edifício da Filial do B. N. Ultramarino nesta cidade, edifício este que, pela sua arquitectura e simplicidade, muito honra o seu architecto e a fiscalização superiormente dirigida pelo nosso simpático amigo e digno gerente, Sr. Monteiro Lopes. E se vários cabelos brancos lhe cresceram na sua constante fiscalização, com as arrelias havidas, a prova de simpatia que anteontem recebeu por parte [de quem] ali acorreu à inauguração, [deve tê-lo] compensado bem dos dissabores próprios em quem superiormente dirige uma obra daquele vulto.”

A notícia continua, notando que, após discursos do governador e do gerente, “os convidados visitaram as magníficas instalações do banco, sendo nesta ocasião servido profusamente o tradicional champagne”. Completada a visita, “os convidados espalharam-se pelo amplo átrio e salas do banco, tendo o nosso simpático amigo, Sr. Monteiro Lopes, recebido inúmeras felicitações... Quando nos retirámos, cerca das 11h30, cá fora crepitavam os panchões”.

O semanário “O Combate” noticia a inauguração na edição de 4 de Março:

“É um esplêndido edifício de que muito pode orgulhar-se o seu architecto nosso prezado amigo Sr. tenente-coronel Schiappa Monteiro e cuja construção foi com inexcusável carinho fiscalizada pelo digno gerente nosso bom amigo Sr. Monteiro Lopes.”

Só em 1934 serão dados ao imóvel, em definitivo, os números de porta 2 e 2A da Avenida de Almeida Ribeiro. Mais tarde, a numeração será alterada e hoje este ostenta como morada o número 22.

PREPARADO PARA O FUTURO

Em 1997, a sede do BNU foi objecto de profundas remodelações. A fachada e colunatas originais foram cuidadosamente preservadas, mantendo a integridade visual, enquanto o interior foi completamente renovado para as exigências do século XXI. Seguindo o projecto do architecto português Bruno Soares, há muito radicado em Macau, foi construído um moderno prédio de escritórios, com 17 andares, cuja fachada remete para o mastro de uma caravela, elemento-chave no logótipo original do banco.

Entre 2022 e 2023, o interior da agência bancária foi alvo de renovação, tarefa a cargo do estúdio local de arquitectura e design Impromptu Projects. Mais uma vez, a história não foi esquecida, com a simbologia da caravela presente na utilização de cascos de madeira em cor branca no design do átrio.

Hoje, o edifício não é apenas a sede da filial de Macau do BNU, mas do próprio banco. Isto porque, desde 2001, quando em Portugal o BNU foi incorporado no grupo Caixa Geral de Depósitos, Macau passou a ser o único local onde a entidade se manteve como marca própria. ■

** Jornalista, autor de vários livros sobre a história de Macau e criador do blogue Macau Antigo (macauantigo.blogspot.com)*

Estórias de luz e sombra

O teatro de sombras de Sichuan afirma-se como uma herança cultural viva, onde a sabedoria popular e o talento artístico provincial se entrelaçam

O teatro de sombras surgiu na China há mais de um milhar de anos, sendo uma das primeiras formas de entretenimento a recorrer aos princípios da luz e da sombra para contar estórias. Ainda hoje esta arte secular se mantém viva em várias regiões do país: em 2011, passou a integrar a Lista do Património Cultural Imaterial da Humanidade da UNESCO, num reconhecimento do seu impacto comunitário e riqueza artística.

Entre as diversas variantes que convivem a nível nacional, o teatro de sombras da província de Sichuan – ele próprio dividido em subvariantes – destaca-se como uma das expressões mais originais deste tipo de performance, com características próprias ao nível da estética, música e narrativas. Em 2008, foi inscrito na Segunda Lista Representativa de Itens do Património Cultural Imaterial Nacional.

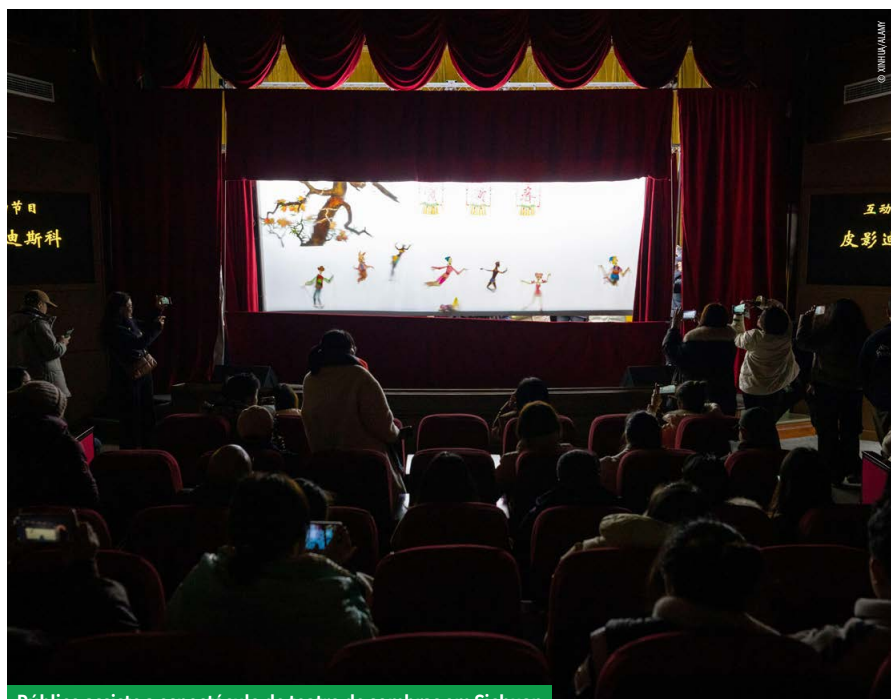
A essência do teatro de sombras de Sichuan recai na arte de contar estórias através de um jogo de contrastes entre luz e sombra. Para tal, é utilizado um pano branco translúcido como ecrã. Atrás dele, uma fonte de luz forte – tradicionalmente uma lâmpada a óleo; hoje, muitas vezes eléctrica – ilumina as figuras, tornando as suas imagens visíveis ao público do outro lado do pano.

Porém, a verdadeira singularidade desta arte não está na engenharia de palco, mas sim nas figuras minuciosamente trabalhadas em couro, saídas das

mãos de experientes artesãos. Cada exemplar é uma verdadeira obra-prima, marcada por traços exagerados e expressivos: os heróis têm sobranceiras espessas e olhos grandes; as personagens cómicas exibem sorrisos caricatos; e as figuras femininas distinguem-se pela sua elegância e graciosidade.

Os bonecos são feitos de pele semitransparente de boi ou de burro. Tingidos com cores vivas, ganham, no contraste com a luz, uma expressividade notável junto da audiência.

Cada figura é uma estrutura complexa, composta por cabeça, tronco e membros articulados, ligados por fios e varas que permitem uma impressionante amplitude de movimentos. Os mestres desta arte conseguem controlar três ou quatro varas ligadas



Público assiste a espectáculo de teatro de sombras em Sichuan



Mestre em plena apresentação, manipulando figuras

a um mesmo boneco, fazendo-o andar, correr, ajoelhar-se, rir ou até dar cambalhotas de forma ágil.

Fonte de diversão e identidade

A história do teatro de sombras de Sichuan remonta a vários séculos atrás. Embora a sua origem exacta permaneça incerta, sabe-se que já florescia no período intermédio da dinastia Qing (1644-1912), correspondente aos finais do século XVIII, altura em que se afirmou enquanto estilo próprio e cativante.

Ao contrário do teatro de sombras do norte da China, de carácter mais solene, o teatro de sombras de Sichuan é conhecido pelo seu tom alegre, cómico e popular, reflectindo o espírito sagaz, descontraído e bem-humorado da cultura local.

A música que acompanha esta variante possui um âmbito profundamente regional. Os sons de “suona” – instrumento musical de sopro tradicional chinês de timbre penetrante – aliam-se

a ritmos marcados por elementos de percussão, incluindo gongos e tambores. A isto, somam-se segmentos vocais que usualmente incorporam elementos de canções populares das montanhas de Sichuan.

As narrativas são inspiradas na história chinesa e nas lendas e contos populares do país – como o clássico “Viagem ao Ocidente”, da autoria do poeta e escritor Wu Cheng’en. No entanto, os enredos também reflectem os costumes e tradições de Sichuan, por exemplo, através da inclusão de expressões de dialectos locais nas falas.

No passado, o teatro de sombras era uma das principais formas de entretenimento dos habitantes de Sichuan. Em festividades, nos casamentos e nas feiras, era habitual a presença de uma companhia de teatro de sombras convidada. Homens e mulheres, jovens e idosos, todos se reuniam para assistir. Para muitos, aquele era não apenas um momento de entretenimento, mas também uma forma de aprender a história e os valores nacionais.

Para preservar este património cultural intangível, algumas localidades de Sichuan, como a capital provincial Chengdu ou Mianzhu, criaram nas últimas décadas centros dedicados à divulgação do teatro de sombras, procurando formar uma nova geração de herdeiros da tradição. Muitas escolas locais introduziram também nas suas actividades oficinas e iniciativas ligadas ao teatro de sombras, para que as crianças possam conhecer e apreciar esta forma de arte comunitária. ■

Texto extraído da edição n.º 124 da coluna especial “Um Vislumbre da Cultura Chinesa”, iniciativa do Macao Daily News em colaboração com o Diário de Notícias

DO RECREIO AO DESPORTO DE ALTO NÍVEL

Texto **Vítor Rebelo**

Entre o som ritmado da bola e o entusiasmo dos jovens atletas, o ténis de mesa assume-se como uma paixão que atravessa gerações em Macau. O desporto, profundamente enraizado nas escolas locais, tem vindo a ganhar dimensão graças ao investimento em formação, torneios internacionais e à chegada de estrelas como Zhu Yuling

Popularmente conhecido como “pingue-pongue”, pelo som característico da pequena bola branca a saltar de um lado ao outro da mesa, o ténis de mesa é hoje um dos desportos mais praticados em todo o mundo. A sua popularidade deve-se, em grande parte, à simplicidade: basta uma mesa, duas raquetes, uma bola e vontade de jogar. Pode praticar-se em quase qualquer lugar – em pavilhões, garagens, recreios escolares ou mesmo ao ar livre – e talvez por isso a modalidade continue a conquistar geração após geração.

Em Macau, poucas serão as escolas que não contam com, pelo menos, uma mesa de ténis

de mesa. É usualmente nos intervalos das aulas, entre risos e reflexos rápidos, que muitos jovens descobrem a paixão pela modalidade e, em alguns casos, o talento que mais tarde os levará às competições federadas.

Ao contrário de muitos outros desportos, que lutam por espaço nas escolas e por novos praticantes, o ténis de mesa já faz parte do quotidiano escolar, estando enraizado como uma actividade de lazer acessível e, ao mesmo tempo, uma excelente forma de exercício físico. E é essa presença natural nas escolas que acaba por funcionar como uma ponte para o alto rendimento, com os futuros campeões a começarem

muitas vezes a sua viagem num simples jogo entre colegas que desperta o gosto pela competição e abre caminho à descoberta de novos valores.

É também com base nesta realidade que a Associação Geral de Ping-Pong de Macau consolidou uma política de formação voltada para os mais jovens. A criação da Escola de Ténis de Mesa Juvenil, apoiada pelo Instituto do Desporto (ID) do Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), deu novo impulso à modalidade.

Lançado em 2003, o programa de “escolas de formação” na área do desporto – que conta com a participação de associações lo-



Actividades para captação de talentos para a Escola de Ténis de Mesa Juvenil realizam-se anualmente

cais – pretende identificar talentos e oferecer condições de treino adequadas para transformar promessas em atletas de elite. O ténis de mesa integrou o plano em 2007, juntando-se a outras modalidades, como o futebol, o ténis, o wushu e o karaté. Desde então, o crescimento tem sido sustentado.

FORMAR PARA COMPETIR

O programa de “escolas de formação” tem como principal objectivo descobrir e desenvolver jovens talentos. A iniciativa, que nasceu para reforçar a base do

desporto local, aposta numa estratégia progressiva: primeiro, a selecção dos jovens com maior potencial; depois, a sua integração em programas de treino mais estruturados.

Segundo os planos delineados, após a fase inicial de captação, os participantes iniciam um período de treino regular e sistemático, que pode variar entre uma e três sessões por semana, consoante a modalidade.

No caso do ténis de mesa, a selecção dos atletas promissores é conduzida por um grupo de treinadores experientes nomeados

pela Associação Geral de Ping-Pong de Macau. O Departamento de Treino integra jogadores seniores e equipas de diferentes escalões etários – sub-19, sub-15 e sub-12 –, além de atletas mais novos oriundos das escolas de ténis de mesa e dos programas de férias.

Actualmente, o universo de praticantes ronda os 600 a 700 membros registados, de acordo com dados fornecidos pela mesma associação. A aposta na formação de base e na continuidade do treino técnico visa garantir uma nova geração de

atletas capazes de representar Macau em competições regionais e internacionais.

O staff técnico das equipas de treinamento engloba actualmente quatro treinadores, enquanto a escola de ténis de mesa tem oito monitores no seu quadro de pessoal.

A formação de jovens atletas em Macau continua a ser um dos pilares para o fortalecimento do ténis de mesa. O processo de orientação dos praticantes mais novos baseia-se não apenas na resistência física e psicológica, mas também na sensibilidade e capacidade técnica de cada candidato.

Antes de chegarem às mesas de treino, os futuros atletas passam por um rigoroso processo de

selecção. Os candidatos são agrupados e submetidos a testes de avaliação que aferem velocidade, reacção e flexibilidade. A partir desses resultados, os treinadores identificam os jovens com maior potencial e seleccionam os mais qualificados para programas de treino metódicos, intensivos e regulares.

A aposta na formação visa garantir, a longo prazo, o desenvolvimento sustentado da modalidade. Segundo disse à Revista Macau o treinador principal das equipas de ténis de mesa, Wong Chong Fan, “com a cooperação e apoio do ID, o número de alunos tem aumentado gradualmente e no momento actual integra mais de 200 praticantes, recrutados

nas provas de selecção que a Escola de Ténis de Mesa Juvenil leva a efeito todos os anos”.

Wong Chong Fan acrescenta que a faixa etária para a selecção é entre os sete e os 14 anos, sublinhando que anualmente se inscrevem “várias centenas de candidatos”. Estes são depois seleccionados pelos técnicos ao serviço da associação, sendo que os treinos para cada escalão são realizados às terças, quintas, sábados e domingos, em recintos como o Centro Desportivo Lin Fong ou nas instalações do Centro Desportivo Olímpico do Estádio da Taipa.

PALCO PRIVILEGIADO

A RAEM tem tido o privilégio de acolher, nos últimos anos, algu-



Atletas de Macau He Chon Fai (esq.) e Wang Chun (dir.) em competição nos Jogos Nacionais

mas das mais prestigiadas competições internacionais de ténis de mesa, o que tem despertado um notório aumento de interesse pela modalidade entre os jovens locais.

Provas de grande destaque, como as Taças Mundiais, masculina e feminina, e os torneios da série World Table Tennis (WTT) – ambos supervisionados pela Federação Internacional de Ténis de Mesa (ITTF, na sigla em inglês) –, assim como a mais recente edição dos Jogos Nacionais em Novembro de 2025, trouxeram a Macau alguns dos melhores mesatenistas a nível internacional.

“O ténis de mesa de Macau tem registado um desenvolvimento significativo nos últimos anos”, afirma Wong Chong Fan, sublinhando que, “desde 2020, Macau tem acolhido consistentemente a série WTT, evoluindo do inicial WTT Macau para o WTT Champions Macau, estabelecendo-se como uma paragem fundamental no circuito internacional”.

O WTT Champions é uma série de torneios de elite que engloba os 32 melhores jogadores do mundo – nas categorias masculinas e femininas – em eventos individuais separados.

Desde o primeiro torneio WTT organizado na RAEM, em 2020, a ITTF tem vindo a organizar também o “Dia do Ténis de Mesa” em simultâneo com as finais da competição, aproveitando a presença das estrelas mundiais da modalidade para reforçar o impacto do evento.

O objectivo da ITTF passa por aproximar o público local deste

desporto, dando a conhecer as suas virtudes e incentivando a prática da modalidade, mostrando as oportunidades que o ténis de mesa pode oferecer a todas as gerações.

INSTALAÇÕES QUE GARANTEM QUALIDADE

O ténis de mesa em Macau vive um dos períodos mais vibrantes da sua história. Segundo o técnico das selecções de Macau e antigo jogador, nas últimas duas décadas o Governo da RAEM “melhorou substancialmente as instalações desportivas, ao mesmo tempo que, ao recrutar treinadores do Interior da China e enviar atletas locais para treinar no Interior da China, elevou significativamente os padrões competitivos”.

Para Wong Chong Fan, “está a surgir uma nova geração de jogadores locais, enquanto o recrutamento de atletas de classe mundial, como Zhu Yuling, contribuiu fortemente para o avanço histórico que Macau registou na 15.^a edição dos Jogos Nacionais”.

O treinador reconhece que as provas internacionais organizadas na cidade têm “contribuído substancialmente para o desenvolvimento do ténis de mesa na região”, sublinhando que esses eventos anuais “atraem os melhores jogadores do mundo para competir na RAEM, permitindo aos residentes assistir de perto a jogos de nível mundial e aumentando consideravelmente a visibilidade de Macau na comunidade internacional do ténis de mesa”.

Ao mesmo tempo, “os torneios proporcionam aos jogadores locais oportunidades inestimáveis de competir contra adversários de elite”. O técnico recorda, a título de exemplo, a presença de Ho Chun Fai e Koon Cheuk Lam na edição de 2025 do WTT Champions Macau. Destaca ainda que os atletas locais conseguiram entradas wildcard para a Taça Mundial de 2025 e para o WTT Champions, “o que motiva directamente os jovens atletas e eleva o nível da competição local”.

O técnico, contudo, sublinha que o progresso só é possível com uma rotina competitiva sólida. “Eles têm a possibilidade de participar anualmente em várias provas e intercâmbios internacionais”, explicou, referindo-se, entre outras, ao Campeonato de Ásia Oriental de Ténis de Mesa – Taça de Esperança.

“Estamos empenhados em facilitar os intercâmbios entre os jovens de Macau e os atletas estrangeiros, promovendo assim o ténis de mesa entre as gerações mais jovens”, realça o responsável.

Segundo Wong Chong Fan, Macau acolhe mais de dez torneios locais de ténis de mesa por ano, incluindo singulares seniores masculinos e femininos, provas por equipas acima dos 19 anos, singulares juniores e juvenis, campeonatos sub-19, competições infantis, a Taça de Comemoração de Ho Yin e a Taça da Associação de Ténis de Mesa, bem como outros eventos por faixas etárias. “Os atletas de Macau

têm oportunidades de intercâmbio internacional durante todo o ano”, acrescenta.

CAMPEÕES E MOTIVAÇÃO EXTRA

A nível interno, o impacto de figuras de renome mundial também tem sido decisivo. Wong Chong Fan destaca que “a chegada da atleta chinesa Zhu Yuling a Macau exerceu uma influência significativa e positiva na comunidade local de ténis de mesa”.

A atleta subiu para a quinta posição no ranking mundial da ITTF após a vitória no WTT Champions Doha, em Janeiro do corrente ano.

Zhu Yuling, que durante vários anos representou a China, passou a defender as cores de Macau em 2023. Natural da cidade de Mianyang, na província de

Sichuan, a atleta de 31 anos mudou-se para Macau ao abrigo do Regime jurídico de captação de quadros qualificados da RAEM, em vigor desde Julho de 2023.

O sector do desporto passou assim a integrar a estratégia das autoridades locais para “elevar a capacidade de inovação, a competitividade e o prestígio internacional de Macau”, recorrendo às “capacidades técnicas e experiência profissional dos quadros qualificados”, conforme se lê no diploma.

A chegada de Zhu Yuling marcou, assim, uma nova etapa no desenvolvimento do desporto em Macau, enquadrada na política de recrutamento de talentos de “elevada qualidade”.

Sob o lema “Cidade do Desporto”, esta política tem atraído atletas que optam por continuar as suas carreiras na RAEM. Zhu Yuling tornou-se, assim, uma verdadeira estrela do desporto local, com potencial para inspirar as gerações mais jovens e, no futuro, contribuir para o desenvolvimento da modalidade também fora das competições.

O seu palmarés fala por si: várias medalhas de ouro em Taças Mundiais e Jogos Asiáticos, tendo, em 2017, alcançado o topo do ranking internacional, depois de vencer a compatriota Liu Shiwen na final da Taça Mundial, realizada no Canadá.

O técnico da selecção de Macau fala com entusiasmo sobre Zhu Yuling, frisando que o impacto da atleta se manifesta “principalmente em três áreas”. A primeira diz respeito às “conquistas inovadoras”, uma vez que a jo-

gadora alcançou o quarto lugar na prova individual feminina dos Jogos Nacionais, estabelecendo um novo recorde como “o melhor desempenho de sempre” de Macau neste evento nacional.

A segunda prende-se com “a transferência de conhecimentos técnicos”. Como atleta de elite, “o seu envolvimento elevou directamente a proficiência técnica e tática geral da equipa de Macau, a par da experiência em competições importantes”, sublinha o responsável.

Por fim, o treinador destaca “o papel motivacional e exemplar” de Zhu Yuling, salientando que “a sua ética profissional e desempenhos de alto nível estabeleceram um modelo tangível para os jogadores locais, particularmente a geração mais jovem, aprendem de perto, galvanizando grandemente a comunidade local de ténis de mesa”.

RESULTADOS E BENEFÍCIOS

Ao lado de Zhu Yuling, observa o técnico, os jogadores de Macau “estão a deixar a sua marca no cenário asiático e internacional”. Entre os exemplos dessa “geração emergente”, estão os irmãos Zhang Zijun e Zhang Zicheng – conhecidos como os “irmãos do pingue-pongue” –, que já começaram a competir em provas internacionais. O mais velho, Zhang Zijun, chegou mesmo a defrontar o consagrado Fan Zhendong – actual campeão olímpico – no WTT Champions Macau de 2022. “Eles são considerados uma nova força em crescimento”, nota Wong Chong Fan.



“O ténis de mesa de Macau tem registado um desenvolvimento significativo nos últimos anos”

WONG CHONG FAN

Treinador principal das equipas de ténis de mesa



© CHENG WAI VA

Zhu Yuling ocupa actualmente a quinta posição do ranking mundial

Falando sobre a política desportiva local, e no contexto das vantagens do princípio “um país, dois sistemas”, o treinador defende que Macau pode integrar-se “profundamente” no sistema nacional de desenvolvimento desportivo, “facilitando o acesso a recursos de treino, apoio técnico e oportunidades de intercâmbio no Interior da China”.

Por outro lado, impulsionada pela chamada “economia de eventos”, a RAEM tem vindo a acolher “regularmente eventos de primeira linha”, como os Jogos Nacionais e as provas WTT. Estes eventos, afirma Wong Chong Fan, não só “elevam o perfil internacional de Macau, mas também integram modalidades competitivas com iniciativas de desporto para todos, fomentan-

do assim o desenvolvimento do desporto local”.

O responsável não tem dúvidas de que a 15.^a edição dos Jogos Nacionais – organizada conjuntamente por Guangdong, Hong Kong e Macau, e cujas provas de ténis de mesa decorreram na cidade – “teve um impacto positivo no futuro imediato” da modalidade. Aclamada como “a competição mais difícil do mundo”, a realização do torneio na RAEM “aumentou significativamente a visibilidade da modalidade”.

Wong Chong Fan enalteceu também os “amplios benefícios físicos e psicológicos” da prática do ténis de mesa. Com base em “pesquisas académicas abrangentes e recursos acessíveis”, as suas principais vantagens incluem a “melhoria da função

neurológica, aumentando a velocidade de reacção, a coordenação motora e a agilidade mental”, realça o técnico.

Como actividade que “envolve todo o corpo”, o ténis de mesa “fortalece a aptidão cardiovascular e estimula o metabolismo”, afirma o responsável, acrescentando que “os movimentos frequentes e os golpes com a raquete fortalecem os músculos e os ossos, melhorando a condição física”.

Além disso, “acompanhar o movimento da bola tem um impacto positivo na prevenção da miopia e alivia a fadiga ocular”, explica.

No campo psicológico, o técnico destaca que esta prática estimula a libertação de “substâncias químicas do bem-estar” pelo cérebro, “auxiliando na redução do stress e promovendo uma visão positiva”. ■

Cavalo em marcha

Foto-reportagem
de **Cheong Kam Ka**

Macau recebeu em festa o Ano Novo Chinês, dedicado ao Cavalo e que teve oficialmente início a 17 de Fevereiro. Por toda a cidade, foram diversas as actividades organizadas para dar as boas-vindas ao novo período zodiacal, tudo com o objectivo de atrair prosperidade e boa sorte. Além de locais, milhares de turistas associaram-se às festividades: durante a chamada “Semana Dourada do Ano Novo Chinês”, entre 15 e 23 de Fevereiro, Macau recebeu 1,55 milhões de visitantes, tendo sido estabelecido no dia 19 – terceiro dia do novo ano – um recorde diário absoluto, com a entrada de perto de 228 mil turistas.



Feira das Vésperas do Ano Novo Lunar



Desfile do Dragão Gigante Dourado



Venda de pivetes e ventoinhas de papel



Parada de Celebração do Ano do Cavalo



Zona de queima de panchões



Palmilhar o mundo, *eleger Macau*

Prestes a completar quatro décadas e meia em Macau, **Rui Cunha** é um nome incontornável do Direito, mas também um exemplo incomum de dedicação ao interesse público. Com um percurso ímpar, e depois de exercer funções em paragens tão distintas como Inhambane, Díli ou Moçâmedes, fixa-se em Macau, terra com a qual construiu a mais duradoura das afinidades e onde encontrou a maior das dádivas: dar sem nada esperar em troca

Texto **Marco Carvalho**

Nasceu, quase por casualidade, sob o sol equatorial de Bombaim, já a Segunda Guerra Mundial flagelava o mundo. Rui José da Cunha é fundamentalmente como português, talhado nas sete partidas do mundo, que se vê e se entende a si mesmo.

Estudava em Lisboa – cidade onde o sonho do Direito se entrelaçou com a paixão pela fotografia e pelo cinema. Em 1975, encontra-se no sul de Angola onde desempenha o cargo de juiz, depois de ter exercido funções como magistrado do Ministério Público em Portugal, Moçambique e em Timor-Leste.

Depois da experiência angolana, julgou o capítulo além-fronteiras encerrado, mas um telefonema às quatro da madrugada de um longínquo domingo de 1981 tudo mudou. Do outro lado da linha estava Stanley Ho Hung Sun, com quem viria a trabalhar 29 anos. É pela mão do magnata que se fixa em Macau e presencia, em 1999, a suave transferência da administração de Macau para a China. Impávido e sereno, Rui Cunha já há muito tinha feito da cidade parte fundamental da sua vida.

1 Os bastidores do poder

Caprichoso, o destino empurra Rui Cunha para Macau 12 anos depois do percurso do então jovem magistrado se ter cruzado pela primeira vez com a cidade. Em 1969, uma breve paragem em Hong Kong, no âmbito da longa e demorada viagem que o levou a Timor-Leste, proporcionou-lhe um efémero vislumbre da cidade onde acabaria por se radicar.

Na intensa década que se seguiu, o mundo transfigurou-se, mas o vendaval da mudança ignorou Macau. Quando regressa, no Verão de 1981, Rui Cunha encontra uma cidade confrangida pela irrefreável marcha do tempo, à margem da modernidade. Nos anos que se seguiram, então na qualidade de consultor jurídico da Sociedade de Turismo e Diversões de Macau (STDM), Rui Cunha torna-se testemunha privilegiada dos processos de decisão que transformaram e modernizaram a cidade. A partir do Hotel Lisboa, onde Stanley Ho tinha o seu quartel-general, a empresa assume, em meados da década de 1980, um papel insofismável na modernização e no desenvolvimento económico de Macau.

“Diria que os dois centros de poder em Macau seriam o Palácio da Praia Grande e o Hotel Lisboa. O Stanley Ho dizia, ‘Logo à tarde vou lanchar com o governador’. Juntava os assistentes, levava uma série de questões e quando voltava dizia ‘Eis o que temos de fazer e o que não podemos fazer’. Todas as grandes mudanças em

Macau saem do Hotel Lisboa e do Palácio da Praia Grande”, assinala o advogado.

O Hotel Lisboa e o Grand Lisboa, argumenta ainda, são também – e inquestionavelmente – exemplos perfeitos do vanguardismo de Stanley Ho que se tornaram ícones de Macau por mote próprio.

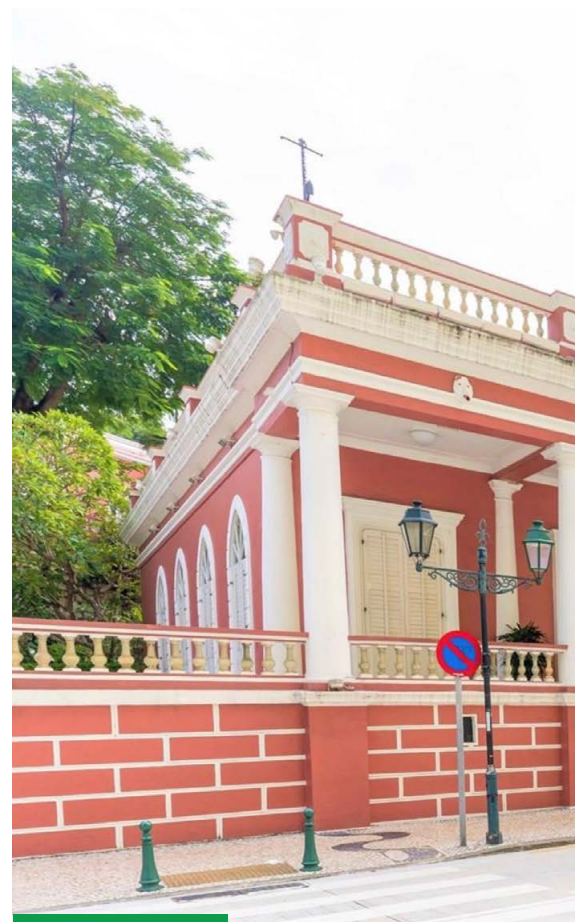
2 O dever de bem receber

Os dois edifícios dividem opiniões, mas não deixam ninguém indiferente. A estreita língua de asfalto que os separa tornou-se ponto de romagem obrigatória para quem desagua em Macau. “O Hotel Lisboa é um ícone estranho, diferente, como o Stanley gostava de fazer e veio a fazer depois, ainda com maior magnitude, com o Grand Lisboa. São edifícios que fazem parar multidões naquela esquina, um mar de gente entre os dois prédios”, salienta o causídico. “Goste-se ou não da arquitectura, o Grand Lisboa marca Macau. É um ícone da cidade. Toda a gente que por aqui passa o fotografa”, acrescenta Rui Cunha.

Na penumbra do Grand Lisboa, indiferente às hordas de visitantes que assomam a Macau, o Clube Militar de Macau permanece um refúgio, sereno e acolhedor, no coração da cidade. Mas se ainda hoje é um incontornável ponto de encontro da comunidade é porque três mãos cheias de associados se uniram, em meados da década de 1980, para o resgatar de uma sorte anunciada. Rui Cunha fazia parte desse grupo.

“Em 1983, o Almirante Almeida e Costa, influenciado pelo então Chefe de Estado-Maior, quis fazer retornar o clube à sua vocação original. Quis acabar com o Clube e fazer com que o espaço regressasse às Forças de Segurança, para que servisse como cantina das Forças de Segurança. Era no Clube Militar que quem vinha de Portugal travava os primeiros conhecimentos e a decisão criou muitos pruridos”, recorda o veterano advogado.

“Se tal não bastasse, o Clube acumulava dívidas, perdia dinheiro e o Governador, natu-



Clube Militar de Macau

ralmente, fechou a torneira a eventuais subsídios”, conta Rui Cunha. Num ano, esse grupo de 15 pessoas deu a volta à situação. De largos milhares de dívida passámos a 120 mil patacas de lucro. O Clube Militar, ao qual estou ligado desde 1982, tem para mim uma relevância muito especial”, reconhece o causídico, ainda hoje presidente do Conselho Fiscal da organização.

3 Refúgio, paliativo e santuário

Depois de percorrer as extensas savanas de Moçambique, de des-

bravar as íngremes montanhas de Timor-Leste e as dunas cor-de-ouro do Namibe, Rui Cunha não conseguiu iludir a consternação que as ruas estreitas e o casario compacto de Macau lhe causaram. A adaptação a Macau, reconhece, não foi fácil, nem expedita.

“Um dos grandes choques que senti foi a sensação de que estava fechado entre muros de betão. As paredes representavam a essência da cidade e aquilo a que eu estava habituado em África e, em certa medida, em Portugal, era muito diferente. Lá encontrá-

vamos verde por todo o lado. Eu sentia a falta disso”, admite.

Em Macau, Rui Cunha combateu a angústia que a ausência de grandes espaços lhe causava com incursões regulares a Coloane: “Muitas vezes, depois de um dia muito atarefado, se chegasse a casa cansado, era capaz de pegar no carro, atravessar a Ponte [Nobre de Carvalho] e dar uma volta pelas ilhas. Ia até Coloane, parava em dois ou três sítios, a olhar, a ver, a sentir a Natureza.”

A maior das ilhas de Macau manteve-se como um lenitivo para o cansaço do corpo e para as ânsias da alma durante a década de 1980 e a primeira metade da década de 1990, altura em que os grelhados do ex-polícia Albino dos Reis Pirão atraíam ao alto da Estrada do Campo parte significativa da comunidade portuguesa de Macau.

“Em Coloane, onde está agora a antiga prisão de alta segurança, havia um barracão onde funcionava o Pirão. O Pirão era um polícia reformado que fazia grelhados à moda antiga, com a carne a ser preparada sobre um grande braseiro. A certa altura – meio a brincar, meio a sério –, dizia-se que o Pirão tinha mudado de nome para ‘llegal’, porque ele não tinha licença para ocupar aquele espaço. Mas comia-se muito bem”, conta Rui Cunha.

“Aos domingos, as pessoas iam lá em peso. Olhávamos para o lado e estava o chefe de Estado-Maior, o juiz, fulano e sicrano”, recorda. “A determinado momento, acabaram por convencer o homem a sair dali e ele abriu um



© INSTITUTO CULTURAL DE MACAU

espaço mais pequeno no bairro do Iao Hon, mas acabou por desaparecer pouco depois.”

4 Onde se escuta o marulhar da história

Estreitada entre arranha-céus, a tênue curvatura da avenida remete, sem que muitos disso se apercebam, para uma realidade esbatida, com tanto de inimaginável, como de longínquo. O nome – Praia Grande – é hoje um equívoco consentido e já o era parcialmente quando Rui Cunha se radicou em Macau. No dealbar da década de 1980, a orla há muito tinha sido empurrada para longe das arcadas clássicas do que fora outrora a margem da cidade.

Elo inequívoco entre a Macau antiga e a urbe moderna, a artéria pulsa com uma centralidade indesmentível, ponto de passagem e de convergência para milhares de almas em transumância que partem à descoberta do casco antigo da cidade. É lá, a meio termo entre a Rua do Campo e a desembocadura da Avenida de Almeida Ribeiro, que Rui José da Cunha instala, em 2012, a sua maior obra.

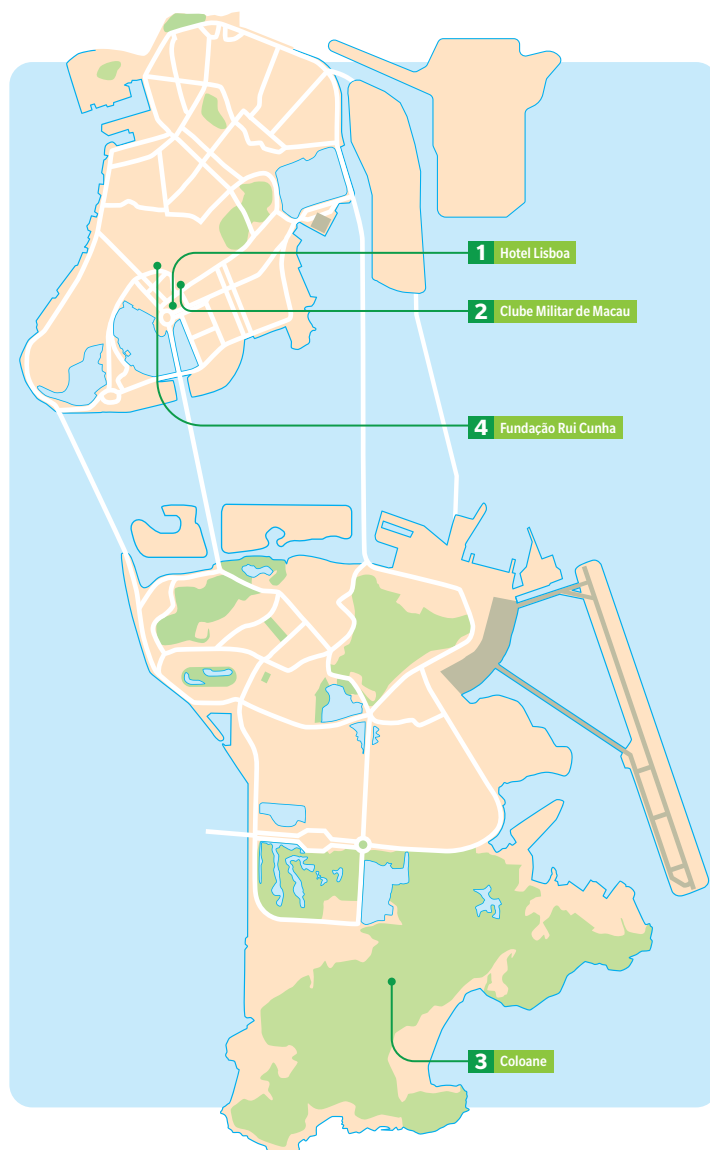
“Em 2011, concluímos a aquisição do edifício onde o C&C Advogados estava instalado e foi essa compra que me permitiu idealizar tudo aquilo em que a Fundação se tornou: uma zona que agora é um centro de educação e a parte da galeria, com um espaço muito aberto para o exterior, de maneira a chamar a atenção. Fomos, desde então, adaptando as nossas actividades para que a Fundação se mante-

nha uma estrutura ao serviço das pessoas”, refere.

Instituída há quase uma década e meia, a Fundação Rui Cunha é uma referência incontornável do panorama artístico e cívico de Macau. É também um reflexo vibrante do rumo que o seu fundador procurou, desde cedo, incutir ao seu percurso.

“Quando avançámos para a criação da Fundação, decidimos fazer ao contrário de todas as outras fundações. Desde logo, decidimos

que não íamos mendigar subsídios. Em vez de organizar eventos de três em três meses, decidimos promover diferentes iniciativas de três em três dias. Por fim, decidimos direccionar as nossas actividades para aqueles que mais necessitavam delas, os jovens de Macau”, elenca o veterano advogado. “A Fundação será, porventura, aquilo que melhor reflecte a minha personalidade, de às vezes ser mais dedicado aos outros do que a mim mesmo”, remata Rui Cunha. ■



Bacalhau com *identidade*

Diz o povo português que há mil e uma maneiras de fazer bacalhau. Serão, pelo menos, mais uma ou duas, à conta da imaginação de **Cristiano Tavares**, o chef que colocou o emblemático peixe no minchi macaense e que o quer agora a navegar na mesa das sobremesas



Texto **Margarida Vidinha**

Fotografia **Oswald Vas**

É um segredo mal escondido que a antiga Vila da Taipa é o sítio da cidade com maior variedade gastronómica por metro quadrado. A contribuir para essa diversidade há quase três anos, está um estabelecimento que dá ao bacalhau o papel de protagonista: o Macalhau é um projecto do chef português Cristiano Tavares, radicado em Macau desde 2012.

Nascido e criado em Vila do Conde, no norte de Portugal, Cristiano Tavares é um empreendedor de mão-cheia: surge agora associado a uma gelataria – à portuguesa, claro –, além de ter assumido recentemente a posição de chef executivo no hotel Rocks, na Doca dos Pescadores, a propósito de uma segunda unidade do Macalhau.

“Tudo começou em 2007, quando decidi estudar cozinha”, conta. “Como no interior [de Portugal] é onde se come bem, encontrei a Escola de Hotelaria e Turismo do Fundão.”

Ainda estudante, arregaça as mangas, coloca o avental e realiza estágios curriculares em vários hotéis conceituados. Nesse percurso, destaca duas experiências: no Sheraton Porto Hotel & Spa e no Mercure Porto Centro Santa Catarina.

Findo o percurso académico, volta à terra natal para começar a vida profissional a sério. Porém, pouco depois, em Dezembro de

2012, já está a rumar a Macau para trabalhar no restaurante António, também na antiga Vila da Taipa. “Apareceu a oportunidade, para a qual enviei o currículo, fui à entrevista e fui selecionado”, recorda.

Após alguns anos a trabalhar com o icónico chef António Neves Coelho, falecido em 2025, surgiram novos desafios, que o levaram a largar a gastronomia portuguesa e a lançar-se para novos saberes e sabores. Liderou a cozinha de um restaurante que se dedicava exclusivamente à confecção de lagostas – “um conceito novo” em Macau na altura, diz – e pisou as cozinhas de complexos hoteleiros como o Grand Hyatt Macau e o MGM Macau. Virou-se depois para a cozinha alemã e liderou duas cervejarias associadas à marca germânica Paulaner: uma em Macau e a outra no lado de lá da fronteira, em Hengqin.

Com um currículo já cheio, faltava-lhe a concretização de um sonho. “Sempre foi um objectivo abrir um espaço próprio. É muito difícil sairmos do conforto de um bom emprego num hotel ou numa grande empresa, mas era algo que tencionava fazer o mais cedo possível e não adiar para quando fosse mais velho”, conta. Foi do sonho que nasceu o Macalhau.

FILHO DE PEIXE SABE COZINHAR

Cristiano Tavares vem de uma família de pescadores, da zona de Caxinas, em Vila do Conde, terra de onde partiam tradicionalmente muitos homens para a apanha

do bacalhau, nos mares frios do norte da Europa. Esse foi o caso do seu avô, antes de amealhar poupanças suficientes para comprar o próprio barco de pesca.

“O meu avô ia para a pesca, ainda era eu muito novo. Tenho muitas memórias com ele à mesa, a comer um género de uma ‘desfeita’ que ele fazia, onde passava o bacalhau só na brasa”, partilha. “Depois, desfiávamos o bacalhau, cortávamos umas rodelas de cebola e regávamos tudo com muito azeite.” Dessas memórias, ganhou corpo o conceito do Macalhau. “É um tributo ao meu avô”, afirma o chef.

O nome do estabelecimento surgiu em forma de ode às gentes da terra que o adoptou. Bacalhau é oralmente conhecido em cantonense como “maa gaai yau”; além disso, o nome “Macalhau” é também “um jogo de palavras entre Macau e bacalhau”, refere Cristiano Tavares.

No menu, os clientes podem encontrar bacalhau com todos: o peixe é o ingrediente estrela, seja nos pratos principais ou nos petiscos, das pataniscas aos bolinhos ou folhados. Não faltam os “clássicos”, seja o bacalhau com natas, o bacalhau à lagareiro ou o bacalhau à Brás.

Para apreciadores de novidades e de gastronomia de fusão, sobressai no cardápio o minchi de bacalhau. “É um prato de autor e um tributo a esta terra. Já é um dos mais famosos” do restaurante, assegura Cristiano Tavares. Se, na versão mais consensual desta iguaria tradicional da culinária macaense, os prin-



No Macalhau, o bacalhau é a estrela, seja nos pratos principais ou nos petiscos

cipais componentes são um refogado de carne picada – vaca, porco ou mistura – com batatas cortadas em cubos pequenos e fritos, servido com um ovo estrelado por cima e arroz branco, no Macalhau, a proteína, claro está, é bacalhau.

“Os macaenses acham piada, depois provam e vêem que é um prato que está bem pensado e bem confeccionado”, afirma o chef.

O bacalhau não é actor único. Para os amantes de carne e de pratos do norte de Portugal, há duas opções no Macalhau que não passam despercebidas: a francesinha à moda do Porto e a francesinha poveira. Esta última é uma variação da francesinha original que é feita com pão de cacete e que não apresenta ovo no topo.

Cristiano Tavares garante que é um adepto de novas ideias na sua cozinha, desde que o resultado final “saiba bem e que os chefs respeitem o produto”. Em lume brando na panela da inovação,

está uma sobremesa de bacalhau, que pretende lançar em breve.

DOS GELADOS À PENÍNSULA

Junto ao Macalhau nasceu, recentemente, a gelataria “Gelados de Portugal”, também um projecto de Cristiano Tavares. “É uma casa dedicada a estes famosos gelados artesanais de Aveiro”, diz.

Na vitrine da gelataria, a oferta vai da castanha com vinho do Porto ao pastel de nata, da banana da Madeira ao chocolate com suspiros e à bolacha Maria. Tudo para fazer crescer água na boca.

Cristiano Tavares explica que, “pelo nome e pelo tipo de produto”, sentiu que “era muito interessante” trazer a marca “Gelados de Portugal” para Macau. “Os gelados são feitos em fábrica, por causa da elevada procura, com respeito pelos métodos artesanais”, e depois importados para este lado do mundo.

O chef acredita que o facto de a gelataria na Taipa estar bem

localizada, numa zona com muito tráfego pedonal, não só vai atrair turistas como muitos portugueses residentes em Macau que já ouviram falar da “Gelados de Portugal” original. Não é de estranhar que, por isso, já haja planos para expandir o conceito para novas localizações.

Em expansão está definitivamente o Macalhau, rumo à península de Macau, tomando conta do restaurante Vic’s, no hotel Rocks, na Doca dos Pescadores.

“É um espaço emblemático em Macau. Tem uma vista fantástica para o terminal marítimo e para a Ponte da Amizade”, diz Cristiano Tavares.

Com tantos projectos em mãos, o chef explica que o segredo passa por uma gestão apurada. Na base de tudo, sublinha, está a equipa que o acompanha. “Tenho tido a sorte de me rodear de bom pessoal ao qual delego responsabilidades: só em equipa é que conseguimos crescer.” ■

ESPECTÁCULO

Cidade feita palco a céu aberto

Organizado pelo Instituto Cultural, o Desfile Internacional de Macau é parte integrante do calendário artístico anual da cidade. Desde a primeira edição, em 2011, que a organização convida grupos de artes performativas de todo o mundo para participarem na iniciativa, lado a lado com artistas locais, de forma que, com os seus trajes e estilos distintos, proporcionem a residentes e turistas um ambiente alegre e festivo.

Na edição de 2026, o desfile volta a arrancar junto das Ruínas de São Paulo, realçando a paisagem única do Centro Histórico de Macau. A última paragem é a Praça do Lago Sai Van, onde decorre o espectáculo final.



O evento tem lugar sob o conceito de “Amor, Paz e Integração Cultural”, visando promover a interacção e o intercâmbio com base nas artes e cultura. Associadas ao desfile, serão realizadas várias actividades nos dias 28 e 29 de Março, no espaço Anim’Arte NAM VAN.

Desfile Internacional de Macau 2026

Local Ruínas de São Paulo (ponto de partida) até Praça do Lago Sai Van (ponto de chegada e espectáculo final)

Data 29 de Março

Preço Entrada gratuita



EXPOSIÇÃO

Negociantes que mudaram Macau



Ao longo da história de Macau, o comércio sempre foi uma das principais forças motrizes da cidade. O Arquivo de Macau, através da exposição “Posicionamento nas Rotas Comerciais – Comerciantes de Macau nos Arquivos Históricos”, propõe-se a explorar o tema, com foco em vários homens de negócios da era moderna de Macau, recorrendo para isso a uma selecção de documentos do seu acervo.

A mostra apresenta nomes que ainda hoje ecoam pela cidade, quanto mais não seja pela sua ligação a espaços históricos. Por exemplo, é salientado o papel que Lou Cheok Chi (1848-1907) – também conhecido por Lou Kau ou Lou Wa Sio – teve na indústria do jogo e no comércio do tabaco.

Faz-se igualmente referência, entre outros, ao Conde de Senna Fernandes (1815-1893). Nascido no seio de uma prestigiada família macaense, haveria de fazer nome como comerciante, mas também desempenhar papel de relevo nas esferas política, económica e social locais. Primeiro nomeado barão, depois visconde, foi elevado a conde meses antes da sua morte.

“Posicionamento nas Rotas Comerciais – Comerciantes de Macau nos Arquivos Históricos”

Local Arquivo de Macau

Data Até 26 de Abril

Horário Diariamente das 10:00 às 18:00, encerrando às segundas-feiras e feriados

Preço Entrada gratuita

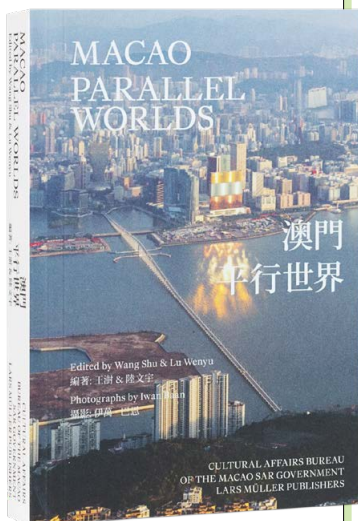
LIVRO

Ponto de paralelos

A Macau contemporânea figura como uma urbe marcada por uma conjugação dinâmica de tipologias contrastantes, onde coexistem escalas, funções e linguagens arquitectónicas diversas. A complexidade da cidade ganha formato papel neste livro, coordenado pelos arquitectos de renome internacional Wang Shu e Lu Wenyu, do Interior da China, e ilustrado com imagens captadas pelo famoso fotógrafo neerlandês de arquitectura Iwan Baan.

O volume, intitulado “Macao: Parallel Worlds”, publicado no ano passado, sintetiza o trabalho de co-curadoria que Wang Shu e Lu Wenyu levaram a cabo a propósito da exposição “Mundos Paralelos”. A mostra representou Macau na 19.ª Exposição Internacional de Arquitectura La Biennale di Venezia, tendo sido inaugurada em Maio de 2025.

Tal como a exposição, o livro divide Macau em quatro “mundos paralelos”: a cidade histórica; a cidade dos resorts de entretenimento e lazer; a cidade moderna; e a cidade digital. Ao longo destas diferentes visões, a fotografia de Iwan Baan traça a relação entre a arquitectura, a paisagem urbana e o ambiente natural de Macau.



Macao: Parallel Worlds

Classificação Temática Arquitectura, fotografia

Autores Wang Shu e Lu Wenyu (editores)

Idiomas Inglês, Chinês Tradicional

PÁGINAS 256

Edição Instituto Cultural de Macau e Lars Müller Publishers

Preço MOP300

NA REDE

Farol da Guia por mares digitais

Macau é uma cidade portuária e, por isso, garantir a entrada segura nos seus portos sempre foi uma prioridade das autoridades. Ao longo dos tempos, foram adoptados diversos equipamentos de apoio à navegação, que desempenharam um papel importante na história marítima local.

A exposição “Um Século de Vigília – 160 anos do Farol da Guia e 10 anos da Gestão das Áreas Marítimas”, que pretende revisitar esse património, está agora disponível em registo online, após a inauguração em formato físico no Museu Marítimo em Outubro do ano passado. O objectivo, segundo os organizadores, é “facilitar o acesso” a todos os interessados.

A visita virtual à exposição dá a conhecer em detalhe a evolução da gestão marítima em Macau ao longo do último século, bem como a história do Farol da Guia. Este último, que entrou em funcionamento em Setembro de 1865, foi o primeiro farol moderno no Extremo Oriente.

Para os interessados em visitar a exposição em formato físico, esta está patente até 8 de Junho, nas instalações do Museu Marítimo. A entrada é gratuita.



“Um Século de Vigília – 160 anos do Farol da Guia e 10 anos da Gestão das Áreas Marítimas”

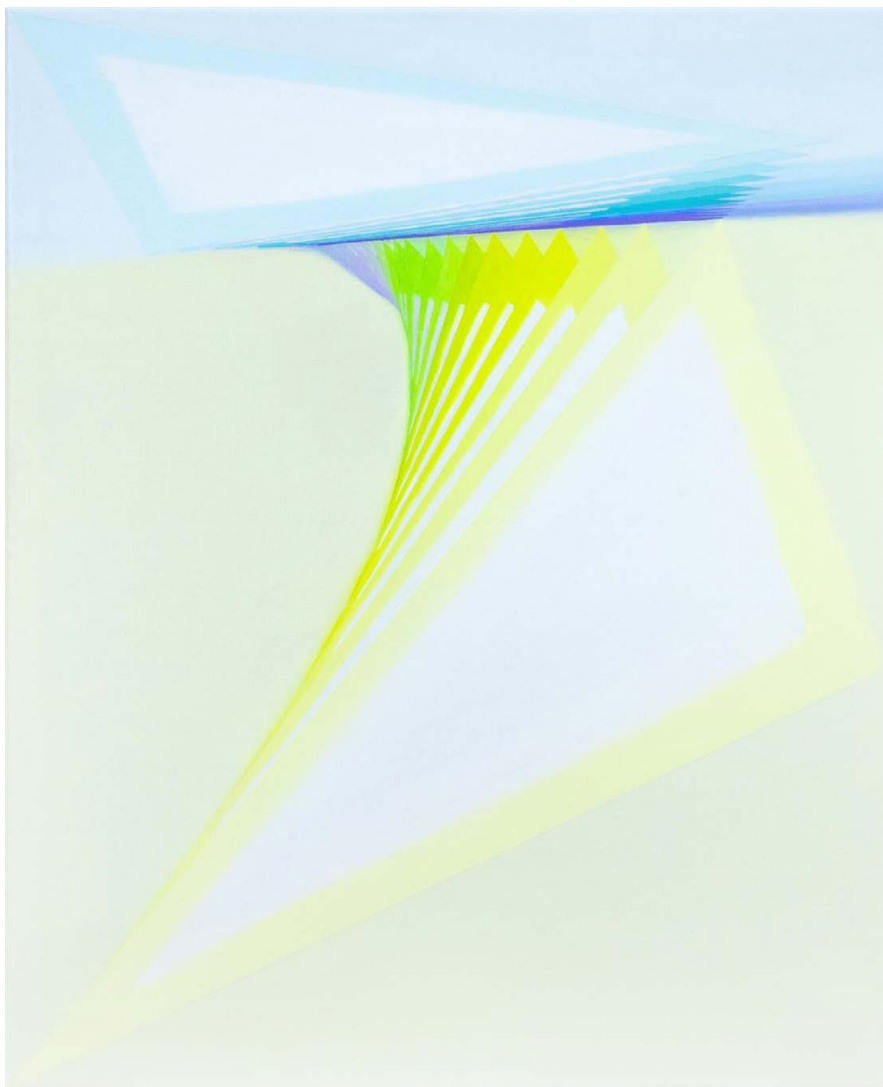
Organização Museu Marítimo da Direcção dos Serviços de Assuntos Marítimos e de Água

Classificação Temática Exposição virtual

Idiomas Português, Inglês, Chinês Tradicional, Chinês Simplificado

Website <https://www.marine.gov.mo/mm/vr/Lighthouse/pt/index.html>





Sequência Dimensional
2020-11 (2023)

Óleo sobre tela
(40 cm comprimento x 50 cm altura)

Lei Ieng Wai

Nascido em 1986 em Macau, o artista especializou-se em pintura a óleo na Academia de Belas Artes de Guangzhou, na província de Guangdong. Aí, obteve uma licenciatura, em 2008, a que se seguiu um mestrado, que completou em 2012.

Na sua obra, Lei Ieng Wai – também conhecido por Sylviye Lei – procura emular as cores e frieza mecânica dos néones, utilizando a pintura a óleo como forma de expressão. O foco maior é uma ex-

ploração das vivências em meio urbano contemporâneo.

Além da Grande China, as suas pinturas já estiveram patentes em Singapura, na Malásia, Austrália, Portugal, França e nos Estados Unidos da América. Foi um dos representantes locais na edição de 2023 da Arte Macau: Bienal Internacional de Arte de Macau. Tem também trabalho desenvolvido como educador no campo das artes visuais. ■

把握中葡商機

中葡商貿導航

與您同航

A CONDUTA DO COMÉRCIO CHINA-PLP

O parceiro vosso na rota de oportunidades
de negócios sino-lusófonos



服務SERVIÇO

-  商貿諮詢 Consultoria de negócios
-  轉介約見 Encaminhamento ou encontro
-  成立公司 Constituição de empresas
-  產品或服務的供求配對 Emparelhamento de produtos e serviços
-  宣傳推廣 Publicidade e promoção
-  舉辦或參與活動 Realização ou participação em actividades
-  投資項目配對 Emparelhamento de projectos de investimento
-  簽訂合作協議 Celebração de acordos de cooperação



更多服務資訊，請聯絡
Para mais informações, por favor contactar

 +853 8798 9724

 daspf@ipim.gov.mo

 +853 2872 7123

中文



Português





澳門大賽車博物館
MUSEU DO GRANDE PRÉMIO DE MACAU
MACAO GRAND PRIX MUSEUM

*Sintam o
Museu do Grande Prémio
Adquira o seu bilhete
no museu ou online*



ESTÁTUAS DE CERA DE PILOTOS

As estátuas de cera foram produzidas e de propriedade da Madame Tussauds

EXPERIMENTAR UM DIA DE COMPETIÇÃO



MOTO DESCONSTRUÍDA



Add: Rua de Luís Gonzaga Gomes n.º 431, Macau



(853) 8593 0515, (853) 8593 0516

<https://mgpm.macaotourism.gov.mo>



DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO